



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Departamento de Letras e Artes
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS



DERIVALDO DAS VIRGENS SANTOS

**FÉ, LUTA E ARTE NA CIDADE DE ARACI:
AS FESTAS DA CULTURA E DA IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA**

Feira de Santana, Bahia
2016

DERIVALDO DAS VIRGENS SANTOS

**FÉ, LUTA E ARTE NA CIDADE DE ARACI:
AS FESTAS DA CULTURA E DA IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientador: Professor Doutor Adeitalo Manoel Pinho

Feira de Santana, BA
2016

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado

S234f Santos, Derivaldo das Virgens
Fé, luta e arte na cidade de Araci : as festas da cultura e da
identidade afro-brasileira / Derivaldo das Virgens Santos. - Feira
de Santana, 2016.
133 f.: il.

Orientador: Adeítalo Manoel Pinho.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de
Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2016.

1. Cultura - Araci, BA. 2. Negros - Identidade racial. I. Pinho,
Adeítalo Manoel, orient. II. Universidade Estadual de Feira de
Santana. III. Título.

CDU: 008(814.22)

DERIVALDO DAS VIRGENS SANTOS

**FÉ, LUTA E ARTE NA CIDADE DE ARACI:
AS FESTAS DA CULTURA E DA IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PROGEL Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Aprovada em 12/09/2016

Prof. Dr. Adeitalo Manoel Pinho
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS
Orientador

Profa. Dra. Elizete da Silva
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

Profa. Dra. Edil Silva Costa
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

A Omulu, Dono da Terra, orixá da medicina, por ter me proporcionado condições positivas para o término desta pesquisa; ao meu orientador, Prof. Dr. Adeitalo Manoel Pinho, o qual dispôs de muita paciência na coautoria deste e de muitos outros trabalhos científicos; ao Grupo de Estudos Literários Contemporâneos: Da Literatura de jornal ao sistema literário pela Universidade Estadual de Feira de Santana e a toda a minha família, pelo incentivo, contribuições religiosas e financeiras.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por terem investido tempo, recursos financeiros e acompanhamento integral em meus estudos, em minha vida.

Aos meus irmãos Francisco Domingos Virgens dos Santos e Rosimeire das Virgens Santos Alves, por esclarecimentos, orações em meu favor, investimentos pedagógicos e financeiros sem os quais não teria chegado até aqui.

A Professora Mestre Silvania Capua Carvalho, pelas informações constantes, apoio acadêmico; pelas obras cedidas e outras vezes sugeridas para leituras, como também por muitos incentivos; pelas discussões nos cursos na Bahia e em Sergipe.

Ao Médico Veterinário, incentivador e colaborador, Alexssandro Santos da Anunciação, por todo apoio voluntário desde a preparação para o Mestrado até o presente momento.

A Doutora Maria da Conceição Pinheiro Araújo, pelos incentivos, observações e referências bibliográficas.

As colegas, Sandra Regina de Andrade Moura e Patrícia Costa de Santana, pelas obras cedidas e discussões no que se diz respeito às atividades no Mestrado.

Ao meu orientador, Professor Doutor Adeitalo Manoel Pinho, pela parceria, incentivos, compreensão, direcionamentos, cobranças, franqueza. Esse Professor Doutor é sinônimo, para mim, de buscas a fim de serem obtidos os conhecimentos capazes de discernir o que seja visivelmente bom para o meu crescimento. Sinto-me com mais resiliência depois desses dois anos de constantes orientações. Por isso não canso de dizer: Muito obrigado, Doutor!

Ao confrade Danilo Cerqueira Almeida, por imensos incentivos e contribuições literárias.

Aos funcionários da Universidade de Feira de Santana (UEFS), especialmente Aos do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, sobretudo a pessoa de “Dona Branca” por inúmeras informações, contribuições nas aulas e cobertura nos eventos da turma. Aos colegas de curso, pela amizade, trocas e incentivos.

*Há tanto tempo que estamos aqui nesta terra brasileira
Caminhando com saudade exclusividade é a liberdade
Viemos na fúria do mar vivemos na fúria do mandar
Um homem lustre mandou queimar toda nossa história*

*E lá na escola nos ensinam ter vergonha
Temos nosso jeito temos nosso próprio cheiro
Nosso cabelo é duro não conhecemos preconceitos*

*Somos livres e queremos ser assim
Sempre livre desejamos ser assim
Jogo capoeira sou a voz da resistência
Sou a massa reggaeira massa firme verdadeira*

Na escola, Edson Gomes e Banda Cão de Raça

RESUMO

Este trabalho pretende descrever em que medida se dá a presença negra através das expressões artísticas, religiosas e corporais ao tomar como tríplice análise, a priori, a Oficina de Artes de Araci, o Terreiro de Candomblé Ylê Axé Jitolobi e o Grupo de Capoeira Gangara, todos localizados na cidade de Araci - Estado da Bahia. A presente pesquisa foi construída através de leituras de autores que estudam as expressões culturais, sobretudo em relação às festas populares, artísticas e religiosas - bem comuns no referido município. Através dessa pesquisa com base a análise de obras, de acervos públicos e acervos particulares foi possível notar que os negros aracienses e os não nascidos em Araci, de certa forma, estão representados nas instituições culturais. Constatou-se que, embora não estejam os negros locais em posição socioeconômica a eles satisfatórias dadas às imposições dos sistemas econômico e financeiro do passado e do presente históricos, eles se mostram conscientes de suas identidades frente à sociedade atual - pois são e se mostram como cidadãos.

Palavras-chave: Cultura. Libertação. Identidade. Expressões.

ABSTRACT

This paper aims to describe the extent to which gives the black presence through artistic expressions, religious and body to take as triple analysis, a priori, the Araci Arts Workshop, Terreiro Candomblé Ylê Axé Jitolobi and Grupo Capoeira Gangara, all located in the city of Araci - State of Bahia. This research was built through readings of authors who study cultural expressions, especially in relation to popular, artistic and religious festivals - quite common in the municipality. Through this research based on the analysis of works of public and private collections it was noticeable that aracienses blacks and not born in Araci, in a way, are represented in the cultural institutions. It is noted that, although they are not local blacks in socioeconomic position them satisfactory given the impositions of economic and financial systems of the past and the historical present, they show themselves aware of their front identities to modern society — as they are and show how citizens.

Keywords: Culture. Liberation. Identity. Expressions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Portal (marco da cidade) uma das principais entradas da cidade	32
FIGURA 2 – Distância da UEFS à cidade de Araci	33
FIGURA 3 – Igreja da Matriz, construída em 1859, hoje Igreja Nossa Senhora da Conceição, na cidade de Araci	58
FIGURA 4 – Atual Igreja Nossa Senhora da Conceição	59
FIGURA 5 – Erasmo de Oliveira Carvalho	64
FIGURA 6 – José Brígido da Silva	64
FIGURA 7 – Carlos Raimundo Mota	65
FIGURA 8 – José Carlos Mota	65
FIGURA 9 – Edvaldo da Silva Pinho	65
FIGURA 10 – Daniel de Almeida Ramos	65
FIGURA 11 – José Eliotério da Silva Zedafó	65
FIGURA 12 – Maria Edneide Torres Silva	65
FIGURA 13 – Antônio Carvalho da Silva Neto	66
FIGURA 14 – Quadro do Executivo Municipal	66
FIGURA 15 – Notícias de Araci	74
FIGURA 16 – Crime sem resolução	75
FIGURA 17 – A capoeira em Araci	75
FIGURA 18 – Festa religiosa	76
FIGURA 19 – Momento em que os veículos com água chegam a Araci	81
FIGURA 20 – Momento em que os cidadãos aracienses vão abastecer as latas com água	82
FIGURA 21 – Cabana do Caboclo Boiadeiro, festa 2015	84
FIGURA 22 – Preparação para a festa de Boiadeiro	91
FIGURA 23 – Batizado de capoeira	95
FIGURA 24 – Corda Verde	96
FIGURA 25 – Corda amarela	97
FIGURA 26 – Corda azul	97
FIGURA 27 – Corda branca	97
FIGURA 28 – Corda vermelha	98
FIGURA 29 – Treinamento do Grupo de capoeira Gangara	100
FIGURA 30 – A praia de Araci – Açude do Poço Grande – 18 km da Sede	103
FIGURA 31 – Presença feminina na capoeira	104
FIGURA 32 – Ensaiando para o arraiá da muié, 2016	112
FIGURA 33 – Apresentação na cidade de Salvador	113

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FÉ, LUTA E ARTE ARACIENSES	19
2.1 O contexto das cidades	27
2.2 A cidade de Araci, no Estado da Bahia	30
2.3 Hidrografia do Município de Araci	33
2.4 Divisões administrativas do Município de Araci	34
2.5 A liberdade e a liberdade em Araci	34
2.6 A memória e a memória cultural	36
2.7 O poder nas interações com a sociedade	39
2.8 Relações sociais X representações sociais	41
2.9 Sentimento negro: a Bahia como o lugar de conquistas	45
2.10 As relações negras com a oralidade	48
2.11 As relações entre o Estado e o negro	49
2.12 Identidade, poder, política e liberdade em Araci	51
2.13 As relações étnicas	54
2.14 Oprimidos e Opressores	56
3 O MUNICÍPIO DE ARACI ONTEM E HOJE: AVANÇOS E PERSPECTIVAS EM RELAÇÃO À VIDA URBANA	58
3.1 A política no município de Araci	60
3.2 A procura pela liberdade: situação atual do negro em Araci	69
3.3 O Jornal Folha dos Municípios: contribuição para a população	74
3.4 O Centro Cultural de Araci	80
3.5 Contexto Histórico do Ylê Axé Jitolobi	83
3.6 As festas culturais no Ylê Axé Jitolobi	91
3.7 O Grupo de Capoeira Gangara na cidade de Araci	95
3.8 Presença feminina na capoeira em Araci	103
3.9 A Oficina de Artes de Araci	112
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	121
ANEXOS	128

1 INTRODUÇÃO

As cidades nasceram da probabilidade dos homens em querer o desenvolvimento de si mesmos em relação com os seus correspondentes do passado histórico: os homens que tinham que viver da caça, da pesca; homens que tinham que viver como nômades, isto é, parados numa planície; parados numa floresta; parados à margem de um rio. De certo modo, o homem procura, há muito tempo, novas formas de viver buscando sua própria subsistência, mesmo que seja necessário subjugar outros cidadãos. De igual maneira, a cidade de Araci foi fundada pelo “Capitão” José Ferreira de Carvalho, em 1812, e era conhecida como a cidade do Raso e, antes da emancipação (libertação) política, pertenceu aos Municípios de Tucano e Serrinha.

Através do Município de Araci, Estado da Bahia passa o Rio Itapicuru, Rio do Peixe, Rio da Roda, além da existência do Açude do Poço Grande e da Barragem do Maracujá. O bioma é a caatinga. O município tem através do Poço Grande, situado a dezoito quilômetros do centro da cidade de Araci, seu maior ponto turístico. A cidade de Araci fica a aproximadamente 210 quilômetros de Salvador e a 100 quilômetros da UEFS, levando em consideração o local de saída do referido município. A área territorial do Município de Araci, é grande. E esse município pertence à região nordeste do mesmo Estado. Segundo o Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), no que se refere às coordenadas geográficas de Araci, a “Latitude é 11° 19' 58" Sul (S); enquanto a Longitude é 38° 58' 01" Oeste (W). Tem por Altitude: 272m; e Área de 1576,3 Km²

A palavra livre, segundo o filólogo, linguista e etimólogo Antônio Geraldo da Cunha (2000, p. 478), quer dizer “[...] que pode dispor de sua pessoa, que não está sujeito a algum senhor; não ocupado, solto, descomedido, espontâneo | XII, libre | [...]”. A liberdade é um direito ligado por natureza a todo ser consciente de suas condições cidadãs, como por exemplo, o direito de expressarem-se. Ainda de acordo com o etimólogo, o vocábulo, - memória, significa “Lembrança, reminiscência (século XIII). Do lat. mēmōria, de memor – ōris que se lembra, relacionado com meminisse [...]” (CUNHA, 2000, p. 512). A História que é vivida pela sociedade não está desunida dos acontecimentos os quais são contadas, pois um fato pode se mostrar interdependente da outro, daí ser fundamental cultivar a memória e a memória cultural para que os cidadãos não esqueçam dos sofrimentos que os seus ancestrais passaram para que hoje seja possível usufruir da liberdade cultural e de expressões negras.

As influências físicas e não físicas com as quais os homens que administram a relação de poder, no caso os opressores, sobre os cidadãos locais que têm as suas vidas administradas, nesse caso, os oprimidos podem causar distanciamentos nas interações sociais. A relação

entre esses opostos (opressores X oprimidos) foi percebida em todo o Brasil Colônia, principalmente, – embora haja relações parecidas em muitas partes do Território Nacional. Mas, é no Estado da Bahia – em especial no município de Araci, que essa interação esteve mais presente antes, e no cotidiano.

As relações sociais podem fazer com que os cidadãos em uma determinada cultura desejem perceber os costumes positivos ou negativos dentro de um contexto social, oportunizando assim propósitos de melhoria nas interações sociais frente à identidade deles e, de certa forma, provocar outras relações entre os cidadãos outros lugares. Com a História da escravidão do negro, muitos sonhos começariam a ser realizados, mesmo de dentro das senzalas, até os grandes canaviais. A Lei Eusébio de Queirós¹ para o Brasil foi a possibilidade do primeiro degrau para a tão esperada (e desejada) liberdade. O território baiano recebeu forte influência, sobretudo de religiões de matriz africana, na culinária e nas expressões artísticas, através da chegada dos negros escravizados, pois é comum nas religiões de matrizes africanas o aprendizado acontecer através da oralidade a fim de observar os acontecimentos passados e, dessa forma, eles possam obter conhecimentos para serem aplicados no cotidiano de suas vidas.

A quebra da liberdade dos negros; quer seja física, quando os negros têm direitos negados, quer seja não física, quando os negros são impedidos informalmente de realizar ações, pode fazer com que milhares de negros ainda cativos, espalhados pela Bahia, sintam-se impotentes em virtude dos conhecimentos serem aparentemente pequenos diante de situações que envolvam violência, especialmente. A relação entre o negro e o Estado é complexa, pois faltam entendimentos reais de liberdade, ou seja, o Estado precisa conceder, na prática, os direitos do negro, e esse tem que compreender todos os seus direitos a fim de exigí-los quando forem ameaçados quer sejam por agentes de segurança pública, quer sejam em quaisquer instâncias. No que se refere à influência dos poderes constituídos, no diálogo entre política e liberdade, a maioria – negros, pobres, “despossuídos” – tenta, com bastante resistência, alcançar vitórias significativas a fim de sobreviverem com dignidade dentro de uma comunidade; e em sociedade, enfim, em espaços escolhidos por eles para viver em paz.

¹ O Senhor Eusébio de Queirós Coutinho Matoso da Câmara, senador e ministro da Justiça do Brasil foi responsável pelo decreto da lei a qual recebe o seu nome. A Lei Eusébio de Queirós decretada em 4 de setembro de 1850 foi um avanço para a legislação escravista brasileira. Na teoria essa lei proibia o tráfico de escravos para o Brasil, mas na prática acontecia o tráfico doméstico, isto é, havia transações comerciais de negros escravizados nas províncias do Brasil. Mesmo assim, pode-se considerá-la um dos passos iniciais a fim de se chegar à abolição da escravatura no Brasil, o que só viria acontecer 38 anos após, em 1888. Fonte: artigo “Presença Negra: conflitos e encontros” (REIS, 2007).

Grande parte das pessoas tem o desejo de se ajustarem, isto é, adaptar, acomodar, harmonizar, às normas sociais para viver em paz com os outros cidadãos, principalmente quando um deles se destaca para conseguir o poder, para ser visto perante aos demais membros da comunidade como um cidadão que já provou ter sucesso, e por isso se destaca. A atividade literária em países de língua portuguesa (Angola, Cabo Verde e Moçambique, principalmente) contribuiu, desde o século XIX até os momentos atuais, para o aumento de escritas sobre a sociedade colonial, o que fez com que países africanos fossem influenciados pela contribuição externa. A escrita é um veículo de promoção da liberdade, conquanto no Estado da Bahia há também a projeção.

A dissertação em tela está dividida em quatro capítulos, a saber: “Introdução”, “Fé, Luta e Arte Aracienses”, “O município de Araci ontem e hoje: avanços e perspectivas em relação à vida urbana” e “Considerações finais”. No capítulo dois abordar-se-ão as principais modificações no cenário de infraestrutura do Município de Araci ao serem verificadas as ações dos comerciantes locais, incentivos do governo municipal, influência da Igreja Católica, de grupos culturais e dos habitantes do município de Araci, estado da Bahia. Serão descritas as principais ações dos prefeitos de Araci em apoio ao povo negro para que tenha acesso à educação, à segurança pública e à saúde na prática, tomando por base os anos de 2007 a 2014, bem como informações das condições de acessibilidade ao trabalho, educação, moradia. Em suma, para o estudo da memória cultural da cidade, ao demonstrar a existência dos seus personagens, em recorte do povo negro, pretende-se saber em qual medida tal povo é percebido e percebe-se como cidadão ou mais um explorado do sistema político local.

No capítulo três, espera-se, igualmente, trabalhar com o método qualitativo e, após essa etapa verificar a abordagem etnometodológica. Parte-se primeiramente dos objetos que estão disponíveis no Centro Cultural de Araci para depois serem compreendidos os esforços negros para a construção da cidade. Em vista das diferentes teorias metodológicas, procura-se descrever o objeto da pesquisa através da abordagem etnometodológica por acreditar que, através dessa abordagem possa ser viável descobrir caminhos praticáveis a fim de ser mais acessível e de melhor compreensão dos indivíduos em suas ações coletivas, fazendo com que a análise esteja mais próxima da verdade. A abordagem faz com que os atores sejam percebidos como construtores da própria realidade dentro de seu espaço ou possivelmente além desse, falando de ações que lhes são pessoais, o que faz de narrativas tão reais quanto o espaço em que eles pisam. As narrativas, sem dúvidas, podem trazer descrições sobre o cotidiano de ancestrais que viverem em torno de expressões da cultura, hoje vivenciadas por

muitas pessoas as quais se fazem presentes nos dias de festas, especialmente das comemorações que acontecem em todo o município de Araci.

No capítulo três mencionar-se-á a relevância do Jornal A Folha dos Municípios, na cidade de Araci, como meio de comunicação e socialização de informações entre os moradores locais e de cidadãos de outros municípios circunvizinhos, como Tucano, Teofilândia, Serrinha, Biritinga, Lamarão, e de como o referido jornal contribui para incentivar a cultura local. Será descrita a história dos objetos de trabalho dos negros escravizados a qual integra a formação da cidade. A presença de objetos para trabalhos manuais domésticos, plantação de capim para os animais e cultivo da terra proveram a subsistência das famílias e auxiliaram na economia municipal e regional. Será mencionada a tradição da festa cultural e da importância para a religião de matriz africana: o candomblé no município de Araci. É uma ocasião em que a cidade reconhece o evento que envolve grande parte dos religiosos de matriz africana do município. Será vista a resistência da capoeira na cidade de Araci com referência a posição do negro nas interações sociais. Nesse sentido, o negro e capoeirista são, senão agentes de modificação ou de acomodação diante do cenário socialmente colocado e do grupo de capoeiristas no município. Será um momento em que a festa é notada como forma de engrandecer a capoeira e suas formas de mostrar viva a cultura frente às questões sociais, ascensão de uma categoria de domínio para outra através de provas e avaliações de perícia, ou seja, simbolizada pela atribuição de cordões de diversas cores, o que dá ao capoeirista status no grupo e além dele. Observar-se-á a contribuição deixada pela Oficina de Artes de Araci à população negra do, visando o desenvolvimento dos cidadãos e como resposta às questões que envolvem a educação, à cultura, a política e demais influências sobre a população. Fará um recorte em uma das festas mais destacadas e realizadas pela Oficina de Arte de Araci: O boi de Janeiro.

Já o capítulo quatro discorrerá sobre as considerações da colaboração negra na cultura, política economia municipal, e tem por prioridade evidenciar as conclusões dessa experiência, com a finalidade de que sejam notadas as contribuições negras para o município de Araci e de como as festas vêm contribuindo para que a consciência cidadã venha a ser construída, para que depois, através da abordagem etnometodológica seja possível à constatação da presença negra e contribuições dessa para o município em tela afim de que seus conterrâneos usufruam dos bens culturais, como a capoeira, o candomblé e as artes. Nesse sentido, a etnometodologia aborda a compreensão da cultura da seguinte maneira:

“Observar”, naturalmente, não é simplesmente olhar. Observar é destacar de um conjunto (objetos, pessoas, animais, etc.) algo especificamente, prestando, por exemplo, atenção em suas características (cor, tamanho, etc.). Observar um “fenômeno social” significa, em primeiro lugar, que em determinado evento social, simples ou complexo, tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua dimensão singular, seja estudado em seus atos, atividades, significados, relações, etc. Individualizam-se ou agrupam-se os fenômenos dentro de uma realidade que é indivisível, essencialmente para descobrir seus aspectos aparentiais e mais profundos, até captar, se for possível, sua essência numa perspectiva específica e ampla, ao mesmo tempo, de contradições, dinamismos, de relações, etc. (TRIVIÑOS, 1987, p. 153).

Este estudo, portanto, pretende analisar *A memória cultural de Araci: contribuições negras*, no espaço delimitado do município de Araci, Estado da Bahia, através de leituras de autores os quais pesquisam a presença de negros na Bahia. Para construir o estudo, foram realizadas pesquisas em instituições como a Biblioteca do Centro de Educação Municipal Oliveira Brito, na cidade de Araci; Centro Cultural de Araci (CCA), na Cidade de Araci; Fórum Antônio Carlos Magalhães, na cidade de Araci; Jornal Folha dos Municípios, na cidade de Araci; Arquivos pessoais de nativos de Araci; Arquivo da Câmara Municipal de Vereadores de Tucano, na cidade de Tucano; Biblioteca Paulo Freire, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus XI, no município de Serrinha; Centro de Documentação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XIV, Conceição do Coité; Site *Cativos às portas do Sertão*, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); Biblioteca Julieta Carteador, da Universidade Estadual de Feira de Santana, (UEFS), Feira de Santana; Biblioteca Central dos Barris, na cidade de Salvador as quais totalizaram, até agora, 43 textos; 9 crônicas; 18 obras completas; 2 revistas.

Além de fazer um recorte no Jornal Folha dos Municípios, período de 2007 a 2014, o universo desta pesquisa está, primeiramente, limitado ao Estado da Bahia, com foco na Região Sisaleira, na cidade de Araci na qual foi possível notar que a presença negra foi marcante para que houvesse desenvolvimento econômico, político e cultural na cidade até os dias atuais. E essa característica está identificada através das expressões culturais, especialmente as expressões visíveis na cidade de Araci.

O método obedece a um sistema previamente estabelecido, pois a pesquisa acontece através da investigação a fim de se chegar a um conjunto de conhecimentos. Ao ser abordada a metodologia não possui incoerência, por outro lado há sintonia entre a investigação quantitativa e a investigação qualitativa, pois as duas possuem características diferentes. A investigação quantitativa exerce influência na realidade a qual tem como propósito evidenciar

dados quantificáveis a serem confrontados ou interpretados. Já a investigação qualitativa, em oposição à investigação quantitativa, ocupa-se com as interpretações coletivas e sociais, com as ações humanas, e como tais, relacionam-se com os indivíduos, oportunizando assim possibilidades de verificações através das expressões humanas, e nos espaços definidos.

Em vista das diferentes teorias metodológicas, procura-se descrever o objeto da pesquisa através da abordagem etnometodológica por acreditar que, através dessa abordagem possa ser viável descobrir caminhos possíveis a fim de ser mais acessível e de melhor compreensão dos indivíduos em suas ações coletivas, fazendo com que a análise esteja mais próxima da realidade. A abordagem faz com que os atores sejam percebidos como construtores de sua própria realidade dentro de seu espaço ou possivelmente além desse, falando de ações que lhes são pessoais, o que faz de suas narrativas tão reais quanto o espaço em que eles pisam. As narrativas, sem dúvidas, podem trazer descrições sobre o cotidiano de ancestrais que viveram em torno de expressões culturais, hoje vivenciadas por quem se fez presente nos dias de festas, especialmente naquelas que acontecem em todo o município de Araci.

Apesar de não haver uma quantidade expressiva de documentos que versem sobre a história de Araci no tocante à presença negra, os relatos ouvidos puderam contribuir, e muito, para se perceber sobre a vida em conjunto dos negros e das negras que contribuíram para o avanço econômico e cultural das cidades brasileiras. Não se acha nenhuma cidade do Brasil em que a presença negra não tenha sido fator determinante para a elevação do lugar, quer seja econômica, religiosa, artística ou politicamente descrevendo. A cidade de Salvador, por exemplo, no campo das artes e cultura, projeta-se para o mundo, em especial através dos tambores e da música do bloco Afro Olodum, “a melhor banda percussiva do planeta”. E esse fato é motivo de orgulho identitários para o povo negro: ver sua cultura expandida para o Brasil e para o mundo.

Com isso, em se tratando da etnometodologia, pode ser possível verificar as variantes das expressões corporais presentes nas festas das entidades estudadas em Araci – Estado da Bahia, como as danças no candomblé, a ginga e a antecipação dos movimentos da capoeira e os movimentos corporais do teatro os quais proporcionam destaques relevantes na pesquisa e na descrição, culturais como meio para eternizar ações dentro da sociedade. Toda expressão cultural passa antes de tudo pelo conhecimento e expressão física dos corpos, e é pertinente destacá-los. Por isso, escolhe-se essa abordagem pela observação dos dados e para melhor chegar mais próximo dos fatos. Na opinião do pesquisador Adalto Herculano Guessier (2003, p. 158):

Esta nova perspectiva exige uma mudança dos métodos e das técnicas de coleta de dados, bem como da construção teórica. Já não é mais possível trabalhar com a hipótese de que exista a priori um sistema de normas estável que dá significação ao mundo social, mas é preciso considerar que os fenômenos cotidianos estão em constante criação, transformação, e extinção.

Antes de serem expandidas as manifestações de maneira geral torna-se imprescindível o conhecimento do corpo como centro das ações humanas. É através dele por onde se passa os sentimentos até serem possivelmente realizados. Por isso, muito mais que estudá-lo há a necessidade de compreendê-lo em seus aspectos religiosos, performáticos e artísticos para contribuição dos cidadãos que os pratiquem ou só os que observem com o sentimento de pertencer ou está inserido na prática nas expressões culturais.

Para os etnometodólogos, compreender o mundo social, antes de tudo, é compreender a linguagem que este mundo se utiliza para se fazer compreensível e transmissível. As ações sociais somente adquirem sentido neste contexto, ou seja, somente possuem significação quando são compreendidas pelos atores que interagem no mundo social. Portanto, para se capturar o mundo social nas análises sociológicas, é necessário estar atento e levar em conta as redes de significações que são estabelecidas pelo uso da linguagem. (GUESSER, 2003, p. 159).

Isto é, o cidadão mesmo que não esteja ligado fisicamente às festas e morar próximo aos lugares de suas realizações ele já se torna identificado no momento em que lhe seja perguntado o local de moradia, e próximo de quem ou de que está situada, enfim, a sua caracterização passará por isso. Sendo assim, a identificação de sua residência passará pela alusão de onde funciona uma casa, um grupo ou uma entidade reconhecida pela população. É a referência como principal identificação de moradia, a exemplo: o cidadão mora próximo do Terreiro de Pai Géó, ou ainda, mora próximo ou ao lado onde o grupo de capoeira treina. Para tudo existe um ponto em que se pretende chegar. Esse fato tem a ver com a localização das pessoas tanto as que moram dentro do município quanto as pessoas que visitam o município.

Por essa razão torna-se irrelevante descrever se é positivo ou negativo o fato de manter moradia próxima a um local de onde a coletividade se reúne, mas se torna necessário comunicar que é cômodo, possivelmente manter moradia em um local conhecido e admirado pela maioria das pessoas. Uma questão de se identificar com o ambiente de maneira em que se possa haver harmonia e interação social, além da compreensão e do respeito com o que seja realizado.

Etnometodologia é segundo o Dicionário da Língua Portuguesa: “análise sociológica que procura determinar e estudar os modelos ou métodos cognitivos que os indivíduos utilizam em situações sociais comuns”. Por isso mesmo, trata-se de uma corrente da Sociologia em que consiste na realidade construída pela sociedade em que os cidadãos estão envolvidos diretamente e essa interação tende a afetá-los de alguma maneira individual ou coletivamente. Essa corrente sociológica baseia-se nas experiências e convivências sociais.

Como descrito em diversas pesquisas brasileiras, o método qualitativo se expressa pela qualidade dos dados que forem coletados durante o percurso da pesquisa. Também, trata-se de uma forma perfeitamente possível de interpretar informações a fim de alcançar e descrever determinado conhecimento. Por isso mesmo, ademais, é pontual afirmar que o método qualitativo relaciona-se com as emissões críticas que se podem aferir dos dados da pesquisa e, dessa forma, unifica a busca das respostas ao conhecimento que se pode gerar dela.

Também, ao serem tratados os processos enquanto métodos técnicos, em especial a pesquisa bibliográfica a qual esteja publicada, como jornais, revistas, artigos, livros, anais, seminários, simpósios, etc., e pesquisa documental colhida, sobretudo nos centros de documentação, cultural e de pesquisa sinalizados neste trabalho possibilitaram momentos de interação com o objeto, fazendo com que essa escrita se torne uma testemunha da história com a qual o negro, o capoeirista, o adepto do candomblé se interrelacionam com a mesma intenção de fazer das expressões culturais serem vistas e ouvidas em toda parte, além de contribuírem para a disseminação dos costumes cultivados pelos grupos organizados.

2 FÉ, LUTA E ARTE ARACIENSES

A fé, a luta e a arte aracienses mostram-se indissociáveis aos costumes dos cidadãos e das cidadãs do município de Araci, e essas expressões vieram por participar, ora como coadjuvantes, ora como protagonistas durante os momentos históricos em que, individualmente e com as suas características próprias, acabaram por contribuir em benefício destes segmentos da sociedade: igrejas, associações, grupos culturais, terreiros de candomblé com a expansão da cultura e sua disseminação, além das escolas e dos centros de aprendizagens espalhados pela cidade e em seu interior. Mesmo antes do ano de sua emancipação política, aos arredores de Araci já havia o cultivo pela fé, sobretudo em Nossa Senhora da Conceição de acordo com os estudos de Lima (1985); a luta vem, dentre outras situações, com a construção da cidade e de tudo quanto há nela, até os dias atuais e, além disso, os objetos utilizados pelos munícipes – principalmente os criados pelos moradores da região do Rufino fazem da arte – razão pela qual se pode expandir a criatividade de seus moradores.

Para esse local – como outros lugares do município – em que não pode ser possível discutir fé, luta ou arte sem que haja a presença de um corpo físico a fim de que esse possa dar sentido às ações coletivas. Isto é, para que a fé exista é primeiramente necessário perceber que o ser humano venha a acreditar firmemente num desfecho surpreendente e impossível o seu acontecimento, e daí por diante. Logo, a maioria dos indivíduos, de certa forma, apresenta-se com necessidade física de um ser semelhante, ou seja, é o corpo o principal veículo dessa trílice expressão da cultura, e é por onde transita a força que tem a capacidade de fazer com que os cidadãos percebam e sejam identificados através do que acreditam, do que desejam, enfim da identidade pela qual possa ser expressa através das artes que cercam toda a cidade, como também influencia as pessoas de outros municípios mais próximos em relação à cidade de Araci. São três assuntos interdependentes, e bastante extensos se levado em consideração a múltipla dificuldade e o pouco espaço de tempo para abordá-los em sua totalidade, tendo em vista as ações, as emoções, os problemas e complexidades de maneira geral existentes nas pessoas. Esta pequena descrição será apenas um recorte desses três elementos indissociáveis, porém importantes para a abertura de outras descrições como a capoeira, o candomblé e a arte dentro do município, e com as atenções voltadas para além desse espaço.

A religião² pode ser mostrada como refúgio da fé, e essa última a sua maior e expressão. Embora essa cidade tenha suas raízes religiosas centradas na Igreja Católica, é o Ylê Axé Jitolobi que desponta como um dos maiores patrimônios da localidade. Através da festa em Louvor ao Caboclo Boiadeiro, os praticantes do candomblé fazem de suas obrigações seus maiores votos de sinceridade diante do sagrado. Daí a fé deles são evidenciadas e registradas para as pessoas do cotidiano e as da posteridade, especialmente por se tratar de uma ação por onde a fé acentua a responsabilidade de cada praticante antes, durante e depois da festa. É a fé dos filhos e das filhas de santo que se destaca entre outros religiosos, pois quando cumprem uma obrigação³ o faz de maneira a transparecer suas aptidões tanto físicas quanto espirituais, conquanto venham aparecer quaisquer dificuldades elas possam ser rapidamente solucionadas para o bem maior de todos, afinal não é um filho, mas todos unidos em prol da solução de um problema o qual possa afetar direta ou indiretamente um deles: a irmandade, neste caso tem a ver com o significado de existência, ou seja, tem a ver com o significado de interdependência diante do sucesso das ações físicas ou espirituais, no caso, a realização das atividades a que lhes sejam entregues pelo “pai maior”, no caso, o pai de santo.

A fé é, então, um fundamento das ações não visíveis a olho nu, mas é perfeitamente possível crer em suas consequências. Ao acreditar que a cura de uma doença incapacitante é uma certeza e não uma probabilidade; e de que a resolução de um problema seja tão imediata quanto o momento da solicitação de intervenções, a fé pela qual cada pessoa demonstra ter fará de seu possuidor um cidadão em destaque no grupo em que participe. Nessa linha de pensamento quando se busca ajuda fora dos limites da visão, além do corpo físico é solicitada assim a intervenção espiritual, a magia para que as pessoas sejam, de alguma forma, beneficiadas através das súplicas – isso não importa a que tipo de religião pertençam. Portanto, quando um praticante, de modo geral, do candomblé faz oferendas o faz na certeza delas serem aceitas; e, de igual maneira, quando um católico faz um culto em ações de graças ele o faz sabendo que o culto será deferido. Ao descrever sobre essas práticas, à concepção de culto de religião de matriz africana e culto católico é irrelevante nessa descrição, o que é

² No texto, “Protestantes e o governo militar: convergências e divergências”, de autoria da pesquisadora Elizete da Silva (2009, p. 31), constante na coletânea Ditadura Militar na Bahia: Novos Olhares, Novos Objetos, é defendido pela historiadora e antropóloga sobre a religião o seguinte: “Entendemos a religião como uma forma de expressão da cultura, a qual mantém estreitos vínculos com os demais elementos constitutivos de um sistema cultural. As contribuições teóricas da História Cultural, numa interface com a História das Religiões, são fundamentais à problemática que ora analisamos.”

³ Esse conceito pode ser compreendido como “conjunto de oferendas rituais, de caráter invocatório ou propiciatório, às divindades, cujo não cumprimento pode acarretar pesados sofrimentos para o faltoso.” (CACCIATORE, 1977, p. 192).

abordado nesse momento é a fé pela qual cada praticante possa externar para explorar suas religiões, suas obrigações e identificação de pertencimento do grupo religioso.

A maior parte dos fiéis utiliza a fé como ferramenta indispensável para sobreviver racionalmente, pois acreditar estar, de certa forma, ligada por natureza a uma ação do ser humano, principalmente quando esse estiver diante de dificuldades financeiras e de problemas que envolvam a família, saúde, finanças e segurança. De qualquer forma, os obstáculos tendem a direcionar bastantes pessoas para fazerem uso da fé enquanto certeza de deixar as ações positivas como antes, tais como uma vida sem problemas aparentes, obedecendo a uma posição de normalidade a fim de conviver em harmonia, pois é dos seres humanos rejeitar toda a forma de mal-estar familiar, social, financeiro e religioso.

Dessa forma, torna-se quase impossível descrever a fé sem praticá-la, e os cidadãos que se mostram sem fé podem acreditar em si mesmos, especialmente ao terminar uma atividade iniciada em algum momento histórico de sua vida pessoal ou profissional, entretanto outros cidadãos podem até se mostrar alheio à fé da maioria de indivíduos, mas é preciso haver sensibilidade religiosa na interação pessoal a fim da individualidade da fé ser respeitada e apreciada por todos que, aparentemente possam se suportar em família e em sociedade. A fé, enfim, pode ser vista como elo entre o físico e o não físico a fim de estreitar a relação entre o sagrado e o profano, tendo como resultado o homem, a mulher e todos quantos precisarem de atendimento fora de seu espaço comum, dentro dos espaços onde a socialização entre pessoas possa dar sentido a prática da fé: igrejas, terreiros de candomblé, grupos de capoeira, grupo de artes, dentre outros organizados.

A luta para conseguir melhores condições trabalhistas e o desenvolvimento social tem a sua máxima nas relações que podem envolver a economia, a sociedade, a escola e tudo quanto se diz respeito aos indivíduos formações sociais distintas. Neste tipo de relação, encontra-se o cidadão enquanto ator, também, dessas interações sociais, pois a sociedade, há tempo, resolveu se unir a fim de trocar bens e serviços ou para produzir, pois “onde não há trabalho assalariado, não há burguesia, não há capitalismo” (SODRÉ, 1967, p. 30). No caso do Brasil, trata-se da conveniência econômica e política portuguesas em vista da Colonização. O excedente dessa interação econômica culminaria na propriedade maior para um grupo, ao passo que o outro grupo pobre e marginalizado ficaria com a menor parte a qual, em muitos casos, só era a alimentação e escasso desenvolvimento social.

Pode-se dizer que tal como foi exposto acima, a classe pobre sofreu bastante ação do grupo hegemônico, e isso determinou a educação e influência da classe rica para a descoberta da luta de classes brasileiras. Nessa direção, as classes são grupos sociais que, certamente,

têm em comum interesse em produzir com o sentido de permanecer aparentemente bem em oposição à outra classe, e essa última tem visível comodidade econômica, social, religiosa, dentre outros prestígios os quais a sociedade elege como “boas”.

Por isso, uma grande parcela dos pobres ficaria com quase nada ou sem nenhum benefício do trabalho, além da comida ou moradia, aumentando um contingente de miseráveis no Território Nacional. Convém lembrar que a ausência de educação para os segmentos da sociedade, especialmente para as classes sociais mais desprovidas de bens materiais desencadearia o que se vê hoje: muitos cidadãos sofrem em virtude de não terem acesso ao capital cultural⁴, (Pierre Bourdieu; Jean-Claude Passeron, 1964). Isto é, podem existir escolas públicas, bibliotecas, videotecas, laboratórios, salas de informática, mas se os menos favorecidos e pobres envolvidos na escola pública não tiverem acesso a bibliotecas, a cinemas, ao museu, ao zoológico, às obras de arte, a filmes e toda a sorte de informações, não haverá acompanhamento e nivelamento educacional. Haverá, nessa situação, um distanciamento educacional maior ainda que o visto na atualidade.

Reflete-se nas seguintes palavras “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p. 31). A educação pode ser de acesso a todos, sem distinção alguma, mas o acesso ao capital cultural independe da competência das escolas, dos órgãos de educação, porém a família, é a principal responsável em proporcionar esse acesso, uma vez que se faz necessário o nivelamento educacional com o intuito da unidade de ensino não ter que falar acerca das obras artísticas, em especial, e determinado grupo de estudantes desconheça e se torne apático frente às discussões estabelecidas no ambiente escolar.

Há situações em que as expressões culturais tornam-se mais importantes as necessidades de ações emergenciais no sentido de equilibrar os níveis expressos na educação, como o conhecimento prévio de assuntos contidos nos livros didáticos. Considera-se complexo procurar entender como acontece essa dualidade intelectual no exato momento em que seja abordada uma obra constante no livro, daí quem o responde seria a pessoa que tivesse aproximação e acesso com o capital cultural, pois já estaria mais familiarizado. Mas, precisa-se corrigir esse e outros problemas contidos na educação para que a sociedade não se distancie, ainda mais, do que seja hoje muito comentada, uma educação em que todos tenham acessos incondicionais à informação sem se perder de vista à igualdade de condições. A luta

⁴ O termo *capital cultural* está presente na obra, *Les héritiers*, de Bourdieu e Passeron (1964).

para atingir objetivos positivos para a maior parte da sociedade é intensa como as lutas de acesso à uma vida com menos problemas aparentes.

Ao relembrar as características sociais do Brasil Colônia havia necessidade de controlar as classes, um dos motivos que impulsionou a classe menor e de opressores que administrava a maior classe dos trabalhadores e oprimidos em proporcionar a esses últimos formas capazes de conter quaisquer desvios referentes à educação. O Estado exerce, sem dúvida, ação controladora dos trabalhos desenvolvidos no âmbito de todo o seu vasto território, e age de maneira com que os interesses da maioria dos cidadãos sejam deixados a segundo plano a fim de não serem contrariados os seus interesses, como o acúmulo de capital e aumento do controle, prioritariamente, sobre os pobres e despossuídos economicamente.

Aníbal Ponce (2000, p. 89), em sua obra, *Educação e Luta de Classes*, diz sobre a educação destinada à população desse momento histórico que “a finalidade dessas escolas não era instruir a plebe, mas familiarizar as massas camponesas com as doutrinas cristãs e, ao mesmo tempo, mantê-las dóceis e conformadas”. Pode-se perceber que a relação entre as entidades representativas, entidades filantrópicas, recreativas, etc. e o Estado é regida pela opressão⁵ em que ele manda, organiza, direciona, e os indivíduos são os oprimidos por essa força. Há de se notar, ainda, que a educação é um dos meios de possibilidade para ascensão social, senão o único meio capaz de conter ou proporcionar mudanças em quaisquer civilizações ou ainda impactar transformações precisas na vida das pessoas de idades ou fases de crescimento diferentes. E pode ser possível verificar a importância da aprendizagem a fim das populações ricas ou pobres atinjam a patamares significativos de vida com qualidade, sem prejuízo para quaisquer outros cidadãos.

Entretanto, na visão de uma Pedagogia Histórico-Crítica (Saviani, 2009) ao tomar como ponto de partida a ideologia gramsciana em que, quando os saberes fossem compreendidos, as classes sociais dentro do capitalismo que trabalha com os instrumentos de outra pessoa, os proletários e oprimidos, poderão utilizá-los como ferramentas necessárias para entendimentos das alterações, no sentido de disputas ou conflitos intensos, nas lutas de classe, ou melhor, compreender para debater, pois pode ser vantajoso entender o oposto, isto é, o opressor para depois confrontá-lo:

⁵ Ainda sobre a relação entre o oprimido e o opressor a presença do Estado “estabiliza” de certa forma o surgimento de quaisquer tensões que porventura venham a comprometer os interesses econômicos desse. Sobre essa questão, o educador Paulo Régis Neves Freire (1987, p. 28) sinaliza: “[...] experiência existencial dos oprimidos, uma irresistível atração pelo opressor. Pelos seus padrões de vida. Participar destes padrões constitui uma incontida aspiração. Na sua alienação querem, a todo custo, parecer com o opressor. Imitá-lo. Segui-lo. Isto se verifica, sobretudo, nos oprimidos de “classe média”, cujo anseio é serem iguais ao “homem ilustre” da chamada classe “superior”.

Eis aí o sentido da frase “a verdade é sempre revolucionária”. Eis aí também por que a classe efetivamente capaz de exercer a função educativa em cada etapa histórica é aquela que está na vanguarda, a classe historicamente revolucionária. Daí o caráter progressista da educação. (SAVIANI, 2009, p. 79).

Uma transformação radical no sentido de revolução pode ser notada através dos esforços coletivos da classe dos proletários em vista de que seja necessário fazer da consciência social uma de suas identidades a fim de expor a postura dos filhos de trabalhadores na escola e na sociedade, uma vez que possa existir esse desejo para impactar, de forma a contribuir a fim de se chegar à realização de uma instituição em que os cidadãos possam ser notados como pessoas, como agentes do processo transformador.

Entretanto, de acordo com as pesquisadoras Maria Lúcia Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins (2003), quanto mais se avolumam os problemas, mais se intensifica a vontade de lutas para a obtenção de direitos para os cidadãos. Por isso se viver num País onde as ações têm que acontecer “agora”, muitas vezes os gestores públicos passam despercebidos em meio ao turbilhão de leis, decretos, parágrafos, incisos, aditivos e emendas – essa última pode proporcionar novas discussões e por foco novas leis, parágrafos, etc: “[...] O ser humano possui uma essência, uma natureza humana universal, da mesma forma que todas as coisas têm essência. Por exemplo, a essência de uma mesa é o ser mesmo da mesa, aquilo que faz com que ela seja mesa e não cadeira [...]” (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 357). Por essa razão, torna-se necessário transcender nas relações com os indivíduos pelo que as pessoas devam priorizar que se apresenta relevante dá valor aos semelhantes em sua profundidade, e em sua luta.

Nos primórdios da História da Humanidade, mais precisamente no período paleolítico⁶, os habitantes dessa época provavelmente não conheciam à escrita, e se a conheciam não a utilizavam com frequência, mas eles tinham acesso ao fogo. Entretanto, a maior comunicação para a posteridade de seus semelhantes era feita através de pinturas nas rochas a fim de narrar, com maior fidedignidade possível os costumes, as ações e o cotidiano de homens e mulheres em comunidade. Os eventos mais importantes eram expostos em uma tela para que os próximos habitantes tivessem a clara certeza de como viveram, o que fizeram,

⁶ De acordo com o historiador Nelson Claudino Piletti (1999, p. 16), “o grande avanço do homem paleolítico foi a descoberta do fogo, ele através de observação conseguiu utilizá-lo e também como produzi-lo, o processo era simples, batiam uma pedra na outra para sair a faíscas ou esfregando duas madeiras uma na outra para gerar o calor.”

e o provável fim de sua civilização a fim de que outros indivíduos não reproduzissem, momentos após, os mesmos equívocos das civilizações passadas.

O cuidado para com a transcrição de fatos relacionados à vida em coletividade dava ao homem desse período uma noção de causa e consequência, ou seja, caso houvesse um fato julgado relevante, esse fato era selecionado para exposição através das artes, e as pessoas de outras gerações poderiam dizer o que houve, como aconteceu e o porquê. Essa interação do homem com os acontecimentos de sua época potencializou as pessoas a saberem mais uma das outras, além de serem percebidos os costumes individuais e de uma coletividade. Ao serem consideradas as principais passagens das ações humanas foram transmitidas para a presente geração, então muitos cidadãos aprenderam e, com isso avançaram rumo ao desenvolvimento visto também na atualidade.

A arte, desde que seja tornada disponível a partir das séries iniciais do aprendizado, pode se mostrar como uma ferramenta relevante para que a pessoa possa dela se familiarizar com o propósito de haver desenvolvimento pessoal e interações sadias, além de estreitar os laços de afetividade, compreensão das ações humanas, interpretações do conhecimento científico, cultural e social das camadas populares, fazendo com que haja aumento da capacidade de vê as situações do passado com as situações do presente. A arte e a sua compreensão pode distinguir pessoas, criar novas possibilidades de relações entre uma classe com outra classe diferente, elegendo um meio sensato de notar as ações e reações dos cidadãos.

A compreensão da arte envolve, sem dúvidas, fenômenos complexos para a absorção da sensibilidade artística, tais como: a leitura que se pode tirar da arte, o envolvimento do observador diante da obra de arte, a inferência que o observador pode tirar dela as relações com outras criações artísticas e de como elas se relacionam com o cotidiano local ou ainda no mundo, isto é, uma mesma obra do artista pode abordar situações de penúria social no Brasil, mas essas mesmas situações podem estar relacionada à vida de milhares de pessoas em outros países. A arte pode transcender os espaços de onde ela foi concebida, e o que foi retratado pode de maneira sutil ou de maneira enfática abordar assuntos inerentes aos modos de vida em sociedade. Para ser possível a percepção da arte, deve-se atentar para os estágios de evolução do conhecimento de cada pessoa, pois a obra do artista pode ser transcendida por crianças, adolescentes ou idosos. Sendo assim, não é a arte a ser envolvida na sua apresentação, mas ela pode ser absorvida pelo seu espectador. A pesquisadora Maria Eugênia Castelo Branco Albinatti (2009, p. 4) defende que:

Fazer arte reúne processos complexos em que a criança sintetiza diversos elementos de sua experiência. No processo de selecionar, interpretar e reformar, mostra como pensa, como sente e como vê. A criança representa na criação artística o que lhe interessa e o que ela domina, de acordo com seus estágios evolutivos. Uma obra de arte não é a representação de uma coisa, mas a representação da relação do artista com aquela coisa. [...] Quanto mais se avança na arte, mais se conhece e demonstra autoconfiança, independência, comunicação e adaptação social.

A percepção da arte passa, sobretudo pela construção de identidades a partir da irracionalidade, do desconhecido, e esse fato não é compatível com a ciência que procura justificar os modos e as experiências, o artista não deseja senão a multiplicação das obras de maneira a atingir o maior número de espectadores possível; ele procura se ocupar das composições naturais ou humanas para que as pessoas da presente geração possam ver ou construir paisagens em telas ou em locais não convencionais como o muro de uma residência, como também as outras gerações possam igualmente desfrutar dessa capacidade de perceber as transmissões de pessoas que viveram antes do atual momento histórico. O gosto pela arte pode ser transmitida de pessoa para pessoa; de família para família, até chegar a outra geração dentro ou além da família.

Quando é analisada a história de Araci, notam-se os sofrimentos passados pelos primeiros ancestrais desse extenso município, principalmente em se tratando da longa estiagem a qual acometia tanto seres humanos quanto plantações e animais, fato esse que levou os munícipes a construir tanques para coletar água, em especial das chuvas e, hoje em dia, através da água da Empresa Baiana de Água e Saneamento (EMBASA), e a essa captação ajuda bastante aos cidadãos, de maneira em que há localidades, como a Avenida Sete de Setembro e a Rua Antônio Oliveira Mota as quais dificilmente faltam água, mas mesmo assim as presenças de reservatórios construídos em casas residenciais dessas localidades mostram-se constantes dadas às experiências do passado.

As artes, sobretudo a técnica de expressar através de artesanato, imagens e dramatizações teatrais, pelas quais circulam todo o município de Araci faz do povo que nele vive aparentemente mais envolvido com as questões religiosas, políticas e sociais. Afinal, o araciense parece que estreia, isto é, ao nascer desenvolve – a maioria deles – desenvolve um gosto particular por descobrir os feitos de homens e mulheres públicos a fim de serem tornados cientes para a população local. Nisso, pode ser concebido como a arte de ver e de perceber tudo quanto está ao redor para ser mostrado, de alguma forma, a outras pessoas através do teatro, da exposição de imagens, enfim, através da arte, e as pessoas se alegrem

com isso: aprender o que se passa no município tendo como ponto de partida a compreensão da arte pela arte de tornar visíveis as expressões socialmente conhecidas por todos.

Dentre muitas atribuições, no referido município, a arte exerce esse valor simbólico: o de contribuir positivamente para o amadurecimento dos cidadãos do lugar através das exposições feitas nos lugares públicos, sobretudo na Praça da Conceição – marco das maiores apresentações artísticas da cidade, lugar onde a literatura, as expressões corporais, as obras de arte são expostas de maneira a dilatar a curiosidade e o sentimento de conhecer mais e melhor os fatos que cercam a sociedade, como a ausência do básico para a sobrevivência das pessoas. A arte, nas palavras do pesquisador Jorge Coli (1998, p. 109),

[...] é, sobretudo portadora de sinais, de marcas deixadas pelo não-racional coletivo, social, histórico [...]. A arte tem assim uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de ‘aprendizagem’. Seu domínio é o do não-racional, do indizível, da sensibilidade: domínio sem fronteiras nítidas, muito diferente do mundo da ciência, da lógica, da teoria. Domínio fecundo, pois nosso contato com a arte nos transforma. Porque o objeto artístico traz em si, habilmente organizados, os meios de despertar em nós, em nossas emoções e razão, reações culturalmente ricas, que aguçam os instrumentos dos quais nos servimos para apreender o mundo que nos rodeia.

A arte e o conhecimento dela potencializam aos seus detentores, ainda que eles não sejam propriamente os autores das obras, mas pessoas que vêm na arte a possibilidade de inter-relacioná-la com os momentos históricos, procurando externar a outros que não tiveram acesso com monumentos artísticos. Com isso, pode ser possível a transmissão de conhecimentos de uma geração para outra ou ainda dentro da mesma, aliando destreza, técnica, visão de mundo, conhecimentos prévio das causas e consequências de assuntos os quais envolvam diretamente a sociedade, tais como: educação, saúde, segurança, infraestrutura convergidas para o aumento de saberes necessários aos cidadãos a fim desses conviverem de maneira respeitosa e pacífica, além de gerar desenvolvimento tanto individual quanto coletivo.

2.1 O contexto das cidades

As primeiras sociedades urbanas conhecidas começaram a aparecer na Mesopotâmia e tinham como característica a localização como estratégia para que a população pudesse aproveitar das benfeitorias (o que é aparentemente bom à população dessa época) lá

existentes: está próximo ao rio; está próximo aos alimentos, enfim, ter acesso a materiais indispensáveis à vida com o propósito dos seres humanos sobreviverem.

As cidades nasceram da probabilidade dos homens em querer o desenvolvimento de si mesmos em relação aos seus correspondentes do passado histórico, isto é, homens que tinham que viver da caça, da pesca, e com isso tinham que viver como nômades, e parados numa planície; numa floresta à margem de um rio, embora tivessem, em algumas ocasiões, que se mover bastante para, com isso, alimentarem-se, pescarem para manterem-se vivos.

No sentido de como os homens passaram para o processo de sedentarismo, ou seja, como não caçavam como antes tiveram que se adaptar a um novo estilo de vida, e aprenderam a técnica de domesticar os animais, guardavam os alimentos em tempos de fartura (tempos de abundância); passaram a comercializar os produtos semeados na terra de tal maneira que houve a expansão dessa prática.

Para melhor compreensão do nome *cidade*, o filólogo, linguista e etimologista Antônio Geraldo da Cunha (2000, p. 182) diz que a cidade é um “[...] complexo demográfico formado, social e economicamente, por uma concentração populacional não agrícola, (Século XIII). Do lat. *civitas –ātis*”. Em vista disso, a cidade apresenta aparente comodidade para o cidadão. Já a geógrafa Ana Fani Alessandri Carlos (2011, p. 57), analisa o termo “cidade”:

Pode-se dizer, a princípio, que a cidade nasce da necessidade de se organizar um dado espaço no sentido de integrá-lo e aumentar sua independência visando determinado fim. Isto é, a sobrevivência do grupo no lugar, e o rompimento do isolamento das áreas agora sob a influência.

Nesse segmento, houve uma necessidade do homem se organizar na direção de alcançar a sua independência entre outros grupos, e por isso fez com que os seus domínios fossem mais seguros com o propósito de não sofrer interferências de outros seres humanos de outras terras, isto é, de localidades diferentes. A história é, por isso mesmo, compartilhada no entendimento de cidade, o maior testemunho dos acontecimentos para as futuras gerações.

Antes da era cristã já havia uma quantidade de pessoas habitando em comunidades, formando comércio, artesanato e que viviam da caça ou da pesca enfim, de tudo quanto era possível negociar ou fazer negociar na cidade. Nessa discussão, as cidades existem há muito tempo com o propósito de estabelecer limites territoriais. Ao expor sobre a existência delas, o historiador Leonardo Benévolo (2009, p. 23) argumenta que:

As cidades Sumerianas, no início do I milênio a.C. já são muito grandes - Ur, mede cerca de 100 hectares – e abrigam várias dezenas de milhares de

habitantes. São circundadas por um muro e um fosse, que as defendem e que, pela primeira vez excluem o ambiente aberto natural do ambiente fechado pela cidade.

Diante disso, pode-se perceber o homem enquanto ser necessitado de se abrigar das ações naturais de seu tempo em que a fome, sede, insegurança, doenças lhes acometiam, e as cidades poderiam amenizar essas condições contrárias à vida, proporcionando melhores possibilidades de intensificar relações de sobrevivência mais eficazes. De acordo com o historiador José Geraldo Vinci de Moraes (2005, p. 23): “A organização das sociedades mesopotâmicas caracterizava-se pela divisão entre os chefes religiosos e sacerdotes, comerciantes e proprietários, homens livres sem posses e os escravos”. Além da aparente comodidade, os habitantes citadinos queriam permanecer seguros das invasões de outros povos. Essa inquietação fortaleceu o desejo das pessoas em morar nas cidades. A antropóloga Gwendolyn Leick (2003, p. 68) ilustra sobre a cidade:

Uruk ainda no terceiro milênio era uma cidade grande, e cresceria nos séculos seguintes. Estimasse que a cidade foi continuamente habitada por pelo menos dois mil anos, talvez mais, pois não se sabe quando foi destruída e abandonada de vez, embora as pesquisas arqueológicas revelem que a cidade foi reconstruída várias vezes, pois era normal usar o alicerce e material de construções anteriores para erguer novas construções. De qualquer forma em seu auge a cidade chegou a cobrir um território de 550 hectares (55 mil metros quadrados), inclusive sua muralha chegou a possuir nove quilômetros de extensão.

E, por esse motivo, a segurança individual, familiar e da comunidade deveria ser vista com preocupação; mesmo se, para obtê-la fosse preciso conquistá-la com o sacrifício da vida. Diante disso, era preciso utilizar os muros para a prevenção contra roubos, invasões de habitantes de terras próximas ou de terras distantes, enfim, quaisquer situações aparentes ou não aparentes que significassem abalar a estabilidade social ou familiar dos citadinos. A comodidade social foi desejada e, de maneira alguma os habitantes ou os líderes deles iriam querer colocá-la (a comodidade, isto é, viver bem no lugar) sob risco. Diante disso, a autora argumenta:

O sistema de crenças que vinculava a sobrevivência e prosperidade das cidades à disposição favorável dos deuses também propiciou uma base para a manipulação política. A agressão militar contra outra cidade podia ser justificada como uma ação em defesa do deus da cidade, a ascensão de um indivíduo ao poder podia ser atribuída à sua escolha especial pela cidade. (LEICK, 2003, p. 169).

Com o acontecimento da Revolução Industrial, na Inglaterra, no Século XVIII, prevaleceu o aumento da comercialização, e o fenômeno tecnológico ocorreu no momento em que os homens e as máquinas avançaram de tal maneira que, de certa forma veio a causar forte efeito na forma de vida dos habitantes dentro das cidades e com atenção voltada para fora delas. A velocidade com a qual as cidades eram impulsionadas a partir do século XVIII refletiu nos habitantes, pois o avanço proporcionou relevantes melhorias no estilo de vida deles, uma vez que as cidades e seus correspondentes humanos contribuíram para a edificação desses ambientes nos séculos seguintes (séculos XIX, XX e no presente século), a fim de serem estabelecidas as sociedades. O professor Hugo Segawa (2002, p. 22) sinaliza acerca das cidades do Brasil:

As primeiras duas décadas do século XX testemunharam transformações nas cidades brasileiras numa escala e num ritmo até então sem precedentes: altas taxas de crescimento populacional nas principais capitais pressionavam demanda por habitantes e serviços urbanos; a prosperidade proporcionada pelo café trazia benéficos materiais e novos padrões de consumo para alguns segmentos da população, mas a estrutura urbana, em sua maioria herdada do período colonial, não se coadunava com as expectativas de uma sociedade que se urbanizava em passo acelerado, embora sustentada por uma economia agroexportadoras de valores arraigadamente rurais. As cidades transformavam-se nas plataformas rumo ao mundo moderno, isto é, em busca de um nível de vida à maneira das grandes metrópoles européias ou norte-americanas. Alguns esforços convergiam para esse ideal.

Com o surgimento das vilas, povoados, distrito, muitas cidades brasileiras nasceram a partir da relação com a terra e com os seus cidadãos, agora munícipes, com a Igreja, comércio; próximas aos elementos naturais ou não naturais, vizinhas a rios e pessoas, respectivamente, que estimulassem melhores condições de vida aos moradores. Assim, também, que surgiu a cidade de Araci.

2.2 A cidade de Araci, no Estado da Bahia

A cidade de Araci foi fundada pelo “Capitão”⁷ José Ferreira de Carvalho⁸, em 1812, e era conhecida como a cidade do Raso e, antes da emancipação (libertação) política, pertenceu aos Municípios de Tucano e Serrinha. José Ferreira de Carvalho nasceu em 1783; se casou com Maria do Rosário Lima (irmã do Padre José Alves); ele (José Ferreira de Carvalho)

⁷ Assim era chamada a pessoa que tinha terras.

⁸ José Ferreira de Carvalho nasceu no ano de 1793, na Fazenda Serra Grande, no município de Serrinha. (MOTA, 2011, p. 17).

residia na Fazenda Serra Grande, no Município de Serrinha. Logo após o casamento foi morar na Fazenda Pedrão, propriedade do sogro, no Município de Irará – Estado da Bahia.

Mais tarde, José Ferreira de Carvalho volta ao Município de Serrinha e, desta vez, para um local caracterizado como Campo Limpo, e lá foi convidado para participar da conjuntura política regional, porém se achava sem inclinação para a vida política. A decisão dele implicou na sua saída de Serrinha. Ao chegar ao Município de Irará, José Ferreira comprou cerca de vinte léguas quadradas (hoje corresponde a 1576,3 km²) da Casa da Ponte a qual tinha por procurador Paulo Rabelo. A escritora Maura Motta Carvalho Lima (1985, p. 15), sobre isso, afirma:

O Sr. Paulo Rabelo era descendente de Antônio Guedes de Brito, fundador da Casa da Ponte, vizinha à Casa da Torre de Garcia d'Ávila, tendo estes últimos vindo de Portugal em companhia de Tomé de Souza, 1º Governador Geral do Brasil, em 1549. Aquelas vinte léguas de terra eram então uma caatinga bruta onde só existiam animais bravios, como onças, veados, etc. mudou-se então, José Ferreira para a terra recém adquirida, vindo com todos os filhos, em número de nove, desbravar a selva e cultivar o solo de parte da terra que hoje é reconhecida por Araci.

Quando chegou às terras do Raso (hoje cidade de Araci) iniciou a construção de sua casa no Tanque Novo (hoje, Tanque da Nação). Essa moradia primeira foi passada para um escravo; logo depois que José Ferreira construiu outra casa maior a qual ficava no Largo do Sossego, de propriedade de Domiciano Oliveira. Com o Senhor José Ferreira vieram escravos os quais foram positivos na estocagem, limpeza ou retirada de capins e toda sorte de trabalho braçal para a organização do plantio e outras construções. Diante disso, muitas casas foram construídas para os escravos com o passar dos tempos. E os escravos se estabeleceram por todo o município de Araci.

Os anos de 1830, sobretudo o ano de 1832, com base em Lima (1985) não foram tão satisfatórios para a região do sertão baiano, e muitas foram às privações que as pessoas e os animais passaram; pois não havia comida, água e condições para a sobrevivência. A seca fez com que o Senhor José Ferreira, juntamente com os escravos e todos quantos estavam com ele fossem em direção ao Município de Serrinha – Bahia, situado a quarenta quilômetros de Araci.

Logo após o episódio da seca, José Ferreira construiu, com a ajuda dos escravos, três tanques para guardar água das chuvas e, por isso mesmo, desenvolveu habilidades para manter-se vivo, pois a seca, comum na região, sempre foi motivo de preocupação regional.

Figura 1 - Portal (marco da cidade) uma das principais entradas da Cidade



Fonte - Centro Cultural de Araci

O Município de Araci se originou na sede da Fazenda Raso, onde foi se formando em um povoado em torno de uma capela. A fazenda então localizada no município de Serrinha, mais tarde seria separada, tornando-se num distrito chamado Nossa Senhora da Conceição do Raso, hoje, o Município de Araci. O município de Araci se separou de Tucano pelo fato de estar se desenvolvendo na agropecuária e no comércio e, por isso, pode sustentar suas despesas. Isso ocorreu em 13 de dezembro de 1890. E em 1904, o Município passou a se chamar Araci, mas foi extinto em 1931 após decair em seus trabalhos sustentáveis. A partir da extinção, Araci foi anexada à Serrinha. Em 14 de novembro de 1956, Araci foi restaurada e elevada à categoria de cidade, separando-se novamente do Município de Serrinha.

A Cronologia⁹ do Município de Araci é cheia de situações envolventes, principalmente em torno da liberdade e da falta de liberdade; ora cheia de atividades repletas de subsistência, ora cheia de sofrimentos por causa do clima. Às vezes a liberdade política chegou; outras vezes a falta da liberdade causou muitas tristezas aos moradores da referida cidade Mas, até hoje, o município e seus habitantes sobrevivem.

⁹ 1812: Fundação da Fazenda Raso – Chegada do Capitão José Ferreira de Carvalho, fundador de Araci, vindo de Alagoinhas; 1859: 08 de dezembro – Proclamação de Nossa Senhora da Conceição como padroeira de Araci; 1866: Morreu o fundador de Araci José Ferreira de Carvalho, aos 83 anos de idade; 1877:12 de abril – elevação à categoria de freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Raso, sendo o Pe. Alexandre o 1º pároco; 1890: 13 de dezembro – Emancipação Política da Vila do Raso, sendo desmembrado de Tucano; 1904: Alteração no topônimo: de Vila do Raso para Araci; 1931: Extinção do Município, foi anexado a Serrinha; 1932: Araci sofre com uma das maiores secas da história; 1936: 15 de janeiro – foi realizada, em Araci, a primeira eleição para prefeito de Serrinha; 1959: Nova emancipação política de Araci. (MOTA, 2011).

ovelhas e outros animais. A cidade se destaca também no comércio de calçados, roupas, bebidas, eletrodomésticos, produtos de higiene pessoal, produtos de limpeza em geral, etc..

2.4 Divisões administrativas do município de Araci

Araci fica a aproximadamente 210 quilômetros de Salvador e a 100 quilômetros da UEFS, levando em consideração o local de saída do referido Município. O município pertence à região nordeste do Estado. A cidade de Araci está assim organizada¹⁰. por bairros; enquanto o município está dividido em povoados e distritos

2.5 A liberdade e a liberdade em Araci

A palavra livre, segundo o filólogo Antônio Geraldo da Cunha (2000, p. 478), quer dizer “[...] que pode dispor de sua pessoa, que não está sujeito a algum senhor; não ocupado, solto, descomedido, espontâneo | XII, *libre* | [...]”. A liberdade é algo ligado por natureza a todo ser consciente de suas potencialidades. E perceber que estar livre equivale à sensação de poder ir ou vir sem ter a mobilidade negada por quaisquer outros indivíduos.

Mas, é necessário notar que a sensação de permanecer livre precisa passar por discussão, através de ações individuais e coletivas a fim de que, quem administra não desfrute de tal poder sem levar em consideração que o oprimido é tão capaz quanto opressor. Sobre o desejo de obter a liberdade com o intuito de haver a emancipação política, foi bastante difícil falar, solicitar e desejar para o Município de Araci – Estado da Bahia, em virtude da falta de entendimentos entre os poderes Legislativo e Judiciário (na época ainda não existia, entre os aracienses, o poder Executivo) do referido Estado a fim de que Araci fosse liberta das opressões físicas:

¹⁰ São bairros da cidade de Araci, atualmente: Bombinha, Cascalheira, Casinha, Centro, Contel, Coqueiro, Coqueiro I, Coqueiro II, Felicidade, Guarani, Jardim Cruzeiro, Morumbi, Município, Regalinho, Rodoviária, São João, Tiracolo, Vila Olímpica.

São povoados do município de Araci, atualmente: Poço Grande, Várzea da Pedra, Alto Grande, Angico, Balaio, Barbosa, Barreiro Preto, Barreiro Branco, Bela Vista, Bento, Bomba, Caldeirão, Caldeirão Novo, Campo do Eloi, Campo Grande, Campo Novo, Cúbica, Duas Estradas, Fazenda Firmada, Inchú, Jacu, Jibão, Lagoa Escura, Lagoa da Anta, Lagoa da Laje, Lagoa da Jurema, Lagoa do Boi, Lagoa do Curral, Lajinha, Lameiro, Mandacaru, Minador, Nazaré, Olho D’água Seco, Pau de Rato, Pedra do Serrote, Perpétua, Queimada do Borges, Rejeito, Resina Retirada, Ribeira I, Ribeira II, Rio do Peixe, Roça de Dentro, Rufino, Sapé, Povoado de sem Freio, Tanque Cavado, Terra Dura, Tinguí, Umburaninha.

São estes os distritos do município de Araci, atualmente: Barreiras, João Vieira, Pedra Alta, Poço Grande, Tapuí, Várzea da Pedra.

[...] Araci, esta terra que me deu o berço e que encerra o túmulo dos meus antepassados, aqueles que, em 1812, aqui aportaram e deram início à vida desta localidade. Deus que é testemunha de todos os nossos atos sabe o quanto desejei, o quanto trabalhei, o quanto solicitei dos poderes competentes, ao lado do meu esposo, para ver restaurada a independência de Araci, que havia sido voltada por um pernicioso decreto do mês de agosto de 1931. (LIMA, 1985, p. 211).

O acontecimento acima revela que foi difícil para a comunidade araciense perder a autonomia administrativa, alcançada em 13 de dezembro de 1890. Os indivíduos informados do fato histórico sofreram muito, uma vez que não podiam resolver nada dentro da referida localidade. Houve diversos pedidos em prol da liberdade, e também pedidos por justiça eram levantados em todo o Município de Araci. Igualmente, o Brasil estava sob a campanha abolicionista escravista – fato esse em que fez aumentar as insurgências. Por ser boa parte dos aracienses católicos e devotos de Nossa Senhora da Conceição, era comum discutir sobre a libertação do Município, especialmente dentro das Igrejas, e nos lugares onde se encontravam os fiéis. O abandono humano; o choro; o solo – tudo isso parecia despertar um sentimento de insurgência do povo de Araci o qual não perdia a esperança por dias melhores.

A Escravidão no Brasil foi tão lucrativo para os “donatários” portugueses e brasileiros quanto foi lucrativo o comércio de escravos em quaisquer locais: comércios legais ou ilegais. Porém, é possível haver coerência no que se segue: a liberdade nunca foi sonhada em Território Nacional quanto no período em que antecedeu à Lei Áurea (1888), apesar de haver muitas resistências significativas do povo negro em toda a Terra Brasileira, especialmente a Lei Afonso Arinos (Lei 1390/51¹¹, de 03 de julho de 1951).

Embora a África e muitos dos africanos sejam responsáveis pela disseminação de trabalhos técnicos e físicos; e os escravos africanos no Território Brasileiro, especialmente, no episódio da Bahia, não tenham sido tratados como seres racionais – senão como seres inferiores; os negros tinham que trabalhar a terra para os proprietários a fim deles sempre obterem lucros. O político, diplomata, historiador, jurista e jornalista brasileiro Joaquim Nabuco (2010, p. 91), registra sobre a questão do tráfico e suas consequências:

O que foi, e infelizmente inda é, o tráfico de escravos no continente africano, os exploradores nos contam em páginas que horrorizam; o que era nos navios negreiros, nós o sabemos pela tradição oral das vítimas; o que por fim se tornava depois do desembarque em nossas praias, desde que se acendiam as fogueiras anunciativas, quando se internava a caravana e os negros boçais

¹¹ Essa lei foi apresentada por Afonso Arinos de Melo Franco a qual proíbe a discriminação racial no Brasil, além de prever igualdade de tratamentos. É o primeiro código brasileiro a incluir entre as transgressões penais a prática de atos os quais resultem em preconceito de raça e de cor da pele.

tomavam os seus lugares ao lado dos ladinos nos quadros das fazendas, vê-lo-emos mais tarde. Basta-me dizer que a história não oferece no seu longo decurso um crime geral que, pela perversidade, horror e infinidade dos crimes particulares que o compõem, pela duração, pelos seus motivos sórdidos, pela desumanidade do seu sistema complexo de medidas, pelos proventos tirados, pelo número das suas vítimas e por todas as consequências, possa de longe ser comparado à colonização africana da América.

É provável que quando o Estado impõe regras sociais, elas poderão ter reflexos na descendência dos indivíduos os quais as criaram como “sensatas”. Ou seja, ações que revelam acerto, juízo; acertado para servir de auxílio às habilidades humanas e financeiras de épocas diferentes da História. Essa oposição pode ser vista na relação entre o poder, família e Estado. O filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo e crítico literário Michel Foucault (1979, p. 290) defende:

A população será o objeto que o governo deverá levar em consideração em suas observações, em seu saber, para conseguir governar efetivamente de modo racional e planejado. [...] a passagem de uma arte de governo para uma ciência política, de um regime dominado pela estrutura da soberania para regime dominado pelas técnicas de governo, ocorre no século XVIII em torno da população e, por conseguinte, em torno do nascimento da economia política.

Também, é necessária a compreensão dos fatos os quais aparecem no cotidiano, em especial o direito à liberdade a fim de não haver cerceamentos por parte do opressor para a ruína dos oprimidos. A decisão de praticar atos prejudiciais (mesmo que impensadamente) a uma instituição pública ou privada; ou ainda a outra pessoa confirmará a desgraça de outros indivíduos menos favorecidos numa escala, muitas vezes, incompreensível, uma vez que as coisas, as situações como as lutas e insurgências estão ligadas entre si, isto é, se algo de ruim acontece com uma pessoa, a outra pessoa, de alguma forma, será atingida, daí a sociedade poderá ser penalizada.

2.6 A memória e a memória cultural

De acordo com o linguista e etimólogo, Antônio Geraldo da Cunha (2000, p. 512), o vocábulo, - memória, significa “Lembrança, reminiscência (século XIII). Do lat. *mēmōria*, de *memor* –ōris que se lembra, relacionado com *meninice* [...]”. A História que é vivida pela sociedade não está desunida da história contada, pois uma história se mostra interdependente

da outra, ou seja, para ser narrado um fato histórico é, antes de qualquer coisa, pontual rever à memória individual e, de certa forma, a memória coletiva.

A memória diz respeito às situações em que houve um fato no passado, e as lembranças fazem de alguma forma ser percebida nos momentos vividos, sejam elas boas ou ruins. Ou melhor, os acontecimentos do passado podem ser reproduzidos no momento presente ao tomar por base a existência de um fato em um determinado lugar.

Pode-se discutir, nesta ocasião, que é relevante analisar a memória no sentido de que ela está ligada por natureza aos seres humanos de tal forma a aumentar a capacidade de poder viver e perceber os fatos da sociedade de outrora para a presente sociedade entender os equívocos e acertos na acepção de que não é bom se esquecer da identidade, uma vez que cada pessoa possa ser única.

Lembrar-se das coisas; dos acontecimentos é indispensável, pois o homem é um ser que precisa utilizar a memória; utilizando-a no espaço e no tempo. Na visão do filósofo Henri Bergson (1997), espaço e tempo, seriam referências de como o que é real se apresenta à inteligência e à intuição. Nessa direção, o filósofo escreve o seguinte:

[...] nosso presente não deve se definir como o que é mais intenso: ele é o que age sobre nós e o que nos faz agir, ele é sensorial e é motor; nosso presente é antes de tudo o estado do nosso corpo. Nosso passado, ao contrário, é o que não age mais, mas poderia agir, o que agirá ao inserir-se numa sensação presente da qual tomará emprestada a vitalidade. (BERGSON, 1990, p. 197).

Por isso, voltar ao passado fará com que o homem não venha a perder os traços social e cultural de como viviam os indivíduos em sociedade antes da atual, embora o presente histórico não esteja ligado ao passado histórico, porém o momento atual sofre influências do tempo pretérito, ou melhor, do tempo o qual passou. Quando é pensada a memória, pode-se voltar aos antigos gregos¹² os quais tinham por crença que ao ser utilizada ela estaria em harmonia com a mãe das Musas, Mnemosyne¹³; com isso os romanos davam valor à memória por tratar da elocução (retórica) e da arte. À proporção que era utilizada a memória mais ela

¹² Segundo Marilena Chauí (1994, p. 126), “Os antigos gregos consideravam a memória uma identidade sobrenatural ou divina: era a deusa Mnemosyne, mãe das Musas, que protegem as Artes e a História. A deusa Memória dava aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado e de lembrá-lo para a coletividade. Tinha o poder de conferir imortalidade aos mortais, pois quando o artista ou o historiador registram em sua obra a fisionomia, os gestos, os atos, os feitos e as palavras de um humano, este nunca será esquecido e, por isso, tornando-se memorável, não morrerá jamais”.

¹³ Ainda de acordo com Marilena Chauí (1994, p. 126), “Tão lendária quanto às próprias Musas são as histórias relativas à sua origem. Elas representam a engenhosidade da imaginação humana para traduzir, em termos concretos, os poderes criadores da mente. Acreditava-se que as Musas inspiravam a verdade e assim os escritores invocavam a sua ajuda para não contar coisas falsas aos homens.”

se fazia conhecida entre as sociedades do passado. Segundo a filósofa Marilena Chauí (1994, p. 125), é explicado o seguinte:

A memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais. É nossa primeira e mais fundamental experiência do tempo e uma das obras mais significativas da literatura universal contemporânea é dedicada a ela [...].

De certa forma, tudo o que acontece agora, neste exato momento; daqui a alguns minutos (segundos, talvez) já será passado. E os acontecimentos ocorrem numa velocidade tão grande que as pessoas envolvidas não percebem as contribuições deixadas no momento do fato. O tempo que se passou não pode ser reproduzido tal qual aconteceu, mas é possível reproduzi-lo ao imaginar, fantasiar os atos, talvez substituir os atores, na possibilidade de representar o ocorrido.

A relação do ser humano com o passado é bastante diversificada, uma vez que nem todas as pessoas compartilham a relação com a mesma intensidade. E os valores, então, normas, princípios ou padrões sociais aceitos ou mantidos por indivíduo, religião, grupo, classe, sociedade, dentre outros percebidos podem, também, ser diversos, pois há interesses sociais, financeiros e políticos ao observar o que é desejado do passado para as sociedades do futuro. É possível refletir os problemas humanos nos tempos de outrora a fim de poder evitá-los no futuro. Igualmente, é preciso utilizar de consciência crítica a fim de proporcionar equilíbrio nas relações entre pessoas – e a memória é um dos principais meios para chegar a um ponto mais elevado dessas relações.

Isto é, a memória não é intencional, mecânica. Ela é, sobretudo, formada no imaginário de cada indivíduo, e adquire diversas formas para tornarem notáveis as experiências em que o homem ou a mulher discuta a importância das suas ações com base nas experiências. Logo, pode-se perceber que a memória é um dos principais veículos de observação do passado.

Quando as pessoas são vistas guardando objetos tidos como de valor simbólico, especialmente os de valores sentimentais, acreditam-se que os seus possuidores o fazem a fim de proteger a memória familiar, e ela ser passada para as futuras gerações, aos parentes mais próximos tanto aqueles que observam os acontecimentos com a finalidade de serem analisados enquanto valorização dos bens culturais quanto os demais que farão análises dos registros deixados. Logo, a ação de guardar tem um objetivo de registrar e de proporcionar saberes necessários aos costumes passados.

A valorização da memória é algo discutido em muitas sociedades, ora para lembrarem as feridas das pessoas de diversos lugares; ora para lembrar o sucesso de seus atos. O fato é de que a memória sempre se fez presente quando foi desejado obter bons resultados nas ações humanas e, mais adiante absorver o lado positivo ou ainda aprender com o lado negativo dos atos coletivos ou individuais de uma determinada cultura.

Ou melhor, aprende-se o bastante ao rever as situações pelas quais os indivíduos não obtiveram êxito ao tomar decisões, e eles, os indivíduos atuais ou outros de épocas passadas, aprenderão e, de alguma maneira, a sociedade evitará o mal no sentido de lembrar que outras pessoas antes erraram. No caso de haver acertado no passado, é preciso à reprodução da ação, com algumas adaptações a fim de ser conseguido o tão esperado sucesso para a coletividade. A memória é aqui percebida como lembrança, boa ou ruim, a qual alguém pode acioná-la (no sentido de pôr em ação, em movimento; fazer funcionar) sempre que for preciso.

2.7 O poder nas interações com a sociedade

A relação entre esses opostos (colonizador X colonizado) foi percebida em todo o Brasil, principalmente, – embora haja relações parecidas em muitas partes do Mundo. Mas, é na Bahia, que essa relação esteve mais presente antes, e no cotidiano. O poder existe para regulamentar as situações em que a humanidade está passando. Logo, a responsabilidade para com a preservação daquilo que é aparentemente bom está sobre aqueles que se destacam na política; na família; na religião; nas forças militares; nas universidades, enfim, em quaisquer órgãos nos quais a relação entre pessoas possam estar voltadas para o desenvolvimento da relação entre pessoas no espaço público ou no espaço privado. O poder sempre existiu para administrar as ações dos homens.

A obediência é, sem dúvida, a tentativa de equilibrar quaisquer avanços significativos em muitos setores da sociedade. Nesse sentido, vale ainda afirmar que em toda relação humana há poder, pois não há poder sem que exista um que mande; e o outro que seja mandado. Trata-se de um processo em que sempre existe quem mande e quem obedeça.

Sobre poder, não é desejado esgotar a terminologia em seu uso, mas é necessário destacar a origem do termo. Mais uma vez, nas palavras do etimologista Antônio Geraldo da Cunha (2000, p. 616), *poder*, significa, “ter a faculdade de’ ‘ter possibilidade de’ XIII. Do lat. vulg. pōdēre, por posse [...]”. Embora a escrita tenha aparecido nas letras no século XIII, o poder enquanto ação humana, já havia sido exercido há séculos quando as pessoas tinham

suas vidas administradas por um indivíduo ou por grupos de indivíduos constituídos (aceitos ou não pela sociedade).

No momento em que um indivíduo se submete às leis constituídas, ele terá que cumpri-las, senão terá que sofrer as duras penalidades instituídas por quem, de repente, exerce influência sobre ele. Tem poder quem exerce influência, autoridade. Isto é, uma pessoa pode se impor sobre outrem através de força física, intelectual, moral, espiritual.

Há muito tempo, mesmo antes das cidades serem inventadas como lugar para onde os habitantes se dirigiam, a relação de poder deu-se em forma de conflito: quem as administrava encontrava dificuldades em se relacionar com os cidadãos. Era comum haver desentendimentos entre mandatário e cidadãos. O poder dá a entender a existência de responsabilidades em suas relações, ou seja, para que ele exista é necessário haver, também, sujeitos cujas intenções, aspirações e desejos sejam identificadas e consideradas.

Em várias ocasiões um gesto é capaz de identificar quem, na interpessoalidade dispõe de poder sobre a outra pessoa desde a relação familiar até a relação educacional. Nas palavras do pesquisador Gérard Lebrun (1999, p. 18), “[...] É na esfera privada, relativa à sua família, aos seus escravos, que o homem se porta como uma “monarca” ou como um *despotés* (= senhor de escravos; o sentido não é pejorativo), em suma, um dominador [...]”. E, nesse ponto de vista, a relação de poder não seria respeitada ao não se considerar a provedora do lar no seu legítimo exercício de poder. Em culturas como a brasileira, o homem é quem exerce a poder privado e público. Trata-se do patriarcalismo, sistema comum na sociedade atual, e que vê na família como o centro de poder dos homens, deixando as mulheres apenas como coadjuvantes do processo familiar.

Nessa concepção, a mulher pode desfrutar do poder sobre os filhos. E o filho mais velho pode exercer poder sobre o irmão mais novo. Mas, vale discutir: toda a relação ocorrerá quando o pai não estiver presente fisicamente ou renuncie a vontade de exercer influência quando não puder fazê-lo, mesmo nos casos de ausência, ou seja, está ausente, mas deixa claro o que tem que ser feito no dia, na semana, no mês – com o controle de suas ordens.

Outro exemplo, nas forças armadas, sobretudo na Marinha do Brasil, pode-se perceber que o marinheiro-recruta deve respeito a outro marinheiro-recruta; esses dois devem respeito ao cabo, enquanto o cabo deve respeito ao sargento, e daí por diante. Todos têm (dentro da Marinha do Brasil) que zelar pelo respeito a quem tem mais poder. E isso vai parar no maior cargo: o de Almirante. As ordens, no organismo militar, vêm sempre de um indivíduo que é superior em relação aos demais membros da Força.

Caso algum militar não obedeça à ordem imposta será punido para o bem do serviço militar, pois “quando me submeto às leis e regulamentos editados pelo poder, é sempre porque uma infração significaria a certeza de uma punição (para todos, em princípio)”. (LEBRUN, 1999, p. 17). Salvo os casos os quais fogem à regra militar, é impossível alguém ter servido nas Forças Armadas do País, e não ter na memória as (des) vantagens de prestar obediência àquele que tem o poder de fazer realizar alguma tarefa, pois, em se tratando de algo vir a dar errado, a responsabilidade cairia sobre aquele com a patente mais alta.

Na política, no caso da República Federativa do Brasil, o maior cargo, atualmente, é o da presidente afastada Dilma Vanna Rousseff¹⁴, e todos os senadores (União), deputados federais (União), governadores (Estados), deputados estaduais (Estados), prefeitos (Cidades) e vereadores (Cidades) devem obediência à presidente. Por isso mesmo que “[...] O poder não é caso extremo de exercício da autoridade: ao contrário, é a sua violência, quando em surdina, que torna possível uma *aparência* de autoridade cortês e benevolente. E isso, em qualquer sociedade que seja”. (LEBRUN, 1999, p. 116). Trata-se da pessoa que tem o poder de possibilitar ações boas ou não para todos os brasileiros; e todos os estrangeiros os quais venham para o Brasil a fim de executar quaisquer tarefas. Já nos centros de pesquisa – locais onde o ensino é a possibilidade de acesso ao conhecimento dos direitos e deveres da pessoa, é o professor que tem poder sobre o aluno, o aprova, orienta, atribui qualidades. De maneira que quaisquer decisões irão passar pelo crivo e parecer, seja na Escola, Instituto ou Universidades.

2.8 Relações sociais x representações sociais

As relações sociais brasileiras podem fazer com que a interpessoalidade seja regida pela cultura, e os cidadãos desejem perceber os costumes positivos ou negativos dentro do território nacional, oportunizando-os assim reconhecimentos das identidades desse povo e, de certa forma, provocar outras relações entre indivíduos através da convivência da qual a coletividade poderá ser notada como capaz de se adaptar as questões do tempo presente, tais como direitos e deveres essenciais à vida. Não há acontecimento histórico sem haver a

¹⁴ A Presidente do Brasil, eleita em 2010, e reeleita em 2014 é a primeira mulher a alcançar o maior cargo brasileiro. Porém, ela foi separada do posto em maio de 2016. Janaina Conceição Paschoal, advogada e Professora Livre Docente de Direito Penal na Universidade de São Paulo (USP), foi uma das vozes mais ouvidas pela sociedade brasileira por causa das denúncias que seriam consequência do impeachment da Presidente Dilma Rousseff. No momento, a presidente afastada responde por crimes de responsabilidades eventualmente cometidos. Ela está sendo acusada por desfalcas as contas públicas, fato que dava a população a ideia de que o Brasil passava por uma situação melhor em relação à realidade, segundo os acusadores. A existência das pedaladas fiscais são objetos de ataque de seus opositores, ao passo que a inexistência delas é objeto de defesa dos aliados da presidente.

presença de pessoas envolvidas no fato, visto que existe uma forte interdependência entre o momento histórico e o agente causador.

As pessoas envolvidas no feito histórico relacionado aos eventos sociais do Brasil demonstra alegria frente às lembranças, principalmente quando elas favorecem momentos de bem-estar. De fato, a reminiscência dá a entender que o conhecimento tanto de quem fala quanto de quem é interlocutor no processo de interação possibilita que seja possível relembrar no presente os fatos ocorridos no passado.

Representar, nessa direção, significa ter a ideia de como algo pode ser; de como as coisas podem ganhar sentido tal como acontece. Como vai ser visto depende da observação do agente, isto é, depende de como a pessoa percebe os fatos, tornando-os ou não como algo familiar, conhecido. Para um fenômeno ser conhecido é preciso analisá-lo bem com a finalidade de tornar familiares as condições com as quais os fatos estão presentes na sociedade. Essa relação de realidade e irrealidade dá espaço para as discussões sobre o valor de perceber o indivíduo o qual está entre outras pessoas e interagem ao mesmo momento em que contribui com os seus atos para a coletividade. Relacionar-se com o outro vai depender do momento histórico e social em que esteja o ser humano como um ser atuante. Mesmo sem conhecer, mostra-se capaz de conviver com o seu expresso semelhante.

As representações sociais são modalidades de conhecimento prático para serem exercidas numa relação entre indivíduos numa comunicação com o objetivo de que haja (entre os envolvidos) a interpretação dos fatos no contexto histórico e dentro de uma sociedade. Os conhecimentos de teorias de imagens, de conceitos distanciam ou aproximam as pessoas umas das outras. Isto é, quanto mais conhecido é o contexto histórico e social mais próximo ou distante a pessoa se mostra frente à relação. Mas a maneira pela qual as pessoas observam as relações entre outras pessoas pode até estreitar ou não os laços de afetividade, isto é, a partir da relação às pessoas podem se conhecer melhor.

As representações sociais têm a ver muito com o conhecimento do senso comum, fazendo com que cada indivíduo tenha uma opinião sobre os eventos realizados em um dado momento da história, como também as ações desse indivíduo podem influenciar, de certa forma, a outros – até chegar a influenciar toda a sociedade; toda a região; todo um país. O psicólogo social Serge Moscovici (2007, p. 55) é um dos pioneiros nos estudos das relações sociais, o qual afirma o seguinte:

[...] a dinâmica das relações é uma dinâmica de familiarização, onde os objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos em

relação a prévios encontros e paradigmas [...] a memória prevalece sobre a dedução, o passado sobre o presente a resposta sobre o estímulo e as imagens sobre a ‘realidade’.

É discutido que as representações sociais podem acontecer em quaisquer setores da sociedade (universidades, hospitais, penitenciárias, etc.) atingindo todas as pessoas; e os fatos, bem como as ações de homens e mulheres podem ocorrer de modo que os costumes aceitos em um lugar possam ser combatidos em outro lugar, por exemplo, o uso de tatuagens pode ser bom em um determinado grupo social; em outro grupo social pode não ser aceito.

As representações sociais podem dar caráter de movimento às relações dentro de um grupo ou em determinada sociedade, oportunizando as pessoas novas interpretações frente à cultura de um povo e, de certa forma, pode aparecer desempenho entre os indivíduos; e demonstrar a possibilidade de convivência da qual a coletividade irá ser percebida como capaz de familiarizar-se com questões dos dias atuais.

As pessoas cujas memórias são exercitadas podem ser estimuladas frente às lembranças, principalmente quando essas fazem referências a momentos de satisfações ou frustrações. De fato, a reminiscência dá a entender que o conhecimento tanto de quem fala quanto de quem é interlocutor é vista no processo em que haja ação mútua entre duas ou mais pessoas.

No que se refere à educação – como também à cultura –, pode-se afirmar que a liberdade nessa relação é algo inerente (o que é ligado por natureza) às práticas humanas. Nessa direção, a liberdade tem a ver com a autoridade. E elas são, neste caso, interdependentes. O sociólogo Émile Durkheim (2001, p. 27) defende que:

A liberdade é filha de autoridade devidamente compreendida, já que ser livre não é fazer-se aquilo que se deseja: é ser-se senhor de si próprio, saber agir racionalmente e cumprir o seu dever. Ora, é precisamente em dotar a criança desse domínio sobre si mesma que a autoridade do mestre deve ser utilizada. Essa autoridade é tão-somente um aspecto da autoridade do dever e da razão. A criança deve pois ser exercitada a reconhecê-la na palavra do educador e a submeter-se ao seu ascendente. É nesta condição que ela, mais tarde, poderá reencontrá-la na sua consciência e difundi-la.

Diante disso, ser livre é ter ou trabalhar a consciência da autonomia de si mesmo com o respeito ao outro. Ao transferir tais discussões para o a sociedade, verificar-se-á o seguinte: alguns indivíduos trazem problemas familiares para a sociedade, como a falta de respeito entre as pessoas; outros indivíduos vão de encontro às autoridades constituídas no processo das relações sociais, isto é, a família projeta os problemas para que a sociedade os absorva de

alguma maneira. As representações sociais têm por responsabilidade discutir as relações humanas a partir da ideia de coletividade sem abandonar a individualidade. No sentido em questão, o que é desconhecido, poderá ser notado; e o que é abstrato poderá ser considerado como concreto. Sobre esse acontecimento é possível perceber que:

As representações que fabricamos – de uma teoria científica, de uma nação, de um objeto, etc. – são sempre o resultado de um esforço constante de tornar real algo que é incomum (não familiar), ou que nos dá um sentimento de não familiaridade. Através delas, superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão; o que era abstrato torna-se concreto e quase normal (...) as imagens e ideias com as quais nós compreendemos o não usual apenas trazem-nos de volta ao que nós já conhecíamos e com o qual já estávamos familiarizados. (MOSCOVICI, 2007, p. 58).

Não pode haver representações sociais se o todo não observar as partes (os indivíduos); e as partes não se relacionarem com o todo. Caso haja harmonia entre os indivíduos, existirá interdependência entre os envolvidos nas interações humanas as quais poderão passar entre as gerações através da convivência nas escolas, igrejas, grupos (in) formais, etc.. Sobre esse aspecto, nota-se o estado de isolamento e o surgimento de fenômenos ligados à do indivíduo.

A este respeito cabe lembrar que o todo não se forma a não ser pelo agrupamento das partes, e este agrupamento não se faz num instante, por milagre súbito, mas existe toda uma sucessão infinita de intermediários entre o estado de isolamento puro e o estado de associação caracterizada. Mas à medida que a associação se constitui, dá lugar ao nascimento de fenômenos que não se originam diretamente da natureza dos elementos associados. (DURKHEIM, 1994, p. 48).

As representações sociais acontecem de maneira sequenciada; e as causas, bem como as suas consequências, podem ocorrer de modo que o aceito em um momento da História da Humanidade; em outro momento possa ser rejeitado quer seja por um grupo familiar; quer seja por uma parte da sociedade. Logo, é impossível que todos os indivíduos em sociedade sejam unânimes acerca da exposição de problemas que afetam a eles, como direito a transportes públicos de qualidade, melhores salários, etc. a fim de agradar a quaisquer seguimentos sociais, educacionais, políticos.

As relações podem ocorrer tanto em grupo (espaço delimitado da personalidade), quanto em sociedade (espaço delimitado da interpessoalidade) – o que dispõem os

conhecimentos humanos e culturais acessíveis à coletividade. Diante disso, pode-se discutir que uma das maiores diferenças entre Émile Durkheim e Serge Moscovici reside em:

[...] se, no sentido clássico, as representações coletivas se constituem em um instrumento explanatório e se referem a uma classe geral de ideias e crenças (ciências, mito, religião, etc.), para nós, são fenômenos que necessitam ser descritos e explicados. São fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum. É para enfatizar essa distinção que eu uso o termo ‘social’ em de ‘coletivo’. (MOSCOVICI, 2001, p. 49).

Sendo assim, as relações humanas sob o plano de vista das representações sociais procuram (ou deveriam procurar) estreitar as relações dentro do espaço de conforto (casa, igreja, clube, etc.) e voltar às atenções para o que ocorrem fora desse espaço (a sociedade), dentro de uma dinâmica capaz de proporcionar valores de atitudes clássicas as quais o outro é alguém cuja (im) personalidade possa ser valorizada, isto é, o ser humano deveria valorizar a outro ser humano. As comunicações entre os indivíduos precisam ser discutidas como atividades intrinsecamente das pessoas; e suas relações precisam ser observadas como possíveis relações entre iguais, isto é, entre todos os seres humanos.

Dessa maneira, constata-se que as representações sociais estão presentes em todo o espaço da sociedade humana e, como objeto a ser visto e discutido, sobretudo entre os pesquisadores. Seria bom que as pessoas pudessem diminuir a área ou o espaço dessas relações, ou seja, os laços de afetividade a fim de (re) conhecer que o outro indivíduo é tão único e com capacidade de entender ações quanto quem, de repente está por demonstrar comunicações e interações, isto é, todos são fundamentalmente iguais.

2.9 Sentimento negro: a Bahia como o lugar de conquistas

A escravidão do negro foi o maior pesadelo que o cativo passou, sendo que a privação de alimentos, moradia e a distância familiar contribuíram em demasia para a morte deles. Mesmo assim, muitos sonhos como direitos à liberdade, à propriedade e à prosperidade começariam a ser realizados, mesmo de dentro das Senzalas, até os grandes canaviais. A Lei Eusébio de Queirós (no original Euzébio de Queiroz, 1850 e já mencionada anteriormente), para o Brasil foi à possibilidade do primeiro degrau para a tão esperada (e desejada) liberdade. O território Baiano recebeu forte influência através da chegada de escravos em comparação

aos demais estados do Território Nacional. O historiador e escritor João José Reis (2003, p. 45), diz o seguinte sobre a Bahia:

A Bahia destacou-se como uma das regiões mais agitadas do país. Entre 1820 e 1840, a província foi o palco de um conflito anticolonial, revoltas militares, motins antiportugueses, quebra-quebras e saques populares, rebeliões liberais e federalistas, como laivos republicanos, e levantes de escravos [...].

Acredita-se que a Bahia tenha sido estratégica para a chegada de portugueses em virtude da facilidade geográfica e, principalmente, através do Porto (Bahia); por se tratar, também, de um vasto território; a província tenha se transformado, provavelmente, em um palco de atividades populares as quais apresentam o desencadeamento de lutas entre nativos e não nativos a fim de poder libertar o baiano (em primeiro plano) e, em seguida, o povo brasileiro das opressões sociais, religiosas e econômicas do colonizador português.

Se a liberdade era incondicional e indiscutível, muitos séculos se passaram para que hoje o negro pudesse ter um sentimento de liberdade. Mas que, para isso, muitos tiveram que lutar; sofrer; serem humilhados; padecer diversas vezes sob as injustiças em oposição aos “homens justos”, ou seja, aqueles que, colonizaram as terras do Território Nacional. Entretanto, o escravo poderia até pender e nunca desistir do sonho de ser e se tornar “homem/mulher livre”. O pesquisador Wesley Correia (2013) discute mais uma vitória do negro no cotidiano, que é a de estar presente em quaisquer órgãos públicos ou privados. A presença afro-brasileira é, primeiramente, um ato de liberdade:

*Este cheiro de preto,
inebriante nas academias,
nas letras,
nas ciências,
é a profecia do gueto
que se cumpre. (CORREIA, 2013, p. 43)*

Neste sentimento, os negros e as negras são presentes nas instituições públicas e privadas de ensino, na instituição religiosa ou ainda social. De maneira geral, o negro sai de seu espaço comum para outros espaços (até então estranhos), e caminha rumo à liberdade da oralidade, da estética, da ciência, da vida. E a ação possibilita muitas discussões de interesse do povo negro. O teórico indiano Homi K. Bhabha (2007, p. 228) discute que:

A diferença cultural introduz no processo de julgamento e interpretação cultural aquele choque repentino do tempo sucessivo, não-sincrônico, da significação [...]. A própria possibilidade de contestação cultural, a habilidade de mudar a base de conhecimentos, ou de engajar-se na ‘guerra de posição’, demarca o estabelecimento de novas formas de sentido e estratégias de identificação.

O povo negro, pode-se dizer, tem resiliência no que se refere à crença; no poder de se projetar para além do desejado pelo opressor o qual planejou o opressor, há muitos séculos, aprisionar ao negro visto pelo ele como alguém que está à margem da sociedade. No presente momento, ele mesmo – agora com outro discurso – tenta amordaçar a alguns negros residentes no Brasil.

Os movimentos negros na Bahia, como ponto central os da década de 70¹⁵, especialmente o Movimento Negro Unificado (MNU) puderam discutir a importância de ser negro na perspectiva de discutir a colaboração de muitos negros assassinados, mas que ainda se fazem presentes através das lembranças; pelos sentimentos de liberdade, compreensão, paz, respeito ao outro. A Bahia pôde receber influências de outros cantos, estudá-las, discuti-las, percebê-las como parte integrante da própria cultura que deveria ser discutida por toda a população baiana. Dentre muitos estados brasileiros, a Bahia é o lugar no qual as impressões dos países com religiões de matrizes africanas mais se identificam.

Embora as relações identitárias nas culturas de países em que o português é o idioma oficial, em alguns casos possam existir desacordos entre as relações, mas é perfeitamente possível revertê-las. “Sendo o nosso propósito a ‘desalienação’ dos negros, gostaríamos que eles sentissem que, toda vez que há incompreensão entre eles diante do branco, há ausência de discernimento.” (FANON, 2008, p. 49). Quando se fala em pluralidade, é provável a existência de diálogos entre os brancos que podem cercear direitos básicos dos negros, como o poder legítimo à vida, e a ausência de entendimentos impulsiona as minorias, fazendo aumentar o sofrimento dela por anos.

¹⁵ As expressões políticas ligadas ao negro (década de 1970), que aconteciam no mundo, influenciaram os afro-brasileiros, como os movimentos Black Power e dos direitos civis nos Estados Unidos da América (EUA). Personalidades atuantes como Martin Luther King Júnior (conhecido como Luther King ou ainda Martin Luther King), Angela Yvonne Davis (conhecida por Angela Davis) e Al-Hajj Malik El-Shabazz (foi registrado como Malcolm Little; mas é mundialmente conhecido como Malcolm X) conseguiram alcançar os seus objetivos através das ideias e conhecimentos de luta dentro dos Estados Unidos, como também além das fronteiras do País. E, também acompanhavam os movimentos para a libertação do Apartheid, regime político adotado na África do Sul (1948 a 1994). Uma das principais personalidades a qual lutou contra o Apartheid foi Nelson Rolihlahla Mandela (Nelson Mandela). Por influência dessas manifestações, os ativistas negros brasileiros começaram a se organizar e a teorizar seus ideais. Diante dessa análise foi criado o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, em 1977, em São Paulo, o que foi caracterizado adiante como Movimento Negro Unificado (MNU) a fim de defender as questões relativas aos afro-brasileiros.

2.10 As relações negras com a oralidade

É comum nas religiões de matrizes africanas o aprendizado através da oralidade a fim de observar os acontecimentos passados e, dessa forma, as pessoas obterem conhecimentos para a vida presente. Por isso, a memória corresponde às histórias contadas de geração em geração, espalhando conhecimentos para a posteridade cuja principal responsabilidade será dar apoio aos outros indivíduos para que possam aprender a ser ainda melhor com os demais membros de sua comunidade.

A comunicação oral está presente até os dias atuais, daí os negros e as negras aprenderam com o outro (diferente de quem fala) a tarefa de ouvir e cultivar (a partir do que observaram) a identidade, o conhecimento obtido ao longo da vida através da voz que, em primeira análise, é pronunciada como muito forte, mas cheia de inquietações. Por isso, falar ao outro corresponde em conhecer a sua própria cultura para não trazer prejuízos físicos ou não para a outra pessoa; é preciso (re) conhecer o lugar e as relações entre os habitantes: quem conta algo não deseja ser incompreendido na comunicação, mas deseja transmitir costumes, acontecimentos de uma época vivida por outros habitantes de mesma cultura.

É ato inadmissível privar alguém da liberdade, como também privar o semelhante do direito de ir vir, cortando-lhe toda a chance da obtenção de sucessos na vida religiosa, social e econômica. Sobre domar, no sentido de tornar alguém doméstico, o psiquiatra, ensaísta e influente pensador francês Frantz Omar Fanon (1968, p. 10) defende:

[...] Quando domesticamos um membro de nossa espécie, diminuímos o seu rendimento e, por pouco que lhe demos, um homem reduzido à condição de animal doméstico acaba por custar mais do que produz. Por este motivo os colonos vêm-se obrigados para a domesticação no meio do caminho [...].

Nesse jogo em que não há vitoriosos nem vencidos, o senso é a melhor maneira para equilibrar esta relação, já que se o homem é um cidadão, não justifica a violação dos direitos das pessoas. O negro já nasceu forte em vista de ter suportado os horrores da Escravidão. É lamentável que alguns indivíduos ainda desejem – embora com insignificantes sucessos –, oprimir, perseguir, humilhar a quem é igual a ele mesmo.

Não é desejado, de maneira alguma, afirmar que o povo negro é provido unicamente de força física, mas é, acima de tudo, possuidor de uma força interior capaz de perdoar, porém não se esquece dos absurdos violentos os quais passaram gerações antes da atual. As impressões (neste caso, escrita literária de caráter crítico e subjetivo acerca de um assunto)

deixadas do mundo colonial estão presentes através do físico e não físico negros. E requer cuidados especiais:

O colonizado está sempre atento porque, decifrando com dificuldade os múltiplos signos do mundo colonial, jamais sabe se passou ou não do limite. Diante do mundo arranjado pelo colonialista, o colonizado a todo momento se presume culpado. A culpabilidade do colonizado não é uma culpabilidade assumida, é, antes, uma espécie de maldição, de espada de Dâmocles. Ora, no mais fundo recesso de seu ser, o colonizado não conhece nenhuma jurisdição [...]. (FANON, 1968, p. 39-40).

Com isso, não é desejado promover a inquietação (a não ser a necessária reivindicação) para a obtenção dos direitos, nas lutas físicas do negro com o opressor. Mas, sobretudo, afirmar: o negro está atento a quaisquer desmandos cometidos em locais públicos ou não – mesmo que, em algum lugar desta Bahia, a maioria não se importe em calar-se; e isso pode ser visto como dizem os pacifistas como um ato de luta coletiva, isto é, o silêncio se apresenta como um ato de luta também.

A obra só pertence a quem escreve até o momento da publicação, através de narrativas escritas ou orais. De qualquer maneira não deixaria de ser escrita, pois, afinal, as narrativas falarão das ações de um povo que se orgulha do passado, mesmo ao atentar para os sofrimentos dos antepassados na esperança hipotética de não aceitar nenhum tipo de cerceamento do que seja justo, reto e conforme a lei (no caso do Brasil, a partir da Lei Áurea, 1888) dos negros cuja História aponta a todo o momento.

De certo, algo que era tão esperado, hoje pode ser visto, analisado, discutido e recomendado para as futuras gerações para aprenderem com os velhos, os sábios, e toda sorte de gente que conta (va) os feitos e efeitos do negro, agora, fundamentalmente, livre das amarras de seus senhores. Os ancestrais, além dos ensinamentos raros ensinaram, por intermédio da oralidade, aptidões para sobrevivência das gerações seguintes. Conquanto, hoje, a situação do negro araciense não está diferente do passado: se antes lhes faltava liberdade, hoje não têm a liberdade de ir e vir; sofriam em demasia com a falta de alimentos saudáveis, atualmente alimentam-se mal e adoecem facialmente.

2.11 As relações entre o Estado e o negro

A escravidão física e psíquica dos negros fez com que milhares deles, espalhados pelo globo, sentirem-se impotentes em virtude de suas forças serem pequenas dadas as

adversidades encontradas nos locais onde foram comercializados. Na verdade, o corpo físico, para algumas culturas, sobretudo, a cultura africana, pode ser visto como cativo (prisioneiro), mas é na mente por qual circula o sentimento de ser/ estar em completa liberdade que o sentimento de pertencimento ganha notoriedade nas relações entre o negro e o Estado. Nessa direção, o Estado é quem exerce maior influência nessa questão; e a população a fim de ter o mínimo para viver, precisa estar nesse diálogo complexo. Dessa forma, o filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo e crítico literário Michel Foucault (1979, p. 290) defende:

A população será o objeto que o governo deverá levar em consideração em suas observações, em seu saber, para conseguir governar efetivamente de modo racional e planejado. [...] a passagem de uma arte de governo para uma ciência política, de um regime dominado pela estrutura da soberania para regime dominado pelas técnicas de governo, ocorre no século XVIII em torno da população e, por conseguinte, em torno do nascimento da economia política.

Há uma relação desigual entre o Estado (poder) e a população (subordinada), onde o Estado não ouve o clamor da população acerca dos diferentes problemas que a afetam. Nesse sentido os valores sociais são formados pela força do Estado que exerce sobre os cidadãos, isto é, o poder sobre a provável força (mas expressiva) do subordinado. Mesmo que, ainda, o cidadão, o escravo, o senhor e outros seres sociais não olhem para as relações sociais, é preciso atentar que o conjunto de ideias estabelecidas (in) formalmente pelo Estado fará ser notada como suposta relação de harmonia entre os envolvidos (oprimido e opressor).

As relações entre Estado e cidadãos deveriam ser equilibradas pelo princípio do respeito mútuo. Porém, não há respeito nas relações (Estado e cidadãos), principalmente, quando os interesses econômicos estatais estiverem diretamente envolvidos, daí os seres sociais perderiam direitos e ficariam apenas com os deveres. O querer mais está junto a ter uma vida clássica (vida de qualidade) e esta vida se distancia bastante da pobreza em quaisquer momentos históricos. Por isso, há uma suposta impossibilidade de que o negro se mantenha isolado das situações coletivas. Poder-se-ia deixar de lado o negro de suas impressões identitárias? É certo que não! Todavia, mesmo que ele (o negro) queira, estaria condenado a ficar preso dentro de suas próprias certezas, pois aumentariam as discussões sobre as identidades como sentimentos de coletividades.

Cada negro esteja observando as garantias da liberdade individual, como por exemplo, o direito de ir ou vir. Talvez alguns achem desnecessário discutir as ações (nesse caso, a violência contra o povo negro) cujas complexidades são habituais entre um comandante e seu

respectivo comandado, embora a relação pareça infindável é inevitável que haja diálogos para não perder o que foi conquistado; para aumentar as conquistas conseguidas há muito tempo, uma vez que novos (des) casos¹⁶ (re) aparecem constantemente sobre o desrespeito dos direitos do povo negro, como a violência contra negros em Salvador.

2.12 Identidade, poder, política e liberdade em Araci

No que se refere à influência dos poderes constituídos, como o prefeito e seus secretários municipais da cidade de Araci, no diálogo entre política e liberdade, a maioria (negros, pobres, “despossuídos”) tenta, com bastante resistência, alcançar vitórias significativas (muitas vezes os que lutam não irão desfrutar dos benefícios conseguidos em sua geração) a fim de sobreviverem com dignidade dentro do local comumente escolhido; e em sociedade, enfim, em espaços selecionados por eles para viverem em paz. Entretanto, os negros locais, para desfrutar das benesses da vida precisa dar o máximo de si a fim de estar entre os outros cidadãos: é necessário trabalhar, manter uma casa, cumprir as orientações de segurança, enfim ele precisa estar atento constantemente para não aumentar as estatísticas do número de assassinados no município.

Entretanto, a geração seguinte poderá conseguir mais vitórias ou relativos momentos de vitória. Mesmo assim, há um intenso “combate” entre aquilo que é obtido e aquilo que é desejado obter das elites do Estado da Bahia; da cidade de Araci detém o poder das decisões as quais dirigem com mãos fortes o Estado; o Município de Araci. O autor, político, escultor e um dos maiores defensores da defesa da cultura e igualdade para as populações afrodescendentes no Brasil Abdias do Nascimento (2002, p. 142) afirma:

Além dos órgãos de poder – o governo, as leis, o capital, as forças armadas, a política – as classes dominantes brancas têm à sua disposição poderosos implementos de controle social e cultural: o sistema educativo, as várias formas de comunicação de massa – a imprensa, o rádio, a televisão – a produção literária. Todos esses instrumentos estão a serviço dos interesses das classes no poder e são usados para destruir o negro como pessoa e como criador e condutor de uma cultura própria.

¹⁶ Houve na Vila Moisés, Estrada das Barreiras, no bairro do Cabula, em Salvador – Bahia, na madrugada de sexta-feira, em 06 de fevereiro de 2015, o assassinato de treze jovens negros numa suposta troca de tiros com a Polícia Militar da Bahia. Embora a polícia tenha afirmado que o fato foi em vista de uma troca de tiros, a população local afirmou que não foi bem assim. Mas uma vez o braço armado (PM) do Estado age com violência contra os negros baianos. Fonte: Correio Nagô.

As leis existentes, em especial a Lei Áurea (1888), transmitem aparente forma de organização, sobretudo servem para tornar mais adequados para que alguns indivíduos estejam, segundo um padrão, cientes dos direitos e deveres, nos quais os indivíduos, em geral, ativos ou não possam conviver harmoniosamente em sociedade. Enquanto isso, as leis na cidade de Araci são materializadas como organismo capaz de propor segurança, saúde, habitação e educação para todos, desde que fiquem sob as ordens de gestores municipais.

São muitas as dificuldades encontradas pelos baianos (falta de segurança pública, educação de baixa qualidade, sistema de saúde ruim); e ficar sob a administração de quaisquer gestores é um enorme peso para quem está privado de direitos intransferíveis, sobretudo o direito à liberdade. A sociedade (em especial a sociedade baiana) não suporta, principalmente quando as problemáticas sociais dos cidadãos são afetadas, de modo que inexistente comprometimento dos gestores públicos para com a população. Logo, é bastante difícil viver sem discutir a identidade a qual muitas vezes, é ignorada por quem exerce o poder. Mas havendo ênfase na identidade haverá mudanças culturais. O sociólogo e teórico cultural Stuart McPhail Hall (2009, p. 106) esclarece:

A identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre demasiado ou muito pouco - uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. Como todas as práticas da significação, a identidade também está sujeita ao 'jogo da *différance*'.

Não é possível aceitar uma sociedade na presente época; e com valores humanos como demonstrados na Constituição Brasileira (como é o caso das sociedades modernas em que a democracia "reina") em que nela existam, simultaneamente, anormalidades frente aos direitos humanos. Por isso mesmo, é preciso indignação diante das injustiças a fim de que as pessoas vivam mais e melhor em família; em comunidade e na sociedade; e com menos dependência das forças as quais dominam direta ou indiretamente as populações ditas mais sofredoras.

Dáí pode ser discutido que o acúmulo de bens materiais em oposição ao bem-estar social dilata ainda mais a disparidade entre ricos e pobres; pois é possível aos indivíduos desfrutarem da qualidade de vida familiar e social sem que as intervenções externas venham a prejudicá-los e aumentarem as tensões políticas, sociais ou religiosas. Sobre a questão de se viver de forma em que a qualidade de vida esteja intrínseca à convivência humana, e de maneira que os cidadãos não venham a sofrer mais que o necessário com perseguições religiosas, políticas ou sociais. A liberdade é um ato constante para a existência dos direitos coletivos. A luta não acabou, até porque o ódio e a intolerância estão presentes no cotidiano e

fazem vítimas. O negro precisa se autodefender de todas as formas possíveis. Sendo assim, os escritores brasileiros e historiadores Joel Rufino dos Santos e Wilson do Nascimento Barbosa (1994, p. 157) argumentam:

[...] todas as entidades, de qualquer natureza, e todas as ações, de qualquer tempo [aí compreendidas mesmo aquelas que visavam à autodefesa física e cultural do negro], fundadas e promovidas por pretos e negros [...]. Entidades religiosas [como terreiros de candomblé, por exemplo], assistenciais [como as confrarias coloniais], recreativas [como “clubes de negros”], artísticas [como os inúmeros grupos de dança, capoeira, teatro, poesia], culturais [como os diversos “centros de pesquisa”] e políticas [como o Movimento Negro Unificado]; e ações de mobilização política, de protesto anti-discriminatório, de aquilombamento, de rebeldia armada, de movimentos artísticos, literários e ‘folclóricos’ – toda essa complexa dinâmica, ostensiva ou encoberta, extemporânea ou cotidiana, constitui movimento negro.

Os ideais de liberdade, principalmente o direito de ser livre, não morreram com a ausência física de Zumbi dos Palmares, Martin Luther King, Angela Davis, Malcolm X, Nelson Mandela ou Stuart Hall, dentre outros os quais viveram situações históricas diferentes, mas possibilitaram sonhos possíveis para as gerações atuais ou para as próximas gerações. Mesmo assim, a relativa liberdade conseguida hoje precisará ser submetida à constante manutenção, caso contrário ficará sob o perigo da existência teórica oposta ao segmento da prática. De fato, através do perdão e da paz os segmentos sociais negros puderam levantar gritos de vitória; puderam notabilizar-se sobre muitos de seus senhores; e ficar de pé, mesmo ainda sendo oprimidos pelo processo de desigualdade socioeconômico, religioso e político, na prática; em Território Nacional.

As representações provocam, na maioria das vezes, noções que cada pessoa tem de si mesma; e a relação com o outro ser social depende de como ele se relaciona consigo mesmo e com os outros indivíduos a sua volta, resultando em uma interpessoalidade de harmonias. Por isso mesmo, as relações entre os seres humanos são complexas, porque o querer de um é oposto, na maioria das vezes, ao desejo de seu semelhante. E o oposto quer sempre mais: enriquecer mais; ser mais esperto; produzir de modo acelerado; ser mais poderoso; conhecido e respeitado por todos quantos o rodeiam. E os acontecimentos recentes, como a violência contra o povo negro, problematizam as ações dos seres humanos.

A adaptação torna a vida melhor para muitos negros com a intenção deles ignorarem um bem maior: liberdade. Os cuidados que os negros precisam ter para não entrar no jogo das influências que demoram a chegar, isto é, influências as quais vêm fora de um determinado

tempo, pode tornar o negro membro de um grupo o qual possa não ter voz aparente para reivindicar os seus direitos, como acesso à saúde; à segurança pública; à mobilidade; à educação; à religião, etc.. Acerca da palavra “-adaptado”, o jornalista e escritor angolano Aníbal João da Silva Melo (2008, p. 9) esclarece:

[...] O problema é que essa palavra, aparentemente simples e de fácil entendimento por todos os mortais, está normalmente associada a outras [...] como, apenas para dar dois exemplos, acomodação ou ajustamento. Estar adaptado, portanto, seja a uma pessoa, a uma instituição ou a uma situação, quer dizer, a um *status quo* [...].

A associação de palavras com as ações dos atores sociais possibilita que eles tenham a chance de optar acerca de decisões para o bem-estar da coletividade, e não em detrimento dela, e para o seu próprio bem. Portanto, o ajustamento (adaptação) dos indivíduos pode ser respeitado em vista das ações de vingança impostas por quem ocupa um lugar de destaque dentro de uma classe; de uma religião; de um grupo; dentro da família, na sociedade. O pesquisador Pedrinho Arcides Guareschi (2002, p. 97) argumenta:

Uma relação que se dá quando determinada pessoa expropria poder (capacidades) de outro, ou quando relações estabelecidas de poder são sistematicamente assimétricas, fazendo com que determinados agentes, ou grupos de agentes, não possam participar de determinados benefícios, sendo assim injustamente deles privados, independentemente da base sobre a qual tal exclusão é levada a efeito.

As relações entre os seres humanos se mostram complicadas e, como se não bastasse, a relação entre os subordinados e as autoridades é mais complicada ainda, pois a corrida para manter o poder cresce entre os “cidadãos” do capitalismo com a intenção de tornarem-se ricos, e por isso a maior parte da população sofre em vista da frequente ganância de seus “exploradores”, isto é, a ganância daqueles que administram os recursos públicos.

2.13 As relações étnicas

Grande parte das pessoas tem o desejo de se ajustar às normas sociais para viver em paz com os outros indivíduos, principalmente quando um deles se destaca para conseguir o poder, para ser visto perante aos demais membros de uma comunidade como alguém que já provou ter sucesso.

Há muito tempo, acredita-se que o ser humano, para viver em relativa harmonia na sociedade, teria que se sujeitar às ordens estabelecidas; quer fossem (as ordens) formais ou informais. Viver nessa situação equivale (ia) a estar em paz consigo, com o outro e com todos os setores sociais, religiosos, filantrópicos, educacionais, militares, etc. que os cerca e, de certa forma, pudesse ter, fundamentalmente, relação com a coletividade. Dessa maneira, a pesquisadora Maria Lucia Silva Barroco (2004, p. 193) afirma que:

[...] compreender que a ética não leva à superação da alienação, pois nos termos da concepção que informa nosso Código, tal superação implica a ruptura com a ordem social burguesa em sua totalidade. No entanto, isso não significa afirmar que a ética não tem nenhuma função nesta sociedade de classes, que ela só reproduz a alienação. Sua principal função é a de estabelecer a crítica radical à moral do seu tempo, fornecendo elementos para a compreensão dos impedimentos à sua livre manifestação.

Não é desejado discutir, neste contexto, a ética enquanto conjunto de valores que equilibram as interações sociais e profissionais. Mas há uma necessidade urgente de entender a ética e a sua aplicação na sociedade para serem notadas ou não o seu reflexo. Entretanto, o acompanhamento dos cidadãos nas incumbências diárias individuais ou coletivas proporcionam suposto ganho e manutenção eles, e aumentam as finanças e as barreiras entre pessoas, isto é, as classes mais pobres da sociedade sustentariam as classes mais ricas.

Nessa direção, a esperteza aliada à ambição fazem de alguém capaz de obter o lucro em oposição a outro indivíduo menos favorecido. E isso pode desequilibrar a coletividade, a afetividade entre as pessoas. “À medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas às influências externas, é mais difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural” (HALL, 1999, p. 74). Uma das formas para ser mantida a identidade coletiva seria a discussão dessas identidades, pois o diálogo pode possibilitar esclarecimentos.

A história não se omite no que se diz respeito ao conhecimento de atos humanos, como os costumes, língua, religião com o propósito de estreitar possíveis laços de territorialidade. Sobre o contexto de etnia, o antropólogo Kabengele Munanga (2003, p. 12) diz que “[...] uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território”. Sendo assim, reconhecer que antes da sociedade atual havia outras, e que nelas havia indivíduos comuns entre si, com uma cultura semelhante. E isso precisa ser, de alguma forma, levado em consideração.

Ainda que um ou outro indivíduo demonstre estar contra sua identidade, a sua cultura interior estará permanentemente ligada às suas ações, boas ou não – embora possam existir indivíduos culturalmente inter-relacionados, as consequências das decisões por eles tomadas impactam de maneira incisiva o modo pelo qual interagem. O antropólogo, sociólogo e filósofo francês Edgar Morin (2000, p. 320) faz reflexão sobre as duas possibilidades ao discutir a relação entre sujeito e objeto:

A oposição do si e do não-si não é apenas cognitiva, é ontológica; cria a dualidade entre um reino, centrado, valorizado e finalizado, que é o do si-sujeito, e um universo externo, útil ou perigoso, que é o dos objetos. A dualidade sujeito/objeto nasce dessa dissociação.

O capitalismo presente no mundo pode causar perturbações nas vidas das pessoas, uma vez que a cobiça de muitos para conseguir obter cada vez mais recursos poderá impulsionar exageros individuais e coletivos. Daí a pobreza, a falta de recursos destinados à vida estarão comprometidos, pois a miséria, como a principal causa da ambição, estaria ligada às ações do homem e morte de outros seres humanos seria a principal consequência dessas mesmas ações.

As condições impostas aos indivíduos (benéficas ou não) fazem modelos sociais em uma proporção quase inimaginável, mas de forma consciente. É analisado que, por pior que seja a situação social ou financeira – uma boa parte dos pobres não desejaria retornar ao estado em que se encontrava. A pobreza já fez no Brasil muitas vítimas fatais, e mergulhou o país em uma crise social sem precedentes, porém esse quadro de miséria está vindo sendo, há muitos anos, combatido.

2.14 Oprimidos e opressores

A atividade literária em países de língua portuguesa (Angola, Cabo Verde e Moçambique) contribuiu, desde o século XIX até os momentos atuais, para o aumento de escritas sobre a sociedade colonial, o que fez com que países africanos fossem influenciados. Sobre esse acontecimento, a pesquisadora e Professora Associada de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa Rita de Cássia Natal Chaves (2006, p. 250) diz:

Isso porque, no século XIX, quando se inicia a atividade literária em países como Angola, Cabo Verde e Moçambique, aos nossos dias, na produção literária, inscreve-se de maneira densa o peso das contribuições sobre as

quais se estruturava a sociedade colonial e as suas repercussões no período que sucede à independência política conquistada nos anos de 1970.

Além da Revolução Industrial, o século XIX possibilitou momentos satisfatórios sobre o conhecimento de literatura para os cidadãos em todo o mundo. A Bahia, também, sentiu essa influência e pôde, de certa forma, tornar mais fortes as discussões literárias a fim de torná-las identificadas entre a sociedade colonial e o mundo “livre”, sobretudo a partir dos anos de 1970. A intenção era a de proporcionar fortalecimentos da cultura entre os indivíduos para o mundo exterior, como também centralizar as relações identitárias existentes na Bahia do período de colonização (1501) e início da libertação dos escravos (1888).

A divulgação de pensamentos ou atitudes negativas, como é o caso de não aceitação do negro em lugares públicos, que os prejudiquem, principalmente ao levar em consideração às suas características particulares, físicas e psíquicas pode resultar em desacordos sociais. Não se trata de pessimismo tentar discutir a possibilidade de uma relação humana sem conflitos. Uma relação a qual um ser humano não oprima ao outro. Mas é preciso proporcionar debates com o intuito de tornar pequenas as discordâncias no que diz respeito às ideias de “poder para o controle”, ou seja, aquele que o tem aumenta cada vez mais a influência sobre o seu semelhante. Em outras situações, a humanidade mostrou ser favorável aos direitos de liberdade, e depois de muitas lutas, discussões e a divulgação do conhecimento das identidades, as populações colonizadas alcançaram a independência, isto é, a descolonização como uma forma de viverem sob o modelo de independência social, religiosa ou política.

Às vezes, foi necessária a luta armada, física; às vezes as lutas pacíficas – mas não pela utilização de força desproporcional – para que fosse conseguida a libertação política, uma vez que os cidadãos não nascem colonizados. Eles se tornam colonizados e oprimidos porque no mundo e no contexto geográfico o qual eles nasceram já existia um opressor. O aparente vínculo entre os oprimidos e os opressores pode causar problemas nas relações coletivas e humanas ao tomar por base liberdade, uma vez que todos os opressores os quais vivem à custa de seus subordinados o fazem a fim de dominá-los – ou melhor, é vista nesse caso, a ambição pelo poder do opressor sobre a vontade contrária de seu oposto. Logo, os indivíduos só não se tornarão cidadãos (e críticos) se (e somente se!) não obtiverem conhecimentos de suas identidades.

3 O MUNICÍPIO DE ARACI ONTEM E HOJE: AVANÇOS E PERSPECTIVAS EM RELAÇÃO À VIDA URBANA

Neste capítulo abordar-se-ão as principais modificações no cenário de infraestrutura do município araciense ao serem verificadas as ações dos comerciantes locais, incentivos do governo municipal, influência da Igreja Católica, de grupos culturais e dos habitantes do município de Araci, Estado da Bahia. Também, serão levadas em consideração as principais memórias fotográficas da época em que o referido município foi criado. De acordo com Lima (1985), o cotidiano das pessoas do município, sobretudo as da zona urbana é sofrido, mas o sofrimento dos aracienses que vivem na zona rural é mais evidente ainda, pois lhes falta água, condições sanitárias, acesso à informação e à oportunidade de trabalho e renda.

Figura 3 - Igreja da Matriz, construída em 1859, hoje Igreja Nossa Senhora da Conceição, na cidade de Araci



Fonte - Centro Cultural de Araci

Ao verificar no Centro Cultural de Araci, o cotidiano de dezenas de moradores da cidade, foi possível chegar à conclusão de que essa gente foi privada de condições primárias de sobrevivência, e se demonstrava, sobretudo, pela falta de habilidade pessoal de reconhecer os fenômenos naturais e as consequências de grandes estiagens podem causar tanto a população quanto aos animais. A Igreja foi construída em 1859, e demolida em 1959, ano em que teve a primeira eleição para prefeito do município de Araci.

Figura 4 - Atual Igreja Nossa Senhora da Conceição



Fonte - Politano365 – Araci – Bahia (site Panoramio)

Ao fazer uma comparação com o município de Araci desde a sua fundação com os dias atuais muitas obras foram realizadas em mais de dois séculos de existência (1812-2016), isto é, são 204 anos de existência, sendo que as festas populares como a capoeira, as artes e a religião contribuíram bastante para o desenvolvimento do local. Parece aceitável acreditar que o município se desenvolve à medida que as expressões culturais estão contempladas pela população da zona urbana e da zona rural.

Ao lado do desenvolvimento municipal, descreve-se a cultura presente como forma de expressão: o artesanato, que teve ênfase no hoje Povoado do Rufino¹⁷, situado a 9 Km da zona urbana do município, e fez com que outros lugares em Araci também fossem impulsionados para iniciarem as suas produções culturais a fim de contribuírem com o local, especialmente no que diz respeito à evolução do movimentos artísticos.

A presença dos cidadãos nas festas, para celebrar o momento mais alto em que os aracienses se faziam reunidos para agradecer pelo ano de fartura e pedir a presença dela no ano seguinte, sempre foi motivo de orgulho. Foi muito procurado pelo pesquisador acerca desse lugar, mas não foram encontrados documentos comprobatórios que testifiquem que o Povoado do Rufino existe antes da fundação de Araci, embora faça parte da cultura oral dos rufinenses afirmar que a sua origem é anterior à existência do referido município.

¹⁷ Rufino foi um dos negros escravizados trazidos por José Ferreira, e que foi um dos primeiros a edificar uma casa nessa região que recebeu o seu nome. Sobre a vinda desse cidadão escravizado será possível perceber através do que está escrito no Anexo A deste trabalho.

Para um local crescer depende das forças físicas e mentais dos cidadãos que ali convivam para que esse lugar possa ser adequado tanto para eles mesmos quanto para outros cidadãos que venham a se instalar na cidade. Para isso, seria bom que os administradores da terra apropriada pelo Senhor José Ferreira,- e pudessem se organizar a fim de captar recursos indispensáveis à vida, tais como: água, alimentos, infraestrutura, enfim o que pudesse dar sentido de comodidade às pessoas, e que elas pudessem também trazer melhorias para o município.

Segundo Lima (1985) a cidade de Araci foi construída com braços fortes, e os cidadãos que a construíram esperançosos estavam de um dia ver esse território caminhando rumo ao progresso; e esse desejo não seria apagado, pois tanto *A mãe do dia*¹⁸ quanto os seus filhos não sucumbiriam às ausências de incentivos externos. Acredita-se que Araci já nasceu com uma deficiência muito comum na região: o longo período de estiagem, porém com o passar dos anos as técnicas de armazenamento de água garantiram certa tranquilidade para os cidadãos, embora grande parte de caprinos, suínos, ovinos, equinos e bovinos sofreu em algumas regiões rurais, como Pedra Alta, Rufino, Barreira e Ribeira. Até a presente data os animais ainda sofrem com a falta de água, pois as chuvas demoram em demasia para vir. Até os dias atuais é comum existir, na grande maioria das residências, um tanque para armazenamento de água. E a prática é comum na zona urbana quanto na zona rural.

Em virtude da falta ou cessação de chuva – muito frequente na região sisaleira, em especial no município de Araci. E as famílias para (sobre) viver em harmonia com as características climáticas da região redobram o cuidado no manuseio e armazenamento de água em açudes, barragens, tanques, caixas e outros meios para pessoas, criação de animais e lavoura.

3.1 A política no município de Araci

Os homens sempre foram em política vítimas ingênuas do engano dos outros e do próprio e continuarão a sê-lo enquanto não aprenderem a descobrir por trás de todas as frases, declarações e promessas morais, religiosas, políticas e sociais, os interesses de uma ou de outra classe. (LÊNIN, 1977, p. 38).

¹⁸ A expressão *A mãe do dia* é a definição que os aracienses têm sobre o significado do nome da cidade de Araci, também conhecida por muitos como aurora da manhã.

Nesta secção serão descritas as principais ações e reações dos prefeitos de Araci no que se diz respeito ao apoio ao povo negro para que tenha acesso à educação, à segurança pública e à saúde na prática, tomando por base os anos de 2007 a 2014. Para isso, procura-se observar as notícias contidas no Jornal, A Folha dos Municípios concernentes às ações vistas aparentemente como positivas e relacionadas ao povo negro.

Há dois grupos políticos que se revezam na gestão do município para os mandatos de quadro em quatro anos, ao levar em consideração os últimos catorze anos de eleições diretas em Araci: o de José Eliotério da Silva Zédafó e o de Maria Edneide Torres Silva Pinho. Embora possam existir diversos tipos de políticas, discutidas no cotidiano do povo brasileiro, tais como: cultural, fiscal, social, monetária, pública, cambial, educacional, etc., a política da qual se deseja descrever é a econômica, pois essa é referente ao conjunto de ações dos governos municipais, estaduais e Federal que são planejadas para atingir determinados objetivos, sendo o povo o principal beneficiário das transações, como também possa proporcionar melhorias na mobilidade, segurança, saúde, educação, infraestrutura e tudo quanto os cidadãos precisem para sobreviverem com suas famílias e em comunidade.

Para compreender a política se faz necessário observar o que existe por trás das intenções dos governantes para que o povo não venha a sofrer mais que o necessário, isto é, o sofrimento pode ser inerente às pessoas à medida em que elas estejam na linha de sustentação da pirâmide política e econômica: quanto mais alta for à pirâmide maior também serão os esforços para mantê-la de pé, e cabe à política estabelecer normas para deixar a balança positiva para ela, ao passo em que a população trabalhará muito para proporcionar dados positivos, é a população o principal sustentáculo da política econômica da sociedade.

A classe trabalhadora, ou seja, os aracienses que edificaram tanto a zona urbana quanto à zona rural do município de Araci as fez a fim de buscarem a comodidade para as famílias residentes no referido município, apesar de haver conflitos para serem alcançados os sonhos de liberdade. Isto é, havia unanimidade para a emancipação política e econômica das terras de Araci, pois eram muitos os cidadãos que desejaram a independência, segundo Lima (1985). Dessa forma, a classe que construiu esse lugar proporcionou confortos para a classe exploradora. Nisso, pode-se afirmar, nas palavras do historiador e professor Eurelino Coelho (2012, p. 50) sobre essa questão:

Mesmo quando, nos conflitos, os protagonistas não se referem a si mesmos como classe trabalhadora (e sim como moradores de favela ou usuários de trens suburbanos, por exemplo) a objetividade da sua condição de classe é

inescapável. Sem a desigualdade histórica de classes tais conflitos pela apropriação da riqueza social nem sequer ocorreriam.

A cidade de Araci não foi aceita pelos políticos externos como emancipada instantaneamente, e sem a sua história não seria possível visualizá-la do modo em que hoje se encontra. De certo, essa história não foi construída através de processos espontâneos, mas através do trabalho de uma classe explorada, sobretudo dos esforços de negros escravizados pelo sistema econômico brasileiro. A cidade de Araci é então descrita como uma parte e a política do Estado da Bahia como o todo. E, para ser conseguida a emancipação política da cidade houve diversas etapas. Segundo Lima (1985), além das discussões, revoltas e descontentamentos dentro da cidade de Araci, alguns representantes tiveram que ir para a sede do governo estadual em Salvador para definir os rumos econômicos e sociais.

Recentemente entra em cena um grupo político de direita, orquestrado pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT) para o mandato municipal do quadriênio 2001 a 2004. Neste período, a situação da cultura, educação, turismo, lazer, saúde e assistência social tiveram relativos crescimentos econômicos, expressivamente dentro da cidade de Araci. Entretanto, pouco foi feito para que o negro araciense obtivesse maiores êxitos no que diz respeito ao acesso às oportunidades de emprego e renda, embora o governo municipal tenha disponibilizado condução¹⁹ para que os estudantes frequentassem as universidades, sobretudo à Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), e para a Universidade do Estado da Bahia (UNEB, Campus XI, Serrinha), e tantas outras universidades baianas, no momento atual. Tanto as questões que envolvem o transporte para os estudantes quanto outros benefícios não mencionados são apoiados pela Câmara de Vereadores de Araci, com diversas discussões no Salão Nobre Vereador José de Oliveira Lima, local onde são sancionadas ou vetadas as solicitações da Prefeitura, das associações reconhecidas, e também de cidadãos aracienses.

Ao findar o mandato chegou a ocasião em que o novo grupo ascenderia ao poder. Dessa vez é o grupo da esquerda, liderado pelo Prefeito José Eliotério da Silva Zédafó – visto por muitos aracienses como um grupo da maioria dos oprimidos para administrar o município de 2005 a 2008. Logo em seguida (2009 a 2012) volta à política da direita, visto por muitos aracienses como o grupo das elites, dos ricos e dos políticos mais tradicionais de Araci, comandado por Maria Edneide Torres Silva Pinho, conhecida por “Nenca”. Desde a

¹⁹ As cidades baianas que através da Prefeitura de Araci, e por intermédio da secretaria de educação, recebem estudantes desse município: Feira de Santana, Serrinha, Ribeira do Pombal, Paripiranga. Fonte: Secretaria Municipal de Educação.

emancipação política, os grupos políticos de Araci se revezam no poder, isto é, a cada quatro anos um grupo se elege com a promessa de trazer dias melhores para os municípios. Nunca houve reeleição. Mas em 02 de outubro de 2016. E com um total de 14.143, a esperada reeleição cujo prefeito reeleito é o Senhor Antônio Carvalho da Silva Neto para prefeito do município. A reeleição é um privilégio para alguns vereadores.

O município ficou desde a sua emancipação política até o ano de 1997 sem eleger um negro ao cargo de prefeito. E, de acordo com as fotografias exibidas no Centro Cultural de Araci, do acervo do Senhor Pedro Juarez Oliveira Pinheiro, a partir da libertação política, só houve o domínio branco para o executivo municipal para a prefeitura, e essa tarefa era comum às famílias tradicionais: Carvalho, Pinho e Mota, principalmente, enquanto o negro podia ser eleito para o legislativo, podendo assumir os cargos de vereadores. Desde a fundação da mencionada cidade não é possível notar quaisquer movimentos para resolver ou ainda aumentar expressivamente a posição do negro, como principais gestores públicos, e assim assumirem cargos de prefeitos e prefeitas.

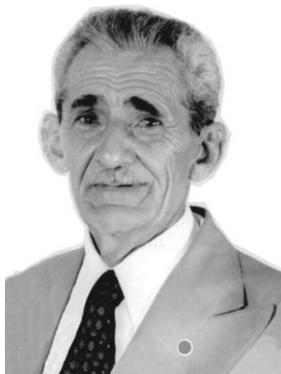
Não foi possível verificar a presença de movimentos visíveis de ascensão da política negra local. Infelizmente, é comum em todo o município haver descrições sobre o “bavi” político araciense, isto é, quatro anos um grupo político administra para que outros quatro anos o grupo adversário possa fazer gestão, enquanto cabe ao grupo “derrotado” a tarefa de ocupar a cadeira de oposição política. Embora no município de Araci não tenha havido eleições municipais até 1958, existiram dois vereadores eleitos por Araci a fim de representar aos aracienses no município de Serrinha. Esse fato aconteceu antes da restauração política.

A cidade de Araci é uma das mais bonitas da Região Sisaleira, além de sua inclinação natural de tratar bem a memória do lugar e dos ancestrais que viveram ali, ela se destaca das outras, também por causa de sua posição geográfica de onde o sol brilha com intensidade, o que lhe faz jus de ser carinhosamente denominada de “Mãe do dia”. Além disso, fazer dela um local de destaque entre as demais localidades parece ser de interesse de todo o nascido ou habitante, em alguns casos transeuntes, que não se cansam de falar bem dessa cidade: o cotidiano de cada um desses moradores faz distinção entre as paisagens visíveis presentes nesse lugar e essas são diferentes de outros tais quais entrada e saída, o portal, como se pode verificar na figura 1, constante na página 31. Por mais que a descreva não seria possível, com palavras, externar as suas belezas.

Além de ser, ou seja, de estar em mutação quer seja através das condições climáticas ou das constantes permutas²⁰ de paisagem o Araci, como é chamado por muitos merece ser visto como único, sobretudo através de seu povo, pelo caráter único e receptividades positivas. Aliadas a outros valores humanos: trabalho, compromisso, compreensão, voluntariado, entre diversas outras qualidades que fazem do araciense um indivíduo cheio de razões para expandir alegrias e esperanças no semiárido baiano, região sisaleira e local, e esse indivíduo vive bem e usufrui dessa terra e de tudo quanto pode se tirar dela. Para muitos é um privilégio nascer, crescer, desenvolver-se e morrer aqui, embora alguns tenham que ir para outros municípios, e ainda possam até ir para outros Estados a fim de obterem situações financeiras melhores e, com isso, a sobrevivência de suas famílias.

A maioria dos habitantes da cidade em questão se mostram orgulhosos ao mencionar seus filhos²¹ ilustres que vivem dentro ou fora do município, contribuindo para que essa localidade possa ser representada em todos os cantos da Bahia e do Brasil. Durante a festa de emancipação política em 13 de dezembro, momento em que se celebra também louvores à Nossa Senhora da Conceição, além dos festejos nos dias 05, 06 e 07 de janeiro (por essa ocasião aparece o Boi de Janeiro, muito festejado) os munícipes vêm a fim de conversar, trocar experiências, saber de novas notícias locais, enfim é um momento do qual muitos aguardam como se fosse reviver através de contos os feitos dos ancestrais que aqui estiveram antes dessa geração.

Figura 5 - Erasmo de Oliveira Carvalho



Fonte - Centro Cultural de Araci

figura 6 - José Brígido da Silva

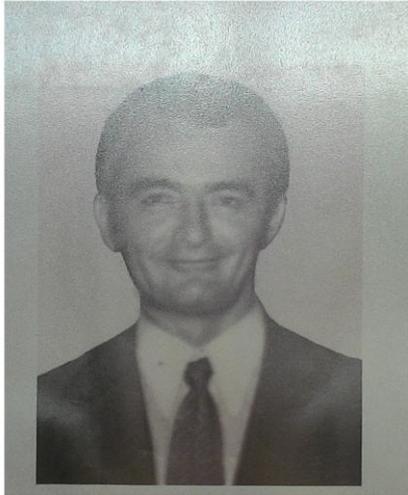


Fonte - Centro Cultural de Araci

²⁰ O termo permuta é utilizado, sobretudo nas Forças Armadas, e em muitas empresas de segurança privada. E significa troca de serviço ou de posto a fim de que outro indivíduo possa se beneficiar do dia não trabalhado ou de um local que lhe seja conveniente desenvolver suas atividades.

²¹ José Eliotério da Silva Zédafó (Professor e ex-prefeito); José Nilton Carvalho Pereira (Professor, reitor da Faculdade Apoio Diretor do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia); Antônio Pinheiro (Escrivão de Polícia Civil); Zé Moringa (Mestre e capoeirista); Maura Motta Carvalho Lima (escritora); Geovane da Silva Santos (Pai de santo), Franklin Carvalho Roosevelt (Jornalista e escritor), Ana Nery de Fátima Carvalho Silva (Professora, escritora).

Figura 7 - Carlos Raimundo Mota



Fonte - Centro Cultural de Araci

Figura 8 - José Carlos Mota



Fonte - Centro Cultural de Araci

Figura 9 - Edvaldo da Silva Pinho



Fonte - Centro Cultural de Araci

Figura 10 - Daniel de Almeida Ramos



Fonte - Centro Cultural de Araci

Figura 11 - José Eliotério da Silva Zedafó



Fonte - Centro Cultural de Araci

Figura 12 - Maria Edneide Torres Silva Pinho



Fonte - Centro Cultural de Araci

Figura 13 - Antônio Carvalho da Silva Neto

Fonte - Centro Cultural de Araci

Não implica contradição afirmar: parece que em Araci, não há espaço para outro grupo²² político senão os grupos dirigidos Zédafó e “Nenca”, pois a cultura local, possivelmente, apropriou-se dos ensinamentos dos ancestrais que não desejaram, igualmente, a recondução dos prefeitos para que esses não se acostumassem ao exercício do cargo, e não desejassem por continuar com as suas atividades antes mesmo de se tornarem políticos. Por outro lado foi criado no município um ciclo vicioso capazes de mudar a dinâmica de realizações de obras para a mesma população.

Figura 14 - Quadro do Executivo Municipal

NOMES	PERÍODO DO MANDATO
Erasmio de Oliveira Carvalho	1959 – 1963/ 1967 – 1970/ 1983 – 1985
José Brígido da Silva	1973 – 1967/ 1977 – 1977
Carlos Raimundo Mota	1970 – 1973/ 1977 – 1983
José Carlos Mota	1985 – 1988
Edvaldo da Silva Pinho	1989 – 1992
Daniel de Almeida Ramos	1993 – 1996
José Eliotério da Silva Zedafó	1997 – 2000/ 2005 – 2008
Maria Edneide Torres Silva Pinho	2001 – 2004/ 2009 – 2012
Antônio Carvalho da Silva Neto	2013 – 2016/ 2017 – 2020

Fonte: LIMA, Maura Mota Carvalho. História de Araci; Acervo do Centro Cultural de Araci; Jornal Folha dos Municípios – Araci; acervo da família do Barão de Jeremoabo.

²² Por isso, faz parte da cultura dos aracienses não reconduzir prefeitos tanto os da direita quanto os da esquerda. Atualmente, só há em Araci dois grupos políticos com chances iguais para ganharem uma eleição: o grupo de José Eliotério da Silva Zedafó, conhecido pelos seus eleitores como ZÉDAFÓ; e o grupo de Maria Edneide Torres Silva Pinho, reconhecida pelos seus eleitores como NENCA.

A intenção da escrita deste texto é a de propor descrições sobre as festas da cultura em Araci, como também da ausência de contribuição dos prefeitos – o que impacta negativamente nos relacionamentos institucionais envolvendo o candomblé, as artes e a capoeira locais ao tomar por base a interação deles com a fé, luta e arte como patrimônio da sociedade. O prefeito e a prefeita que passaram como gestores do município se importaram pouco com os avanços da cultura, porém a luta para a sua existência continua até os dias atuais.

As políticas públicas só podem ser percebidas como positivas a partir do momento em que o cidadão possa se beneficiar. Elas precisam ser concretas. A população, pois, necessita de experiência a fim de modificar o cotidiano familiar, social e político e, dessa maneira, estará mais próxima das ações públicas, além de se sentir mais prestigiada e dentro das prioridades do Estado. Dentro dessa argumentação, o pesquisador Vicente de Paula Faleiros (1987, p. 55) defende que:

As políticas sociais do Estado não são instrumentos de um bem-estar abstrato, não são medidas boas em si mesmas, como soem apresentá-las os representantes das classes dominantes e os tecnocratas estatais. Não são, também, medidas más em si mesmas, como alguns apologistas de esquerda soem em dizer, afirmando que as políticas sociais são instrumentos de manipulação, e de pura escamoteação da realidade da exploração da classe operária.

Não se trata de afirmar que as políticas públicas sejam um instrumento de falseabilidade da realidade, mas é uma maneira capaz, na prática, de proporcionar mudanças positivas na vida das famílias, e elas poderem seguir reproduzindo saberes necessários ao cultivo de costumes coletivos e de bem-estar social, levando em consideração o necessário para os cidadãos viverem em harmonia com o meio beneficiando a relação entre a família e os dirigentes do município.

É possível para a população conseguir benefícios através de políticas públicas capazes de impulsionar e transformar a economia da zona urbana e da zona rural, a fim de que todos os sujeitos envolvidos adquiram estilo de vida sustentada no senso da consciência coletiva. Então, o gestor, em âmbito geral, sendo o profissional cujas habilidades pode proporcionar melhores condições de vida para as pessoas, tem a competência de fazer com que as mudanças sejam possíveis. Por isso, o pesquisador Idalberto Chiavenato (2001, p. 15) argumenta sobre a relevância do administrador:

O administrador é um profissional cuja formação é ampla e variada: precisa conhecer disciplinas heterogêneas (como Matemática, Direito, Psicologia, Sociologia, Estatística etc.); precisa lidar com pessoas (que executam tarefas ou que planejam, organizam, controlam, assessoram, pesquisam etc.) que lhe estão subordinadas ou que estão no mesmo nível ou acima dele; precisa estar atento aos eventos passados e presentes, bem como às previsões futuras, pois o seu horizonte deve ser mais amplo, já que ele é o responsável pela direção de pessoas que seguem sua orientação; precisa lidar com eventos internos (localizados dentro da empresa) e externos (localizados no mercado ou no ambiente externo da empresa); precisa ver mais longe que os outros pois deve estar ligado aos objetivos futuros que a empresa pretende alcançar por meio da atividade conjunta de todos.

O administrador, neste caso, o gestor público, ao ser responsável publicamente pelo cidadão tem a necessidade de permanecer alerta frente às questões de fatos do pretérito; do presente a fim de perceber um futuro de relativo bem-estar para os indivíduos que estiverem sob os seus cuidados e competência; criar, ao lado de outros pares, melhores condições de vida sociofamiliar.

A relação entre o Estado e o cidadão é tensa à medida que o primeiro não realiza obras em benefício. É preciso compreender que o Estado é o principal administrador público, e as pessoas devem perceber a presença dele no cotidiano. Sobre essa análise, os pesquisadores Carlos Roberto Martins Passos e Otto Nogami (2005, p. 438) afirmam:

Cabe ao setor público fornecer parte da infraestrutura física (rodovias, aeroportos, pontes etc.), bem como a infraestrutura institucional do sistema de mercado, tais como leis, tribunais e órgãos reguladores. A existência de um sistema legal garante os direitos de propriedade privada e permite o estabelecimento e o cumprimento de contratos. Os Órgãos Reguladores, por sua vez, podem arbitrar relações econômicas, punir crimes e impor penalidades apropriadas.

O setor público está incumbido de fornecer aos cidadãos conforto, mobilidade, usufruto das leis nacionais, educação e saúde. Logo, a sociedade está, de alguma forma, sob a influência do Estado, vivendo em observância das leis que regem o país a fim dela prosseguir com as suas tarefas diárias. A participação dos atores sociais não fica condicionada a fiscalizar, acompanhar, mas também fazer cobranças para que os direitos da população sejam assegurados.

Destaca-se, neste caso, a educação como setor viável e influente em outros setores, pois através dela é possível discutir estratégias para solucionar problemas sociais. Por isso mesmo, realizar políticas públicas em educação corresponde a entender e concorrer para

solucionar entraves fora da escola. Percebe-se, ainda, que o fazer políticas públicas no espaço escolar propicia comunicação proveitosa entre o poder público e a população.

3.2 A procura pela liberdade: situação atual do negro em Araci

A situação pela qual vive o negro em diversos lugares do Brasil, com ênfase no Estado da Bahia, precisa ser discutida para a solução de problemas urgentes. Pode-se afirmar que o negro sobrevive com dificuldades diferentes dos ancestrais que desembarcaram no território baiano para trabalhar na terra durante a Colonização no Brasil, e assim produzir conforto e riqueza para os portugueses donatários de propriedades. Embora haja bastantes dificuldades em todos os segmentos sociais, ele se encontra mais penalizado e vulnerável no que se diz respeito à violência, acesso à informação – especialmente.

Entender a posição do negro na sociedade e procurar meios de observação nunca foi tarefa das mais fáceis. A presença negra no município de Araci, aliada à sua contribuição para esse lugar não foi registrada na história econômica, religiosa e cultural, pois não haviam registros de indivíduos que escreviam a história e por isso, relegando os afro-brasileiros locais sem funcionalidade social aparente.

Alguns dos renomados autores e pesquisadores tentam, com relativo sucesso, proporcionar discussões a fim de fazer eclodir uma interação da qual os negros não sejam ou se sintam objeto do processo, mas sujeitos capazes de aprender com; e aprender a sós, uma relação mais aberta e sem preconceitos onde o foco é o conhecimento e respeito entre negros e não negros. Por isso mesmo o negro sabe de seu valor, e o demonstra a todo o momento de sua existência. As pesquisadoras Tatiana Dias Silva e Fernanda Lira Goes (2013, p. 17) defendem que:

Os elevados índices de desigualdade racial na educação refletem tantos déficits acumulados, como os resultados das atuais deficiências no sistema educacional, que seguem interferindo na trajetória daqueles que estão em idade escolar. Neste contexto, os negros são os brasileiros com menor escolaridade em todos os níveis e enfrentam as piores condições de aprendizagem e maior nível de defasagem escolar.

Não se pode, no presente momento histórico, concordar que o negro não aprenda porque ele não sabe aprender. Se isso fosse verdade, então, quem mais cometeu equívocos no processo? O negro o qual não estava presente no exato momento em que foram feitas as adequações na aprendizagem, como cronograma das atividades anual, formas de avaliação,

conteúdos para o ano letivo, regimento interno e toda sorte norteadora do processo educacional; ou todo o sistema que não planejou com humanidade, urbanidade, sensibilidade e responsabilidade com o intuito de promover uma educação onde não houvesse culpados ou vítimas, mas houvesse pessoas que julgassem e não fossem julgadas com justiça educacional. Entretanto, nota-se grande quantidade de negros intelectuais, cientistas, juristas presentes e atuantes na história do Brasil.

Não há como se culpar o negro pelo seu suposto fracasso se esse não foi instruído devidamente; ou se ele é um fracassado naquele ano letivo, então ele fracassou conjuntamente com o corpo escolar: professor, diretor, coordenador, supervisor, orientador e toda a Secretaria da Educação local. A problemática se estende a grandes dimensões. A escola, para isso, transformar-se-ia num espaço de onde não houvesse tumultos, desordens, superlotação; onde as capacidades individuais fossem analisadas e discutidas em reuniões e em grupos menores, nas áreas de conhecimentos; e em grupos maiores, nas reuniões de Atividades Complementares, etc..

A escola é como quaisquer empresas, senão fosse dessa maneira as unidades de ensino tanto públicas quanto privadas não teriam, todas elas, números no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ). E a escola é um local sério; um local que privilegia o aprendizado; é um local de trabalho; e onde proporciona relativas condições de acesso à sociedade. Fazer uso consciente do conhecimento obtido ao longo da vida escolar é uma questão de cultura. Enquanto coube a escola o papel de instrumentalizar saberes para absorção do aluno frente ao mercado de trabalho e frente à vida. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (2011, p. 21):

Observa-se que a média de anos de estudos da população com 15 anos ou mais de idade aumentou de 5,5 anos, em 1995, para 7,5 anos, em 2009, representando um aumento de 2 anos no período. Considerando-se a população negra, identifica-se um aumento de 2,4 anos no mesmo intervalo, o que não representa ainda o rompimento das desigualdades: em 2009, os/as negros/as tinham 6,7 anos de estudos, contra 8,4 anos da população branca.

O papel de propor uma educação de qualidade dentro da escola e com as atenções voltadas para fora de seus muros: os acontecimentos sociais – caberá ao aluno o desenvolvimento de habilidades para encarar os problemas futuros: o de saber procurar ser feliz em sociedade e de perceber as interações sociais, políticas e culturais do campo de atuação onde está inserido o negro, até contextualizar acontecimentos de outros locais dentro do Território Nacional, destacando-se a Bahia.

A interação do negro no espaço escolar proporciona relevância, sobretudo no planejamento anual onde o ensino seja voltado também para ele. Logo, se o negro prospera numa unidade, mesmo assim, é necessário existir diálogo para ele ter ciência acerca de seus prováveis equívocos e, dessa maneira, aprimorar os acertos; a comunicação, também, precisa ser constante a fim de serem minimizadas as tensões tão comuns nos espaços destinados a descrever formas de conhecimento.

De igual maneira, quanto mais à cultura da família de estar acompanhando seus filhos no cotidiano, maior também será, relativamente, a incidência dos membros alcançarem êxitos na aprendizagem e, conseqüentemente na sociedade. Igualmente, pode-se inferir que o (a) jovem estudante se desenvolva, pois vê os reflexos dos pais ou responsáveis em nome da absorção de saberes relacionados à vida.

Sem dúvida, a educação é o meio pelo qual um cidadão pode obter sucessos, porém se fizer acontecer o contrário, esse mesmo poderá deixar de compor as estatísticas dos cidadãos que não tiveram acesso a uma educação a qual vise a formação plena, uma educação capaz de proporcionar mudanças, na prática, na vida das pessoas.

O Estado, apesar de sua enorme atuação e influência na sociedade, não conseguiu ainda resolver os problemas que impactam negativamente ao povo negro, principalmente quando ele é a maioria no que se refere a assassinatos por armas de fogo, violências físicas, sem mencionar a ausência de habitação, saneamento, previdência social, mercado de trabalho, acesso a bens duráveis e à cultura, à tecnologia da informação, – todos essas são dificuldades presentes na Bahia, como também na cidade de Araci.

Na sociedade araciense, pode-se perceber que um número reduzido de negros exercem posições relevantes dentro do governo municipal, conquanto o próprio prefeito, Antônio Carvalho da Silva Neto (2013-2016) seja aparentemente negro, o abismo econômico e social entre negros e não negros existente no município de Araci está muito longe de ser minimizado ou ser findado muito embora independa só do gestor que haja um equilíbrio, mas de toda a sociedade araciense organizada para propor, acompanhar e exigir melhorias sociais, sobretudo para os negros residentes ou nascido em Araci, tanto na zona urbana quanto na zona rural do referido município. Para o pesquisador Sérgio Costa (2006, p. 43):

Há que se considerar que boa parte das violações dos direitos humanos observados em muitas regiões decorre não da inexistência de mecanismos democráticos de processamento da opinião e da vontade, mas da falta de efetividade do direito. Nesses casos, a violação dos direitos humanos tem lugar não no plano constitucional, mas na esfera das relações sociais. Trata-se aqui da polícia corrupta que desrespeita os direitos civis, da sociedade

preconceituosa que, em suas práticas sociais, discrimina negros, mulheres ou homossexuais, protegendo-se em redes e mecanismos informais infensos à ação da lei.

Mas como ignorar ser mais cômodo para uma autoridade penalizar negros a brancos se boa parte das autoridades não têm nenhum respeito, ou demonstram descasos para fatos dos quais os negros estejam efetivamente envolvidos e de que os negros estigmatizados pelas suas condições histórica e social se tornam prisioneiros antes mesmo de quaisquer julgamentos, e antes de serem ouvidos. A questão é a de que há muitas teorias, leis, regulamentos, porém o direito à liberdade parece estar muito distante da realidade do povo negro.

Segundo o pesquisador Julio Jacobo Waiselfisz, (2015) o número de mortes de jovens negros é altamente superior em relação aos jovens brancos de mesma idade (Fonte: Mapa da Violência 2015. Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil), principalmente ao ser levado em consideração as mortes em todo o Nordeste do Brasil o qual supera as outras regiões referente à violência. Ser negro, nordestino, baiano e araciense urge necessidades práticas de sobrevivência social a fim dele não se torne mais um “contemplado” na triste estatística, onde muitos não tiveram a chance de ampla defesa.

Conquanto a existência de homicídios seja fato entre os afro-brasileiros, eles agem de forma a evitá-los quando se unem em prol do fortalecimento e consciência coletiva a fim de terem seus direitos de mobilidade respeitados. É desvantajoso representar as condições que levam os negros a serem mortos, sem ao menos descrever que se trata de desigualdades sociais existentes no Brasil e de que essas ações são ainda resquícios da Escravidão a qual vitimou a muitos até o presente momento histórico. Sobre esse aspecto as pesquisadoras Maria Aparecida Silva Bento e Nathalie Beghin (2005, p. 195) expõem:

As distâncias que separam negros de brancos, nos campos da educação, do mercado de trabalho ou da justiça, entre outros, são resultado não somente de discriminação ocorrida no passado, da herança do período escravista, mas também de um processo ativo de preconceitos e estereótipos raciais que legitimam, diuturnamente, procedimentos discriminatórios.

Pode-se afirmar que a Região Nordeste se destaca tanto no que se refere à pobreza de negros em relação aos não negros quanto se refere à violência causada por essa pobreza, principalmente quando se trata de uma herança do período Colonial em que o negro escravizado foi tratado como mercadoria para aumentar a economia da Bahia e do Brasil, pois essa discriminação resultou no que hoje é possível reconhecer como desigualdade racial e de gênero.

A maioria dos adolescentes negros em Araci vive sem expectativa no futuro, pois não há políticas públicas de incentivos reais a essa população, que é a maior no município, e esse fato faz com que haja um número insignificante de estudantes negros no Ensino Superior, segundo dados do censo 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). São 88 os estudantes que se dirigem às Faculdades na Bahia e nos estados vizinhos, como Sergipe, Pernambuco, especialmente, no intuito de proporcionar avanços positivos na qualidade de vida tanto das suas famílias quanto da sociedade araciense. Para concluir todo o Ensino Superior, o estudante e negro universitário precisa ser ainda mais diligente em todos os sentidos, uma vez que existe a probabilidade de faltar apoio logístico: condução totalmente gratuita e constante e ajuda financeira para cópias de materiais para estudo bem como para a alimentação dos jovens discentes.

Estudar nunca foi tão fácil como na presente geração, porém se torna difícil quando aparecem adversidades para se conseguir o acesso ao Ensino Superior, especialmente em se tratando de cursos nas universidades particulares, pois nelas além da condução e refeição o estudante terá a preocupação de pagar ao final de cada período a mensalidade, caso não consiga o financiamento do Fundo de Investimentos da Educação Superior (FIES). De qualquer forma, estudar precisa ser a tarefa do negro que se preocupa em minimizar as diferenças sociais tão visíveis na cidade e na zona rural do município de Araci, Estado da Bahia.

A população local tem em sua maioria pessoas negras, muito embora os cargos públicos sejam ocupados por pessoas não negras, porque em muitas ocasiões falta qualificação do negro para ocupar esses espaços.

Um fato curioso ao realizar a pesquisa sobre questões que envolvem a fé, a luta e arte na cidade Araci, embora não se possa comprovar através de documentos, é que a região do Rufino, situada a 9 quilômetros da sede da cidade de Araci, tenha sido a primeira região habitada por negros, ou seja, o primeiro núcleo habitacional não reconhecido por “certidão de nascimento”, fundado muito antes de 1812. Mas, atualmente há na cidade de Araci um veículo de comunicação capaz de documentar os fatos da sociedade, o que permite aos cidadãos rever as ações de seus conterrâneos ou de pessoas que passem pelo extenso município: o jornal, Folha Municípios exerce no cotidiano a função de informar as pessoas acerca de religião, lazer, cultura, esporte, política, entretenimento, leis a fim de tornar mais estreita a relação jornal – leitor.

3.3 O Jornal Folha dos Municípios: contribuição para a população

O Jornal Folha dos Municípios foi fundado em 21 de dezembro de 2001, circulou com a marca Folha de Araci e como Folha dos Municípios (como demonstradas nas fotos 17 e 18), teve a sua primeira circulação em 2002. O seu fundador é o jornalista Gidalti Oliveira Moura. Esse veículo de informação se mostra como apartidário, além de ser de iniciativa privada, mantido e administrado pela Agência Diphatu's de Notícias Propaganda e Marketing, na Rua. José Ferreira, 70, Araci, amparado pela Constituição Federal, Art. 220 § 1º. A ideia principal do referido jornal é o registro dos principais fatos ocorridos principalmente em Araci e nos municípios próximos. Essa instituição é financiada pelo seu fundador, e recebe por vezes ajuda financeira da prefeitura, comércio e leitores locais.

Tem encarte com as dimensões de 48cm altura x 33 largura, e pesa 261 g. Já houve épocas em que havia cinco funcionários, mas hoje só há o fundador acumulando atividades, o que dificulta a cessão de informações solicitadas pelo pesquisado. Por inúmeras vezes foi pedido para que a redação vendesse, emprestasse os jornais dos anos de 2001 a 2010 e o seu representante sempre alega falta de tempo para procurar no acervo pessoal. É o meio de comunicação para a sociedade local, e cidadãos de localidades vizinhas, como Teofilândia, Serrinha, Tucano, Biritinga, Santa Luz, e esses municípios têm profissionais que visitam o município de Araci ou trabalham nele. E estar bem informado já se transformou em rotina para os mais de 30.370 habitantes divididos entre a zona urbana e a zona rural, população estimada de Araci em 2015, segundo projeção do IBGE.

Figura 15 - Notícias de Araci



Fonte - Acervo pessoal

Figura 16 - Crime sem resolução



Fonte - Acervo pessoal

Figura 17 - A capoeira em Araci



Fonte - Acervo pessoal

Figura 18 - Festa religiosa

“155ª” Festa da Padroeira da Cidade desde sua primeira procissão e missa em 1859

08 de dezembro de 2014 se distancia 155 anos de história da bicentenária Vila do Raso e sua Capela ainda anexada à Freguesia de Tucano de quem dependia política e espiritualmente. Foi portanto a 155 anos atrás que chegou no Raso a imagem de Nossa Senhora trazida pela família do fundador capitão José Ferreira de Carvalho e entrou em Araci no dia 08 de dezembro de 1859 quando foi celebrada a primeira missa na igreja recém-construída. A igreja construída pelo mestre João Mendonça e os filhos de José Ferreira, foi palco da primeira festa quando a grande procissão depois da primeira missa, circulou no povoado do Raso sob coordenação do padre Antônio Rocha Viana. (Pág. 12-13)

Edição - 102/2014
ANO XIII - Dezembro / 2014
Registro dos principais fatos e notícias veiculadas no jornal on-line
Veiculadas em novembro/2014

ARACI-BÁHIA JORNAL

Folha dos Municípios

13 anos fazendo a notícia e escrevendo a história www.portalfolha.com.br

Emprego Araci - 01

Publicado pela Associação Paulista de Notícias, Notícias e Marketing - Amostrado na Constituição Federal, Art. 220 § 1º

Fonte - Acervo pessoal

Acredita-se que o jornal tem a responsabilidade de informar aos seus leitores, de forma imparcial, os fatos na sua essência, sem retoques para que o leitor possa dar sentido ao que lê, e assim poder discutir os acontecimentos da cidade ou os de fora dela com colegas, parentes e amigos a fim de consolidar a formação contínua entre os cidadãos. De forma crítica, o leitor atento poderá contribuir na formação de sua leitura a fim de, também, transformar provavelmente o contexto social onde estiver inserido. O jornal facilita ao observador uma visão constante e implacável da história, além de buscar a realidade dos fatos para que os leitores possam decidir o que seja conveniente guardar, compartilhar, comparar ações religiosas, políticas, culturais para ser construída a memória coletiva da sociedade.

É essencial haver juízo crítico a fim de compreender as questões mais complexas que envolvem a sociedade a fim de dela notar a relevância do jornal para a cidade de Araci. A cultura é eleita como foco principal, sobretudo nas ocasiões em que há festas populares, enquanto expressões culturais para o fortalecimento da identidade cultural do povo, e o resultado de melhoria social poderá vir a longo prazo, mas será preciso haver ações para a manutenção tanto das notícias e quadros apresentados quanto nos debates através da participação da coluna do leitor, exclusivamente no espaço destinado ao leitor em que seja possível a sua contribuição, opinando acerca de quaisquer assuntos publicados no jornal, e que vá ajudar aos outros leitores. Charaudeau (2007), ao abordar a imprensa, destaca a relação de distância

estabelecida entre o autor e o interlocutor, ou seja, entre quem escreve e quem lê a obra. Nessa direção o autor assim a evidencia:

A relação de distância e de ausência física entre as instâncias de troca faz com que a imprensa seja uma mídia que, por definição, não pode fazer coincidir tempo e acontecimento, tempo de escritura, tempo de produção da informação e tempo de leitura. [...] A atividade de conceitualização é muito mais analítica do que na oralidade ou na iconicidade. Além disso, como tal atividade se acompanha de um movimento ocular que percorre seguidamente o espaço escritural do começo ao fim (e mesmo em vários sentidos), o leitor põe em funcionamento um tipo de compreensão mais discriminatória e organizadora que se baseia em uma lógica “hierarquizada”: operações de conexão entre as diferentes partes de uma narrativa, de subordinação, de encaixe de argumentos, de reconstrução dos diferentes tipos de raciocínio (em árvore, em contínuo, em paralelo etc.). (CHARAUDEAU, 2007, p. 113).

Muito embora possa existir interação entre autor e interlocutor, as informações contidas no jornal podem ser assimiladas com facilidade pelos leitores, uma vez que os assuntos sobre educação, saúde, segurança pública local, assuntos relacionados à higiene do corpo fazem bastante sucesso entre os leitores. Mas o assunto que se destaca mesmo é a política²³, como é o caso do município de Araci, porém seja bom descrever que a interpretação, o interesse pelas notícias no jornal sejam eminentemente relegadas às inclinações positivas, isto é, de como o leitor receba as informações para depois poder passar a todos quantos lhe rodeia.

O planejamento gráfico pode ter influência como mediador das informações a serem passadas, o que faz dos elementos de informações sua organização e obediências às notícias passadas conforme desejem os editores os quais possam tomar por base a ser descrita um tipo de formato tipográfico, entre muitas outras coisas. Na tipografia, as serifas, pequenos traços e prolongamentos que ficam no final das hastes das letras e permite menos cansaço nos olhos das pessoas ao desenvolverem leituras contribuem para haver busca de conhecimento através das notícias. Um exemplo a ser destacado é a fonte Times New Roman, utilizadas também no jornal, e pode variar em caixa alta, para maior frisar a notícia ou em caixa baixa, para proporcionar comodidade ao leitor e torna toda a notícia mais atraente. De certa forma, o

²³ A política em todo o município de Araci é um assunto levado a sério. Até os menores podem ter algo a dizer sobre campanhas, preferências e grupos políticos locais. Não é exagero nenhum dizer que as crianças e adolescentes saibam muito de política local aos conhecimentos básicos das quatro operações matemáticas ou de ortografia. Pode-se dizer que esses pequenos cidadãos desenvolvem seus pensamentos a partir da interação com os pais, os familiares e os amigos.

jornal faz parte do meio de comunicação, e ela tem a intenção de informar, como também de chamar a atenção do consumidor para que ele adquira alguma mercadoria.

Muitas escolas em Araci fazem uso do jornal digital ou jornal impresso para trabalhar com os estudantes formas de aprendizado voltadas para as questões cotidianas e de interesses da maioria dos discentes. “A tecnologia deve estar também nas nossas escolas. Assim como a tecnologia para uso do homem expande suas capacidades, a presença dela na sala de aula amplia seus horizontes e seu alcance em direção á realidade.” (LEITE, 2010, p. 7). A tecnologia pode ser assimilada quando os estudantes demonstram ser conveniente a sua utilização para aprender conteúdos que façam parte de sua rotina. Daí vem a relevância do jornal, também digital, ser exposto e discutido em sala de aula, mas não se pode descartar a versão impressa, pois é ela quem propõe relativa igualdade no aprendizado dos estudantes tanto da zona urbana, quanto os estudantes da zona rural.

Mesmo que o Governo Federal tenha disponibilizado o programa Mídias na educação²⁴, Mais educação²⁵, no espaço subprograma intitulado Comunicação e Uso de Mídia, para as escolas públicas, o uso do jornal Folha dos Municípios não é totalmente descartado, porque as notícias são locais, as personagens são locais e conhecidas, os lugares são familiares, e até a maneira pela qual se passa a mensagem também é local, fazendo com que haja identificação e relativa proximidade entre os leitores e o seu redator do jornal. Pode-se dizer que as notícias para o povo são escritas de acordo com o que o povo aspira. Nisso, a comunicação é estreitada como canal sem ruídos aparentes.

Vale ainda descrever que o referido jornal disponibiliza notícias de política, comércio, cultura, educação, gastronomia, policial, saúde da população do município araciense e de outros municípios vizinhos. E as notícias podem ser lidas de duas formas: digital, através da internet e impressa, através dos jornais que circulam na cidade de origem e em cidades próximas, mas o maior foco, sem dúvida é a cidade de Araci. A importância desse jornal ultrapassa os limites territoriais do município onde ele está instalado, o que faz de Araci um lugar privilegiado pois a sua cultura pode ser difundida através do periódico. Nessa descrição, o jornalista Gidalti Oliveira Moura (2015, p. 2) adiciona que:

²⁴ O programa Mídias na Educação tem a ver com a educação a distância, e tem por objetivo promover formação continuada para os professores da educação que utilizem tecnologias distintas das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) – informática, televisão vídeos, rádio, revista e materiais impressos.

²⁵ Já o Programa Mais Educação, direcionado às instituições escolares públicas, e de ensino fundamental, visa o desenvolvimento dos educandos com diversas atividades extraescolares, culturais, esportivas e cênicas para que haja proveito por parte da comunidade e dos alunos, sendo que essas aulas poderão acontecer no turno oposto ao estudado pelo aluno. Fonte: MEC.

Nestes 14 anos o Jornal Folha dos Municípios e seus portais digitais de comunicação adotou a prática da Boa Notícia e através dela escrever um pouco da história de nossa terra, nossa gente e ainda conseguiu ultrapassar suas fronteiras marcando presença em diversos municípios vizinhos. Sua ousadia dimanada pelo talento e erudição de seu fundador fê-lo chegar a outras plagas no contexto universal sendo lido e acessado em seu módulo digital em outras cidades e estados de outros países transcontinentais.

O ano de 2016 é de comemoração para o Jornal Folha dos Municípios, pois foi a ocasião de o referido jornal festejar seus quinze anos de existência, contribuindo avidamente para o desenvolvimento do município de Araci e, além disso, pela propagação de suas edições para outros municípios, estados ou países. A era digital pode alcançar leitores de todo o mundo, e eles podem saber das notícias de Araci e de alguns municípios da Região Sisaleira, principalmente os municípios de Barrocas, Biritinga, Candéal, Conceição do Coité, Euclides da Cunha, Feira de Santana, Ichú, Queimadas, Quijingue, Ribeira do Pombal, Salvador, Santa Bárbara, Santa Luz, Senhor do Bonfim, Serrinha, Teofilândia, Tucano e Valente.

O jornal conta e reconta a história de Araci e, de certa forma, impacta a sociedade local quando aborda assuntos sobre religião, arte, cultura – o que dá visibilidade às notícias, igualmente para outras cidades, fazendo com que os cidadãos tenham acesso às informações de todo o município de Araci.

O ano de nascimento do Jornal Folha dos Municípios marcou um período intenso de atenção aos fatos da cultura e todas as expressões religiosas, corporais e artísticas. E, de lá para cá os cidadãos de Araci podem compartilhar as notícias marcantes da cidade ou do seu entorno. As memórias dos cidadãos aracienses puderam ser relatadas, pois na qualidade de guardião da História local, tem a responsabilidade de descrever os fatos a fim de que os cidadãos locais pudessem revê-los, interpretá-los, descrevê-los e discuti-los, de maneira que se sentissem eminentemente contemplados nas abordagens e nas linhas escritas do referido jornal.

O jornal escrito pode até não ultrapassar a força do rádio, muito embora haja o alcance de muitos leitores. O rádio atinge leitores alfabetizados e não alfabetizados, o jornal pode ser mais facilmente guardado nas casas dos cidadãos. Daí a relevância dele, pois pode ser provável que a materialidade de suas informações – essas aliadas aos fatos – adquiram discordâncias a fim de que seja igualmente possível refutar ou não uma determinada notícia em um momento histórico. E, havendo notícia não verdadeira, poder-se-á reescrever o fato e corrigi-lo para que haja reciprocidade entre a redação do periódico e o seu leitor.

Materializar um fato exige do jornalista muita pesquisa, paciência e caráter crítico para que a notícia tenha semelhança de veracidade, e de fácil interpretação, como é o caso do Jornal Folha dos Municípios, de onde se vê títulos²⁶, tais como: “Filho prestigioso deixa a ‘família 12’ e procura casa própria”, 18/10/2015, Eleição dos novos membros do Conselho Tutelar agitou o domingo dos aracienses, PMDB oficializa por EDITAL sua Convenção Municipal; Aspirantes a candidaturas nas eleições de 2016, o PSDC-27 avisa: Vocês só têm 14 dias, 17/09/2015; Sem Sessão amanhã, a Câmara abre as portas para programação em homenagem ao Dia da Mulher, 06/03/2016, Novo Quadro, Reajuste do Piso e Novo Adicional de Regência dos professores são votados em Sessão Extraordinária, 06/03/2016, Associações discutem situação produtiva econômica e social na CDA e pedem socorro ao Estado, 10/03/2016”. As notícias têm relação com a efervescência política do município e abrangem, também, as expectativas da população das zonas urbana e rural de Araci, Estado da Bahia. Uma grande parte dos aracienses exprime enorme interesse por assuntos de política.

Em meio a um momento digital, o jornal impresso é uma ferramenta de acesso às informações municipais e de seus arredores. Nas comunidades onde não há acesso à internet, e as pessoas não dispunham de outros suportes de informação – se faz necessário o mecanismo impresso, e de que pode chegar até ao mais humilde das residências. Há nisso uma enorme responsabilidade de quem faz as notícias chegarem às casas das pessoas.

3.4 O Centro Cultural de Araci

A história de uma cidade tem a ver com a capacidade dos seus habitantes em lidar com os acontecimentos de gerações passadas. Para haver a memória social é necessário que todos os municípios baianos tenham um lugar para manter a guarda de documentos, fotos, imagens outras as quais retratassem os costumes, utensílios para as diversas ocupações. Acredita-se que o Centro Cultural de Araci foi construído no intuito de suprir positivamente as necessidades da população araciense no que se diz respeito à guarda histórica e de costumes.

O Centro Cultural de Araci foi fundado em 19 de dezembro de 1984 e, funcionando provisoriamente na Rua Jeremoadado, com a responsabilidade de buscar, cultivar, ter sob guarda os registros físicos e não físicos das ações referentes ao município; hoje funciona em espaço próprio na Avenida Sete de Setembro, Nº 610, Centro. Nesse centro há uma biblioteca com cerca de dez mil exemplares, sendo eles distribuídos em obras clássicas, épicas, jornais,

²⁶ Fonte: Jornal Folha dos Municípios.

revistas contemporâneas, além da parte destinada à preservação da memória coletiva dos municípios. Nota-se ser possível encontrar no Centro Cultural quase tudo referente à vida do araciense em diferentes momentos históricos, isto é, o centro tem uma enorme capacidade de agregar os costumes à memória da sociedade local. Segundo a historiadora Ana Nery Carvalho Silva (2015, p. 147):

Falar do Centro Cultural é um grande privilégio diante dos grandes serviços que o mesmo presta à população araciense. Ele surgiu quando Anatólio Batista Oliveira (araciense, professor da Escola de Teatro da UFBA já falecido), sentiu a necessidade de um Centro de Cultura em Araci para divulgar as diversas áreas do conhecimento, tais como História, a Arte, a Cultura e a Literatura.

Por ocasião pode ser notada que o esse Centro não é apenas o guardião da cultura local, mas uma instituição na qual a memória social está em constante contato com os episódios do passado a fim de facilitar a compreensão dos erros ou os acertos de pessoas que viveram antes da atual. Um exemplo mais comum a que se pode chegar reside no fato de que na maioria das residências de Araci tem um reservatório de água para armazená-la, no mínimo, por um mês, isso porque no passado havia muito falta desse líquido indispensável à vida das pessoas. Esse fato pode ser percebido com um avanço social.

Figura 19 - Momento em que os veículos com água chegam a Araci



Fonte - Centro Cultura de Araci

Figura 20 - Momento em que os cidadãos aracienses vão abastecer as latas com água



Fonte - Centro Cultural de Araci

De certa forma, os cidadãos mais atentos às características climáticas da região, organizam-se ao construir as residências com um tanque para a guarda de água, e caso a casa seja comprada sem tanque, o novo proprietário trata logo de construí-lo para suprir as suas necessidades, e não sofrer por causa da seca. Esse fato²⁷ está registrado, também, nas fotos do Centro Cultural, respaldado na obra de Lima (1985). De certo, os descendentes das famílias Carvalho, Pinho, Ferreira, Barreto, etc. aprenderam a conviver com o fenômeno da seca tão comum quanto o dia e a noite o são para todos os aracienses residentes na terra intitulada, Mãe do Dia.

Logo, vê-se a probabilidade de existir em uma mesma cidade um ou mais organismos capazes de manter viva a memória dos fatos desde os primeiros fundadores até os acontecimentos atuais, fazendo com que cada vez mais as pessoas possam se inteirar das histórias de suas comunidades. As expressões culturais, como a capoeira, o teatro, e o candomblé são retratados como oportunidades para Araci ganhar notoriedade espaços até mesmo fora do referido município.

O município de Araci faz, em 2016, duzentos e quatro anos de existência. Então, o que se pode verificar é o fato de que nem todas as informações referentes à cultura da população são encontradas nesse Centro Cultural, pois foram feitas muitas buscas nele a fim de obter

²⁷ A foto acima ilustra o período em que a seca castigava todo o município de Araci. Era comum, nessa época os cidadãos carregarem água na praça da Conceição em 1945. Hoje a mesma praça congrega outros tipos de presenças populares, como festas religiosas e culturais, grandes comícios políticos, etc. Já a foto da página anterior mostra os veículos motorizados, intitulados na presente geração como Carros-pipa os quais executam a tarefa de distribuição “gratuita” de água para a população de Araci.

respostas acerca de documentos que comprovassem as marcas da cultura negra. No entanto, mas o que se encontram são poucos documentos disponíveis para pesquisa. Um dos casos mais evidentes, nesse sentido, está na pouca ou nenhuma informação acerca de como eram, como viviam e as contribuições que deram ao município de Araci, os negros escravizados. O silêncio é assim visto como uma tentativa de ocultar o que de fato ocorreu ou ainda deixar de contar os costumes desse povo.

O Centro Cultural de Araci, no presente momento, tenta tornar disponível todos os acontecimentos públicos correspondentes em toda a área a qual corresponda à Cidade Mãe do Dia. A proposta de tornar pública toda informação tanto para os cidadãos do cotidiano quanto para a posteridade fez com que a entidade fizesse, no último dia 30 de janeiro de 2016, uma exposição de fotografias que marcam a existência do centro, desde a sua fundação. Agora, pode-se ver que o Centro cultural tem um museu aberto a visitas do público local e do público externo ao município.

Além disso, o centro oportuniza gratuitamente cursos de violão, teclado, artesanato e música com o objetivo de proporcionar aos alunos e à comunidade a manutenção da cultura como também o conhecimento de outros estados da Região Nordeste, através do teatro, dos contos folclóricos brasileiros, da cantiga de reisado, e da literatura de cordel – tudo para compartilhar saberes necessários à vida em comunidade. Nisso, a memória cultural pode ser proclamada uma vez que esses cursos tendem a fazer dos alunos futuros professores e multiplicadores culturais, fazendo com que a sua riqueza seja passada de uma geração para a outra.

3.5 Contexto histórico do Ylê Axé Jitolobi

Para melhor compreender este texto, descreve-se as palavras participante, filhos ou filhas de santo, pais e mães de santo, presentes a fim de perceber melhor como são as festas no Terreiro de Candomblé, Ylê Axé Jitolobi²⁸: o Participante é a pessoa pertencente à festa. Verdade é que o participante pode ser da casa, ou seja, do Ylê Axé Jitolobi. Filhos ou filhas de santo são as pessoas que fazem votos a uma determinada divindade, e por isso recebem essa denominação. Já os pais ou mães de santo são homens e mulheres, respectivamente, que exercem funções de liderança dentro de um ilê, ou seja, dentro de uma casa onde as energias

²⁸ Um fato relevante sobre o Ylê Axé Jitolobi gira em torno de que esse Terreiro de Candomblé foi construído em um lugar afastado da cidade de Araci; havia apenas duas ou três casas próximas ao terreiro. Essa casa de energias trouxe visibilidade ao bairro. Hoje, praticamente não há mais espaços vazios para construções de novas residências ao redor desse Ylê Axé. Isso porque o Ylê Axé trouxe desenvolvimento ao bairro do Coqueiro, logradouro para o qual a maior referência é Pai Géó.

são cultuadas. Os presentes são as pessoas que prestigiam a festa. Elas são, na maioria das vezes, simpatizantes do candomblé, católicos, espíritas, umbandistas, adeptos de outras casas de candomblé dentro ou fora do município de Araci.

Figura 21 - Cabana do Caboclo Boiadeiro, festa 2015



Fonte - Acervo pessoal de Geovane da Silva Santos

O que se pode perceber durante a festa de Olubajé²⁹ é que os participantes se juntam ao momento da alimentação, conhecido por banquete inicial. É, especialmente, no dia da festa, a primeira manifestação física na qual os filhos e as filhas dessa expressão cultural se fazem presentes. Nota-se que a grande maioria dos participantes é aparentemente proveniente da sociedade local, ou seja, exercem diversas atividades. As interações humanas estão em todos os cantos do Ilê Axé Jitolobi, onde começam a ser percebidos com ênfase só com a presença dos envolvidos. O Olubajé é uma das formas de comunicação entre o orixá e o participante. Nas palavras do pesquisador e Professor Edson Ferreira Dias (2004, p. 64):

Antes da invenção dos modernos meios de comunicação, as festas constituíam a mais importante atividade pública: eram os momentos centrais desta atividade, funcionando como autênticos sistemas de comunicação entre a comunidade e entre esta e os visitantes que participavam do evento. Para a comunidade, eram momentos de afirmação da identidade coletiva, através

²⁹ Segundo o pai de santo Geovane da Silva Santos, Olubajé é uma festa em homenagem ao senhor da terra; ao rei da terra, ou seja, trata-se de uma obrigação para os filhos, as filhas, os pais e as mães de santo.

dos quais o indivíduo tomava consciência de seu ‘pertencimento’ a determinado grupo, assumindo o papel de protagonista de sua própria história. A festa era também um ‘lugar simbólico’ através do qual eram veiculados os valores e as crenças do grupo, transformando-se, portanto, no principal lugar onde afloravam os conflitos de significado na disputa pelo monopólio da informação e, até mesmo, do controle social.

A celebração no espaço de consciência religiosa onde suas expressões são efetivamente valorizadas causam satisfações pessoais nos filhos e nas filhas de santo, pois fazem seus votos de maneira consciente diante do sagrado, uma vez que nesse local se apresenta como cidadãos libertos e, dentro desta dimensão o “povo de santo” se percebe dentro dos muros da casa de candomblé, de maneira que a consciência e valorização de seus atos são identificados. A quantidade de presentes (cerca de 41%) são de outros municípios e até de outros estados. A interação humana dentro e fora do espaço é familiar. Isto é, dos filhos e filhas que têm maior tempo, e tem obrigação, são notados por todos como responsáveis pelo lugar, é o pai maior, o pai de santo o qual incrementa noções de liberdade; sensação de igualdade, humanidade, equilíbrio, cumplicidade e harmonia entre os presentes, isso porque quando eles estão reunidos aflora o sentimento de família, de bem-estar. Ademais exista interação constante entre todos os presentes face às contribuições deixadas pelos orixás nas vidas dos participantes, ou seja, os participantes têm na memória que o estar vivo já se configura bênção dos orixás. Sem dúvida é surpreendente ver tal ritualística!

O candomblé pode ser “tudo” para o participante. Nota-se que na Região Sisaleira³⁰ não há até hoje registro de uma festa como esta. O cheiro entre os participantes é peculiar dado ao banho de folhas providenciado antes da festa.

Os colares de contas utilizadas pelos participantes são expressas como afirmação do filho para determinado orixá. Os participantes se destacam por seu vestuário: quanto mais exuberante é a vestimenta, mais alta é provavelmente a autoridade e influência, nota-se, contudo, a separação, destaque entre as pessoas as quais entram no recinto. Os pais e mães anunciam a abertura da festa. Ela é a oportunidade para os participantes aprenderem os costumes religiosos a fim dirigir os filhos de santo no dia a dia: o yorubá; as gingas, as vestimentas, os cenários são positivos na relação com outro mais velho, isto é, quanto mais velho for o filho de santo maior influência ele poderá exercer na vida do filho de santo mais novo. Existe uma antessala, um espaço utilizado de onde as pessoas que vão ‘dançar’ sob as

³⁰ A Região Sisaleira ou Região do Sisal é uma das regiões da Bahia, e sua área é de 21.256,50 Km². São vinte os municípios que a integram: Araci, Barrocas, Biringinga, Candeal, Cansação, Conceição do Coité, Ichú, Itiúba, Lamarão, Monte Santo, Nordestina, Queimadas, Quijingue, Retirolândia, Santaluz, São Domingos, Serrinha, Teofilândia, Tucano e Valente. Fonte: Conselho Regional de desenvolvimento rural sustentável da Região Sisaleira do Estado da Bahia.

impressões dos orixás se preparam, ou melhor, dão os primeiros passos com a provável intenção de reaquecerem-se fisicamente e a partir da chamada dos atabaques passam a se mover. Os passos são sincronizados, eles só param quando os atabaques param. Uma voz se levanta, logo em seguida eclode a resposta em um grande coro. O povo negro e os brancos como irmãos e irmãs de obrigação se orgulham deste espetáculo dentro de uma dinâmica de identidade a qual subsiste há séculos, embora seja muito bom salientar que alguns seguimentos da sociedade tentam sufocá-los.

Durante o ritual há um momento em que as pessoas põem-se de pé, sinal de respeito a fim de receberem o Senhor Geovane da Silva Santos, aqui intitulado por Pai Géó, com referência ao prestígio à autoridade maior dentro do Ylê. Neste momento, muitas pessoas, também, tiram fotos com prévia autorização, outras ficam extasiadas frente á beleza do ritual sagrado. Logo, pode-se ver que o povo negro é, em essência, aquele que acolhe ao outro. Que ovaciona e reconhece a autoridade de outro dentro dessa perspectiva. Não se quer dizer que os presentes não vejam isso, mas é possível perceber que há expresso respeito diante do que esteja mentalmente percebido nessas expressões corporais. Além dos atabaques e das músicas que puxam os cânticos, o agogô exerce a função de dar o ritmo introdutório, mas os participantes observam o cântico inicial e, logo em seguida, respondem mediante ao que se é pronunciado. Nesse sentido, a organização parece ser mais rígida, com mais harmonia e interação com a festa.

A plateia ouve atentamente. E entre os participantes há muitos de epiderme branca, porém se identificam, e muito, com a festa onde os negros são referência; por isso aqui a identificação torna-se mais visível, igualmente enquanto expressão cultural. Em Araci e em toda a região sisaleira não houve e não há nenhuma expressão cultural tão grandiosa, esperada pela população e organizada entre os filhos e as filhas de santo. Não há restrição de idade entre os participantes: crianças, adolescentes, adultos, idosos, todos estão envolvidos na festa a fim de cumprir, caso sejam adeptos do candomblé, mais uma obrigação. O som dos tambores faz com que as sensações dos presentes se aflorem e se materializem em sinais de satisfação, ditando ritmos de alegria, prazer e descontração à medida que as batidas ficam mais fortes, mais cadenciadas. Por outro lado, quando os atabaques tocam um som mais abaixo, pode-se perceber a introspecção entre as pessoas atuantes da festa, e os assistentes. Por todo o tempo da festa rojões de fogos de artifícios são estourados, e é possível ouvi-los em toda a cidade de Araci.

Novamente pai Géó “puxa” mais um cântico, em que todos os presentes ficam de pé. As mães e pais de santo de outros Ylês ficam em posição de respeito durante a exibição. O pai

de santo Geovane da Silva Santos entra no salão a fim de comandar o rito e, no momento em que são prestadas homenagens por todos os presentes ao “dono” da festa e “Senhor da Terra” (Omulu³¹), ele faz referências a uma divindade do candomblé. O salão é repleto pelo silêncio, e esse é valorizado. Depois de um momento em que cessam as homenagens faladas a Omulu; e em seguida vêm os cânticos. Pai Géó, desta vez, é saudado por uma grande maioria dos participantes, que lhes pedem a benção. Durante a festa alguns dos participantes se mostram diferentes dos presentes dado ao cumprimento de mais uma obrigação. É lindo de se ver!

Esse acontecimento não poderia ser comum na sociedade escravocrata, pois ela “impôs” durante séculos aos negros os seus costumes no tocante à religião, não aceitava aos seus enquanto cidadãos, e os punia caso descumprissem pela não obediência a preceitos religiosos difundidos. Que outra definição haverá então senão a de reafirmação desses cidadãos dentro de um espaço onde lhes são revelados as suas identidades em oposição ao momento vivido pelos ancestrais. Houve muitos avanços, sem dúvida, entretanto, é preciso atentar para os casos de intolerância religiosa possivelmente dentro do município de Araci, e visivelmente fora do lugar para que não chegue a atingir aos participantes desse local e a prática do candomblé não seja ameaçada como é em muitos lugares da Bahia, Rio de Janeiro, etc.

A festa é a expressão cultural onde diversas individualidades se mostram irmanadas num gesto peculiar a elas. Essa interação com o outro neste espaço possibilita dizer que o outro está no individual e o coletivo no individual. Assim, através desses momentos sincronizados surge a família com irmãs, irmãos, pais e mães de santo (“a família de Axé”, segundo Pai Géó). Há uma hierarquia a ser seguida pelos participantes da festa. Existe um momento em que os participantes saem do seu local de origem, das manifestações físicas e ficam diante da entrada do local da festa. Os fogos de artifícios são ouvidos a todo instantes, e mais fogos ainda se ouviram em toda cidade. Os participantes são tomados por intensa emoção. É impossível não se ouvir esses fogos, e não se permitir contagiar. Por esse motivo também, torna-se impossível ignorar a festa: O mais moço deve obediência ao mais antigo.

Não é muito difícil destacar os participantes que têm “mais” influência entre os que se mostram com poderes “abaixo”, através do caminhar; das saudações; das indumentárias das

³¹ Segundo Pai Géó: Omulú é a Terra! Ele é “Rei Dono da Terra”. Ele é um deus de poder, causador de ruínas, guerreiro, mas que fica calmo quando recebe pipocas, pois essas oferendas são de sua preferência para esse orixá. Nas palavras de Monique Augras (2008, p. 115, 116), “é melhor não dizer o nome dele, de tão terrível que é. [...] Obaluaê, filho de Nanã, é um dos deuses da terra. Provoca as epidemias, mas cura também. [...] Obaluaê veste-se com saiote de palha-da-costa, um capuz do mesmo material cobre-lhe o rosto por inteiro. Dizem que é para esconder as pústulas da varíola. [...] Não é apenas para esconder as bexigas que Omulu usa o capuz (*filá*) de palha-da-costa. É porque os mistérios da morte e do nascimento são terríveis demais, para serem revelados aos homens comuns”.

roupas. Com essa descrição, pode ser possível perceber a participação efetiva dos presentes, pois todos se saúdam e se vestem de acordo com as suas posições hierárquicas. No momento do cântico externo, os participantes entoam cânticos, os respondem: comem, bebem, passam para os primeiros; e se servem com alimentos típicos da culinária africana dedicada ao orixá homenageado. É comum perceber as pessoas entusiasmadas tirando fotos, e fazendo análise desse momento. Os alimentos são servidos sob uma folha de mamona, por se tratar de um alimento servido em homenagem a Omulu, e é uma exigência do orixá, enquanto isso os músicos, que são ogãs³² de couro, tocam e entretecem aos presentes da festa. Na roda só participa os principais orixás da festa, enquanto os outros filhos e filhas ficam de lado de fora da roda, catando, pedindo bênçãos e agradecendo aos orixás.

Além de ser um ritual comum na cidade numa perspectiva de expressão cultural, identidade e cuidado para com as atividades religiosas. É a “obrigação” individual que faz a comemoração ser “a” festa e não um ato qualquer. Os sentimentos, notadamente, de hierarquias são seguidos à risca, até na hora de servir a comida, cada participante leva o que o seu respectivo orixá quer comer. É uma experiência de cunho alimentício. A bebida não é alcoólica, em virtude do orixá que não permanece no local. A árvore onde a maioria dos presentes fica é o iroko e tem um significado grande, e simboliza a vida.

São intensos os movimentos feitos neste momento em que os participantes e presentes ficam diante da árvore, que transmite forças a todos quantos estão frente a ela. O povo de santo está reunido como estão os pais e filhos, as mães, as filhas num sentimento de pertencimento do lugar como para e além dele. Ao finalizar a parte de frente à árvore, os presentes e os participantes, aqueles responsáveis pela alimentação se levantam. Há interferência entre os demais no momento, os atabaques tocam, tocam, tocam mais forte num ritmo alucinante, e todos os presentes se dirigem ao salão principal.

Cânticos e mais cânticos são ecoados, os envolvidos diretamente na festa não param, a organização e hierarquia são levadas ao extremo. É perceptível a quem for menos observador que a todo o momento oferece-se água, bebida e comida a todos. Nesse sentido há preocupação com o outro na festa. Entretanto, no que se diz respeito à presença dos orixás, na qualidade de seres encantados, não serão descritos neste trabalho por se tratar de um assunto extenso.

³² O ogã de couro, de calofé, de tambor ou ogã ilu é o responsável por toques nos atabaques, para que sejam tocadas as músicas que farão parte dos ritos religiosos. Embora não receba orixá, o ogã é o escolhido por ele com a finalidade de ser o único a estar lúcido nos dias de festa. No candomblé é preciso que o músico goste de tocar, cuide bem do instrumento e ser zeloso com as atividades do terreiro.

No local principal onde é realizada a celebração, os participantes que estiverem na roda só serão os escolhidos pelos seus respectivos orixás, por conseguinte, homenageados. Além dos atabaques, há as palmas dos presentes que representam boa sonoridade e agregam entusiasmo unindo-se às músicas principais. Desde o momento inicial há grande entusiasmo, não se vê qualquer participante esboçando cansaço físico, ao contrário, os participantes estão alegres, pela iminência do cumprimento de mais uma obrigação.

Um pano branco é colocado sobre os participantes os quais estiveram sob as influências dos orixás. Peles brancas, peles negras, todos negros nessa ótica da identidades e de expressão física, diante da possibilidades fraternais de amplificação do direito de se sentir em paz consigo mesmos. Num convívio único, no caso das erupções exposição da festa, de trocas de identificação com o outro através do prazer, das satisfações individuais ou coletivas.

Mesmo com as atuais adversidades econômicas que atinge seguimentos da sociedade, o terreiro de candomblé realiza agrupamentos de pessoas uma vez por ano através da Festa ao Caboclo Boiadeiro da qual o pai de santo Geovane da Silva Santos oferece aos presentes todos os anos a partir do mês de julho até o mês setembro, como é caso do ano de 2016, conforme o exposto no anexo B.

A ornamentação do Ylê tem as cores diversificadas e fazem alusão aos orixás homenageados. O momento mais emblemático da festa é quando Pai Géó entra no salão principal e aludindo a Omulu. É um momento de euforia geral. Nesse ponto, harmonizaram-se atabaques, agogôs, tambores, vozes, palmas numa sintonia simples, porém com relevantes significados nas vidas dos participantes e nas vidas de todos os presentes, ou melhor, dentro do salão e com as atenções voltadas para fora desse, no caso, os moradores circunvizinhos e presentes. Os rituais são paulatinamente vistos por todos os quais atentamente cantam, emocionam-se, enquanto os participantes acreditam saudar mais uma dívida para com as suas obrigações anuais, além de enriquecerem-se de mais uma profunda experiência ancestral fortalecedora de si e da coletividade étnica no suporte para o dia a dia.

A grande maioria dos participantes aprendem cânticos, dialetos em yorubá através da oralidade, toda ela no dia após dia. O pesquisador Roger Bastide (1978, p. 12), que descreveu o candomblé na década de 50, argumentou: “são os sacerdotes que têm a noção do valor do tempo; é o tempo que amadurece o conhecimento das coisas; o ocidental tudo quer saber desde o primeiro instante, eis por que, no fundo, nada compreende”. Por essa razão a oralidade é tão marcante entre os fiéis, fazendo com sejam poucos os participantes que utilizam leitura para obter conhecimentos sobre a religião, por isso, o aprendizado do cotidiano faz com que eles e elas aprendam a fonética, o significado das palavras e o contexto

das frases nas inter-relações humanas dentro do terreiro, quando são iniciantes, e fora do terreiro na comunicação com seus irmãos, irmãs, pais e mães de santo, primando pelo princípio da coletividade.

Vale salientar que embora o corpo físico dos participantes seja encorajado quer por uma força quer por uma obrigação a continuar, esse corpo físico se une ao não físico e, juntos, são incorporados exposição da festa para além das possibilidades corporais. Não existe aparente enfermidade que impossibilite, nesta condição, ecos de libertação pessoal. Não há também preocupações com o fato de a sociedade gostar ou não das atividades festivas. Nas palavras do pesquisador Armando Vallado (2008, p. 163):

Para prestar homenagem à Iemanjá, em muitas cidades da costa brasileira, uma multidão de pessoas, em certas datas, dirige-se anualmente à beira mar num espetáculo de fé na grande mãe africana, afirmando a cada encontro a importância do orixá no conjunto de tantas outras santas e grandes mães que povoam o imaginário popular brasileiro.

Desde que Iemanjá assumiu no Brasil o reino das águas salgadas, transformando-se na padroeira da pesca e protetora dos pescadores, iniciou-se seu culto ao mar. Vale lembrar que os adeptos do candomblé, religião que mantém estreito contato com a natureza, costumam levar presentes e oferendas a cada orixá no seu “meio natural”. Assim, presentes a Exu são depositados nas encruzilhadas; a Oxum, nos rios, fontes e cachoeiras; a Oxóssi e Ossaim, no mato; a Xangô, numa pedreira; a Ogum, na estrada, especialmente na estrada de ferro, que contém o elemento caminho e o elemento ferro; a Iemanjá, evidentemente, na praia e no mar.

No encerramento das obrigações faz-se oferendas a Oxun/Iemanjá e as divindades das águas sobre a Baía de Todos os Santos. Foi notado que os filhos mais diletos rendiam-lhe graças com a intenção de lhe agradecer pelas bençãos. A pedir-lhe perdão pelas faltas cometidas. O momento de agradecimento é o ápice desse encontro. É incrível, mas as águas do mar se acalmam como se bendissem a presença dos participantes como quem espera e se alegra ao ver um ente querido. Esse momento acontece dentro de uma embarcação com capacidade para 140 pessoas, embora o Pai de Santo só tenha levado 80 pessoas por questão de segurança.

Os filhos de Oxun/Iemanjá, – além de serem testemunhas de mais um ato de fé e de reafirmarem a identidade através das ações deste ano e de seus ancestrais – puderam saudar à rainha dos oceanos. A emoção aliada à devoção toma espaço no corpo não físico, dá lugar ao corpo físico, e este encontra-se morada através dos cânticos. Pode-se afirmar que as identidades dos presentes se harmonizam em sinal constante de aprendizado, ou seja troca de energia e distribuição de gestos de irmandade. O sol volta a aquecer aos presentes, e é visível

o cumprimento de mais uma obrigação pelos participantes, embora o balanço da embarcação seja constante o otimismo também é ao passo que os filhos e as filhas de santo respondiam aos cânticos embalados pelo comprometimento religioso.

3.6 As festas culturais no Ylê Axé Jitolobi

Figura 22 - Preparação para a festa de Boiadeiro



Fonte - Acervo pessoal de Geovane da Silva Santos

Os jovens que convivem com os filhos e as filhas de santo poderão reproduzir suas práticas, uma vez que são as principais referências de vida. Houve uma pausa a fim de que toda a tripulação pudesse comer beber e conversar. Os assuntos eram diversos e de interesse pessoal ou coletivo. Chegou o momento mais esperado por todos: o de entregar os presentes a Iemanjá, a senhora dos mares como é afirmado na obra *Mar Morto*, de Jorge Amado (2001, p. 74):

[...] Ela se chama Iemanjá, sempre foi chamada assim e esse é seu verdadeiro nome, de dona das águas, de senhora dos oceanos. No entanto os canoieiros amam chamá-la de Dona Janaina, e os pretos, que são seus filhos mais diletos..., a chamam de Inaê, com devoção ou fazem súplicas à Princesa de Aiocá, rainha dessas terras misteriosas que se escondem na linha azul que as separa das outras terras. [...] Ela é sereia, é a mãe-d'água, a dona do mar, Iemanjá, Dona Janaina, Dona Maria, Inaê, Princesa de Aiocá.

Todos que estavam na embarcação em movimento se mostravam mais ativos sobre as águas do mar, movidos pelo cumprimento das obrigações. Este estudo trata das contribuições negras no município de Araci com as atenções voltadas para além dele. Agora é bom ser dito, que as expressões religiosas estiveram além do lugar de costume, isto é, percorreu a Baía de Todos os Santos fazendo com que as interações de identidade se afunilassem.

Ao ultrapassar as primeiras etapas de agradecimento alguns dos participantes já se encontram cansados, quase entregues ao enjoo e à maresia. Muitos queriam mesmo era que passasse aquele momento de desconforto em meio ao mar. E foi assim que aconteceu. E as embarcações passam por entre outras que levam os que vão fazer as oferendas e saúdam a todos na tripulação, mas que um ato de solidariedade, é uma medida de reconhecimento das que falam, conversam.

Por outro lado, o balanço da embarcação contribuiu para haver uma meditação entre alguns da tripulação. Todavia foi passageiro e a cantoria voltou e todos despertam. A dinâmica terra /mar é bastante diferente, enquanto na terra os participantes podiam sentir o firmamento; sobre o mar sentiam o desconforto da maresia, ou seja, o enjoo nas pessoas causado pelo balanço da embarcação.

Nesse ínterim Pai Géó passou por entre os participantes, saudando-os e falando sobre a festa presente, a obrigação ofertada. À medida que foram se distanciando do litoral, maior ainda foi notada a incidência de ventos fortes. Mas esse fato não diminuiu, nem aumentou esta obrigação. Alguns faziam orações, outros cantavam, dançavam, outros batiam palmas, e outros pensavam!

Todos os cantos que louvam os orixás fazem menção à Iemanjá, “rainha do mar”. Os envolvidos demonstravam sensação de liberdade e prazer. No momento em que se passava um participante diante de uma autoridade, o filho falava “Agô” que significa “licença” – expressão esta que pode ter diversos significados “para se retificar, sair de uma conversa, para pedir passagem por entre as pessoas. Há, nessa dinâmica, um sentimento de provável do dever cumprido enquanto seus fiéis se dirigiam ao mar. Não existe o alvoroço de final de ano em que se vê inúmeras embarcações pairando sobre as águas do litoral de Salvador por ocasião saudar o ano que se inicia e se despedir do ano que se foi.

O significado de cada canto alcançado pode fazer com que o participante interagisse com mais ou menos força, ficasse ou não agitado, no sentido de expressar alegrias. O povo desfilava orgulhosamente, pois não há quem faça o cerceamento deles. Se antes os barravam, no presente momento não aconteceu, por ocasião da expressão festiva – isso em se tratando exclusivamente dessa obrigação e do povo do Ylê Axé Jitolobi.

Já sobre as embarcações, os participantes parecem estar sob o cheiro de flores, alfazema, enquanto isso foi comum, neste momento, ouviram-se cantos, exaltações em virtude da partida, as águas parecem calmas, a velocidade dos ventos sempre se mostrava intensa. De certa forma, o contato com o mar possibilita momentos de introspecção. As saudações entre filhos e filhas, pais e mães de santo é constante mais uma vez, a fraternidade aqui é percebida como um fato de proximidade com o plural nessa festa de agradecimento e súplicas. Se antes a saudação era “atotô”, agora neste dia a saudação é “odoyá”!, por ser uma saudação de reverência à Iemanjá, “rainha do mar”.

O povo de santo chegou à cidade de Salvador sob o som do agogô e das respostas se ouviram os louvores à Inaê. As pessoas se arrumavam da melhor maneira possível, a maquiagem é a mais simples, os negros e não negros estavam juntos. E nessa perspectiva de irmandade se apresentavam com ele entre o povo negro e povo de santo. Não se deseja afirmar que eles sejam irmãos de santo, mas irmãos no tocante à obrigação. Também, pode-se dizer, ainda, que o respeito orchestra essa relação física. Os presentes foram levados ao mar numa cadência paulatina, mas constante.

Em meio a cânticos, muitos dos filhos e das filhas de santo levaram o presente destinado ao oferecimento nos mares na região litorânea de Salvador. Para o ônibus sair da frente do Ilê Axé Jitolobi, com destino a cidade de Salvador, entoavam-se cânticos diversos a fim de saudar as diversidades dos orixás. São cânticos para pedir proteção durante a viagem. As ações energéticas do corpo não físico dão impulso ao corpo físico, e cada canto dos fiéis rende graças aos seus pais e mães espirituais.

Iniciou-se a festa com uniformes em homenagem aos orixás. O primeiro som de instrumento musical a ser ouvido foi o som do atabaque, seguido pelo som do agogô, tombadora, etc.. Hoje, pode-se perceber mais precisamente, que há um número considerável de participantes de cor branca, o que não era predominante na festa passada. O povo de santo, de certa forma, parece mais diversificado por causa da presença de certos indivíduos aparentemente brancos. As iniciantes no candomblé também se fazem presentes na festa de confirmação³³ ou não. Mais uma vez, o ritual inicial é mais lento, mais suave. Os participantes parecem conhecer o espaço físico de lado a lado.

Constata-se que na medida em que o som era “alcançado”, os participantes iam dançando com intensidade, a melodia era melhor identificada. O cheiro de alfazema se

³³ É uma festa dedicada aos orixás. Tem grande importância para os fiéis por ser o momento pelo qual o participante é confirmado ou não pelo orixá (depois de passar 21 dias dentro do ronco, quarto) que o acompanhará ao longo de sua vida dentro do axé.

misturava ao cheiro dos incensos, das folhas das árvores. Cada participante levava a sério todos os movimentos, todos os cânticos, danças e inclinações corporais; tudo a fim de prestar culto aos orixás.

A celebração, também de 21 anos de confirmação, ou seja, mais uma festa. Agora as Yaôs dançam de cabeça baixa em reverência aos orixás, isto é, elas se curvam de maneira que suas cabeças ficam dispostas próximas aos umbigos. Logo depois houve minutos de aplausos, ou seja, as músicas agora têm as palmas dos presentes a fim de iniciar os cânticos. O momento nessa parte em que os presentes e os participantes se mostram mais felizes na festa, quer seja pelas palmas, quer seja pela suposta emoção pela entrada do patrono da festa, simbolizado na pessoa de pai Géó.

As yaôs³⁴ vão se confraternizando ao pedir bênçãos aos participantes, e eles respondem mais atentos em sinal de respeito. Além das yaôs, havia outros que saíram de seus lugares cantando a fim de fazer sinais de respeito a elas. A roda foi formada basicamente pelas yaôs, mas nada impedia que irmãos e irmãs, pais e mães de santo de outros terreiros participassem também dela. Aqui não há separação entre o negro ou não negro. Parece que todos são fundamentalmente iguais ao canto, ao se comunicar com os corpos, com os sentimentos. Iemanjá, Ogum são representados neste momento festivo. Depois houve então uma solenidade em que os participantes, as yaôs e outros foram abençoados. Momentos presentes de confirmação do santo. É o instante em que todos se mantêm em silêncio a fim de ouvir a confirmação, caso o orixá não venha sobre o corpo do (a) participante não haverá, neste momento, a confirmação. É uma ocasião de impacto na vida de todo filho e filha de santo.

Quanto mais destaque, bonita for à indumentária mais se mostra a posição do prestígio dentro dessa sociedade em que tanto iniciante, quanto os mais antigos são identificados pelas roupas. A roda só é desfeita depois que houver a confirmação dos participantes. A oralidade é muito forte neste tipo de celebração. Um dos membros presentes puxa o canto e os demais respondem. É uma ritualística de som e cores em que as vestimentas de cada participante simbolizava os orixás. Quanto às bebidas³⁵, apesar de serem leves dão um toque de força aos cânticos de celebração. Nesse momento de festa alguns presentes, amigos e simpatizantes dos

³⁴ O Yaô depois de passar por 21 dias de afastamento do público, passa por uma ritualística de iniciação no Candomblé para a feitura no santo, o que identifica um renascimento para o adepto a fim de ser confirmado pelo orixá depois de passar por diversas etapas: banhos, rezas, danças, raspagem dos cabelos, etc.

³⁵ As bebidas que são oferecidas aos presentes não podem conter álcool. O único orixá que permite que conceda bebida com álcool é exu, o que não se aplica nesta expressão cultural, pois não faz parte deste contexto da festa. Os participantes sabem disso, aceitam esse fato, não discutem. Simplesmente eles acatam.

“agora” feitos³⁶ respondem as cantorias. A roda parece estar aumentando em virtude do mais moço ao mais velho participarem. Cada celebração no Ylê Axé Jitolobi é sinônimo de uma festa diferente.

As roupas utilizadas pelos adeptos do candomblé do Ylê Axé Jitolobi não são para cobrir o corpo, mas elas evidenciam as histórias do santo da pessoa dentro de determinados espaços temporais.

3.7 O Grupo de Capoeira Gangara na cidade de Araci

[...] a consciência de que a capoeira deve ser um instrumento de paz tem se intensificado. Muitos grupos de capoeira passam a defender uma proposta de trabalho na qual o respeito e a ética têm lugar garantido. (SILVA; HEINE, 2008, p. 36).

Neste estudo serão descritas a capoeira como sinônimo de expressão cultural com a ideia de reafirmação do povo negro e a importância que ela proporciona aos seus praticantes, muito embora ela esteja dividida em duas formas de jogo: angola³⁷ e regional³⁸, mas em uma roda de capoeira é possível perceber uma ou outra pelos golpes aplicados, ou ainda pelo ritmo. Igualmente, a capoeira atende a dois segmentos, uma vez que, através deste pequeno recorte, pretende-se esclarecer que a prática da capoeira tem por intenção deixar evidente que o negro precisa assumir a sua identidade, e questionar a falta dela com a intenção de tornar mais livres as futuras gerações.

Figura 23 - Batizado de capoeira



Fonte - Acervo pessoal

³⁶ São características dos filhos ou filhas de santo que passaram pela iniciação e foram confirmados pelos seus respectivos orixás.

³⁷ A capoeira estilo angola está mais relacionada ao jogo dos negros escravizados. Logo, essa forma pretende ser a guardiã das tradições dos ancestrais que costumavam utilizar essa técnica por ser mais próxima a uma dança e não a uma técnica de defesa pessoal, uma vez que cada mestre vai construindo estilo próprio. Segundo Luís Vitor Castro Júnior (2012, p. 26): “Movimento utilizado nas rodas de Capoeira Angola em virtude da complexidade do jogo, é utilizada como mais uma estratégia de enganar, driblar e envolver o adversário”.

³⁸ Já a capoeira estilo regional está mais próxima a arte desportiva, a uma arte marcial na qual a técnica tem mais a ver com os golpes rápidos, o que se apresenta como uma arte marcial ou ginástica.

A Associação Cultural de Capoeira Gangara foi fundada em 2000, e sua sede está situada à Travessa Garibaldi Gordilho, 86 – São Caetano, Salvador – BA. Então, da Universidade Estadual de Feira de Santana até o bairro de São Caetano, são 115 Km. Essa entidade, conforme Alcidinaldo Souza de Jesus, o Mestre Nal tem por “objetivo preservar e difundir a capoeira e as heranças culturais de origem africanas [...] possui filiais no Brasil, Argentina e na França. Diante disso, pode-se notar que esse grupo possui um dos braços na cidade de Araci, desde 2003.

A capoeira é uma das expressões corporais existentes em todo o município de Araci. É comum a prática da capoeira desde Várzea da Pedra, Tapuio, Barreira, João Vieira, Rufino, Bela Vista, Barbosa, Campo do Eloy o Campo Grande até a sede do Município. Muitas academias buscam os lugares distantes da sede para conseguirem mais adeptos para suas corporações e, dessa forma, aumentar o contingente de praticantes da capoeira. O praticante de capoeira passará por diversas etapas de aprimoramentos denominados Cordões³⁹ verde, amarelo, azul, branco, vermelho. A troca de cordão, segundo pesquisado no grupo de capoeira é um evento que ocorre anualmente e, em se tratando do Grupo Gangara ocorre no mês de abril.

Figura 24 - Corda Verde

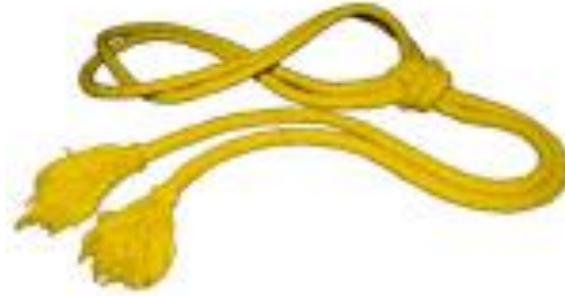


Fonte - Acervo pessoal

Caracterizada pela solidificação do aprendizado

³⁹ 1º Estágio - Cordão verde (aluno) permanência 1 ano; 2º Estágio - Cordão amarelo (aluno) permanência 1 ano; 3º Estágio - Cordão azul (aluno) permanência 1 ano; 4º Estágio - Cordão verde-amarelo (aluno) permanência 1 ano; 5º Estágio - Cordão verde-azul (aluno) permanência 1 ano; 6º Estágio - Cordão amarelo-azul (aluno Instrutor) permanência 2 anos; 7º Estágio - Cordão verde-amarelo-azul (aluno Formado) permanência amarelo-azul de 2 a 3 anos; 8º Cordão branco-verde (Monitor) permanência de 3 a 5 anos; 9º Cordão branco-amarelo (Professor) Título postulado pelo trabalho realizado na Capoeira; 10º Cordão branco-azul (Contra Mestre) Título postulado pelo Mestre responsável do Grupo; 11º Cordão branco (Mestre) Título postulado pelo reconhecimento dos Mestres mais antigos da Sociedade Capoeirista. Fonte: Confederação Brasileira de Capoeira (CBC).

Figura 25 - Corda amarela



Fonte - Acervo pessoal

Significa a valorização do aprendizado

Figura 26 - Corda azul



Fonte - Acervo pessoal

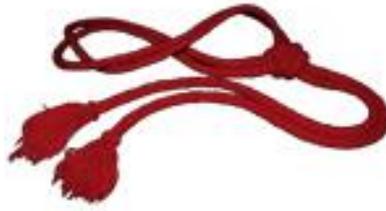
Quer dizer que o praticante precisa continuar a percorrer o caminho do aprendizado.

Figura 27 - Corda branca



Fonte - Acervo pessoal

Nessa fase, a sabedoria, paciência, humildade, capacidade de superação está presente no praticante.

Figura 28 - Corda vermelha

Fonte - Acervo pessoal

Significa maturidade a fim de o praticante julgar com justiça as ações vindas sobre ele.

Os treinamentos ou reuniões acontecem, no mínimo, duas ou no máximo três vezes por semana, salvo quando tiver mudanças de cordões. Além da complexa doutrina na capoeira há conselhos sobre o comportamento dentro do recinto dos treinamentos e em sociedade, dados pelo instrutor, no caso o mestre de capoeira, o Senhor Givaldo Lima Mota. Na ausência do instrutor assume as aulas a Professora Deronildes Santos Oliveira. Antes de iniciar o jogo da capoeira, o mestre geralmente acompanha o aprendiz e, de mãos dadas circulam a roda a fim de conhecer a todos e fazer com que o aprendiz se sinta mais familiarizado. Para que o iniciado em capoeira possa compreender corretamente o ataque muitas vezes é transmitida a defesa dos golpes com o propósito do “novato” perceber que mais comum que dar golpes é se defender deles; e tudo isso é feito com movimentos graciosos, quase que em câmera lenta para que todos vejam a manha a ser absorvida pelos participantes que estiverem no momento. O pesquisador Frederico José de Abreu (1999, p. 20) defente que:

Diferentemente de hoje em dia, quando é mais freqüente se iniciar o aprendizado através de séries repetitivas de golpes e movimentos. Antigamente o lance inicial poderia surgir de uma situação inesperada, própria do jogo: um balão boca-de-calça, por exemplo. A partir dele se desdobravam outras situações inerentes ao jogo, que o aprendiz vivenciava orientado pelos ‘toques’ e conselhos do mestre.

O iniciante poderá aprender uma sequência de golpes, tais como bônção, armada, chapa, meia-lua de frente, queixada, rabo de arraia, meia lua, salto mortal, martelo, como também são ensinados os principais contragolpes a fim dos praticantes não se machucarem ao se protegerem durante os ensaios como a esquiva, a cocorinha, a queda de quadro os quais são movimentos defensivos. Trata-se de um estilo em que a ginga, a malícia e o antecipar dos golpes do capoeirista da roda faz com que essa técnica esteja presente na maioria das rodas de capoeira do país. Entretanto, é bom esclarecer o seguinte: o praticante de, mesmo ao aprender as técnicas de um estilo pode absorver tranquilamente as técnicas de outro estilo, mas tem que

respeitar o estilo da academia de onde aprendeu, e se portar tal como quando estiver em uma roda. O pesquisador e capoeirista Pedro Rodolpho Jungers Abib (2006, p. 96) defende que:

A capoeira angola, ao buscar constantemente os vínculos com essa ancestralidade africana, e também com a ancestralidade que tem como referência os tempos de escravidão no Brasil e, posteriormente, os tempos remotos da capoeira de rua, das desordens e vadiagens, procura estabelecer o elo entre o seu passado ancestral, o seu presente constituído e o seu futuro enquanto possibilidade concreta de afirmação social, cultural e política. Manifesta-se, assim, principalmente a partir do ritual da roda, a noção de circularidade do tempo na capoeira angola, e os processos de aprendizagem presentes em seu universo acabam por serem também, em certa medida, influenciados por essa concepção de tempo.

A capoeira pode ser vista como uma expressão cultural aliada às artes que faz com que o participante dela se veja como uma parte promissora da população. Isto é, quanto mais houver ensaios e discussões mais ainda a percepção de cada capoeirista poderá se desenvolver de maneira positiva e progressivamente como cidadãos.

A família do praticante pode exercer grande influência para todo o grupo uma vez que os pais ou responsáveis se identificam com ela, e se tornam – à medida que se fazem presentes nos treinamentos, reuniões e apresentações ou batizados – parte de todo o processo de absorção de técnicas que levarão para toda a vida. A capoeira em Araci resiste desde o ano de 1812⁴⁰ até os dias atuais, muito embora não haja registros que discutam as localidades onde os negros escravizados a praticavam ocultamente a abertamente. O fato de existir uma filial do Gangara em Araci se dar em vista de inúmeros benefícios conseguidos por dissidentes de outros grupos: Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), reconhecimento como utilidade pública, visibilidade municipal, estadual e federal, especialmente, etc. – conquanto o presidente é confrontado por muitos associados a fim de criar o próprio grupo, e não ter dependência da matriz em Salvador.

Nota-se que a capoeira é marcante em todo o município, nos espaços públicos como praças, escolas, associações de moradores, etc., marcando assim resistências em muitos lugares tanto na zona urbana quanto na zona rural, a capoeira existe. Ela funciona como eco de pessoas que vêm nela um motivo de satisfação pessoal, orgulho e sentimento de pertencer a um grupo onde as individualidades são respeitadas por todos os praticantes e observadores,

⁴⁰ Muitos relatos afirmam que os negros do Povoado do Rufino tenham se reunido, muito antes da fundação da cidade de Araci; e dançavam e faziam malabarismos como se estivessem se preparando para a luta ou a inda se defendendo de um provável agressor. O que hoje é visto por capoeira, no passado era vista como luta. Foi procurado documentos no Centro Cultural de Araci (CCA), no Centro de Documentação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB, Campus XIV) em Conceição do Coité que corroborassem com essa narrativa popular, mas não foram encontrados.

fazendo dessa maneira atual de jogar à maneira dos ancestrais, que se protegiam dos ataques dos senhores. Há muita luta a fim de que possam existir relevantes melhorias para o povo negro, sobretudo para os que são da capoeira.

Figura 29 - Treinamento do Grupo de capoeira Gangara



Fonte - Acervo pessoal da Professora Deronildes Santos Oliveira

A capoeira é, talvez, uma das melhores expressões oriundas das religiões de matriz africana, que está mais próxima da sociedade, e possivelmente aceita por ela. Um exemplo disso é o Programa Mais Educação⁴¹, do Governo Federal através do Ministério da Educação e diz respeito às práticas da capoeira nas escolas públicas do Brasil. Nelas o estudante que deseje participar deverá fazê-lo em um turno oposto ao que ele estiver regularmente matriculado. Muitos estudantes acreditam ser essa uma excelente oportunidade para praticar atividades físicas e, de certa forma, unir o desejo de aprender com o espaço público ofertado.

Conforme os ensinamentos do mestre de capoeira Givaldo, “a gente precisa estar atento para não sofrer mais do que o necessário. A gente precisa estar junto para ser mais forte”. Isto é, o capoeirista do Grupo Gangara não pode ser visto pela sociedade local como mais um “que joga capoeira”, ele precisará ser enxergado como um cidadão aparentemente consciente de suas obrigações, que tenha em mente razões pelas quais não venham a negociar o seu direito de ser humano e com identidade bem definida na família, na sociedade e nos espaços públicos ou privados. Isso porque em muitos lugares na Bahia, a figura do capoeirista

⁴¹ Esse Programa Mais Educação foi criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10. Trata-se de uma iniciativa do Ministério da Educação no intuito de possibilitar o aumento da jornada escolar e a organização curricular no que se diz respeito à educação integral. Caso as escolas das redes públicas de ensino estaduais, municipais e do Distrito Federal desejem participar será necessária a fazer adesão ao referido programa “e, de acordo com o projeto educativo em curso, optam por desenvolver atividades nos macrocampos de acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes [...]”. O ensino de capoeira nas escolas está inserido nesse segmento. Fonte: Ministério da Educação.

não era vista positivamente pela sociedade, principalmente pelos agentes policiais “mesmo depois de abolida a escravidão, os capoeiristas continuaram a sofrer perseguições da polícia e eram mal vistos pela sociedade.” (OLIVEIRA, 1989, p. 22). Mas até então, em Araci, casos que denotem perseguição de capoeiristas não são relatados. Isso pode ser constituído como um avanço significativo.

Não seria exagero afirmar que o Governo Federal se preocupa em ofertar um ensino voltado para a reafirmação da cultura de maneira geral. A capoeira então é a grande beneficiada depois de diversos anos de exclusão social. Programas como esse valorizam as práticas desportivas e culturais nas escolas públicas e motivam aos praticantes de capoeira com bolsas e recursos financeiros para custear os seus estudos a fim de melhorarem as condições de vida pessoal e familiar. Sem dúvida, é um dos avanços do Governo Federal Brasileiro: oportunizar condições de acesso ao conhecimento no mesmo momento em que se pretende proporcionar ganhos financeiros para quem ensina a capoeira sem ser efetivamente mestre ou professor de capoeira, mas um orientador capaz de transmitir conhecimentos.

Até a presente data, além do Grupo de Capoeira Gangara, existe em Araci outros mais quatro grupos de capoeira de muita expressão (Capoeira filhos de São Jorge, Grupo de Capoeira Griô, Grupo de Capoeira Kilombo dos Palmares, Grupo de Capoeira Cidadã Arte e Cultura) e que não se farão menções neste pequeno trabalho, embora a presença deles nos dias de festa seja aceita com entusiasmo, até porque aumenta a interação de um grupo com os demais no sentido das cantigas, das manhas, da presença e dos toques dos instrumentos como atabaques, pandeiros, e, especialmente os berimbaus os quais exercem bastante influência neste tipo de expressão cultural que aumenta a participação de todos que assistem ao espetáculo.

A capoeira é complexa e sofisticada, pois a maioria dos praticantes a vêm mais que uma arte a ser praticada em favor da saúde do corpo. Ela transcende os limites dos ensaios e, fora do lugar onde se aprende, poderá ocorrer diversas modificações positivas nas vidas do capoeirista: um exemplo bem clássico do capoeirista do Grupo de Capoeira Gangara é a de que o/ a integrante não se envolve em problemas dentro da família ou da sociedade, porém, caso haja algum problema nesses setores e o capoeirista não possa resolvê-lo caberá ao mestre buscar ajuda necessária. Objetiva-se, com isso, proporcionar ao capoeirista um sentimento de identidade dentro da capoeira, mas com todas as atenções voltadas para a família e a sociedade, sobretudo. Não há espaços para a ingenuidade nas interações entre os participantes, pois os ensinamentos são transmitidos oralmente e sem nenhum rodeio e, a todo instante, o

mestre Givaldo pergunta: “entendeu pessoal”? “Alguma dúvida ficou”? “Tranquilos”? De maneira que todos fazem, na maioria das vezes, o sinal de “positivo”!

Nessa direção, a capoeira parece estar além das convenções que a sociedade prega, isto é, cada pessoa deve responder por seus atos. Todavia, o capoeirista pode não se sentir sozinho fisicamente, e se for o contrário, nos treinamentos, ele é ensinado a contar com as forças dentro dele e vinda de outros ancestrais que provavelmente estarão zelando-o em todos os momentos. Ao fazer ilação sobre o que Carybé achava sobre a capoeira angola, podendo retratá-la com as imagens, o pesquisador e capoeirista Luís Vitor Castro Júnior (2012, p. 199) faz uma analogia acerca da arte da capoeira enquanto tal:

A imagem aparece como enigma, que é a própria sombra dependente da luz, a possibilidade de descobrir aquilo que não se sabe, que é diferente daquilo que se esconde; constitui-se a força de comunicar sem as palavras. Portanto, é aquilo que não se explica, mas que está posto, presente de maneira intensa nas falas dos baluartes da capoeira ao se reportar à capoeira [...].

Nesse mesmo sentido, as expressões visuais ou ainda expressões corporais do capoeirista o fazem ser notado quer seja pela elegância do jogo, quer seja pelo conjunto de toda a expressão cultural. A capoeira ultrapassa barreiras e, de certa forma, faz com que tanto brancos quanto negros sejam vistos, no jogo, como iguais; como filho do mesmo mestre e como pertencentes a uma mesma nação angolana. Na roda de capoeira não há discriminação de magro ou gordo, alto ou baixo, fraco ou forte – todos se mostram como iguais. E na festa organizada pelo Grupo de Capoeira Gangara, em Araci, pode-se perceber que essa interação é elevada a um ponto mais alto a fim dos presentes notarem que o respeito, a honra, a honestidade, a organização e o valor a ser dado ao irmão no jogo fazem a celebração ser mais coletiva.

Outra interação possível, para haver entretenimento entre o grupo de capoeiristas, consiste na ida dos membros até o Povoado do Poço Grande, por ter nesse local um centro de lazer coletivo, e pode ser possível priorizar as relações entre os membros do grupo, de maneira que cada um exercite o sentimento de união provado muitas vezes pelos ancestrais que não desfrutavam de condições financeiras. Eles se ajudavam à medida que presenciavam adversidades, vencendo-as. A foto abaixo ilustra o local para onde os cidadãos aracienses costumam ir aos fins de semana ou feriados:

Figura 30 - A praia de Araci – Açude do Poço Grande – 18 km da Sede



Fonte - Mário Karvalho

O Açude do Poço Grande é também celebrado como a “praia” dos aracienses, pois já se tornou convencional afirmar que esse povoado detém a maior quantidade de água salobra armazenada de todo o município, e o maior reservatório de água de toda a região sisaleira, fazendo de Araci um centro turístico aproveitado muitas vezes inapropriadamente pelos usuários.

3.8 Presença feminina na capoeira em Araci

A convivência com os capoeiras poderia representar para elas a própria aprendizagem das habilidades com o corpo e da utilização de instrumentos de capoeiragem. Era desse modo que se formava a mulher capoeira, especialmente no uso que fazia do próprio corpo. Bem longe do modelo de comportamento feminino ideal que lhe era imposto (OLIVEIRA; LEAL, 2009, p. 160).

O estudo de gênero não é, de certa forma, tão simples quanto se apresenta, uma vez que é subjetiva à aceitação de posicionamentos negativos cultivados pela sociedade. Essa, por sua vez, para desconhecer as características pessoais. Depois de sucessivas análises bibliográficas concernentes a gênero foi possível observar quão extensas são as questões identitárias, como as qualidades, o jeito de ser e agir da maioria das pessoas do sexo feminino principalmente as quais a sociedade a todo o tempo observa, pois dela é de onde parte a visão de menino, menina; garoto, garota; homem, mulher e, compreender essas e outras transformações é bom para todos.

Figura 31 - Presença feminina na capoeira

Fonte - Acervo pessoal

Pode-se, então, salientar que as mulheres contribuíram, e muito, para o desenvolvimento econômico, político e cultural do Brasil, como também nas manifestações coletivas a fim de assegurar direitos de participar da evolução de todos os setores da economia do país. Com isso, elas possibilitaram avanços no campo singular e plural no que se diz respeito ao gênero em sociedade, o que as reafirmaram em posições antes ocupadas prioritariamente por homens. Sem dúvida, há avanços significativos para as mulheres, sobretudo em território nacional.

O (re) conhecimento da identidade é individual, e pode ser iminentemente percebido como pluralizado quando as pessoas realizam atividades tanto em lugares públicos quanto em privados. Mas é o respeito ao outro que pode tornar visíveis a relação de pessoas. A sociedade está para o gênero, e vice-versa. Por isso, é relevante permanecer nos espaços culturais, e nos círculos da sociedade, pois a discussão de gênero é uma temática da qual se utiliza da valorização individual e coletiva. Entretanto, a construção de uma mentalidade, onde a vontade de poucos administradores não prevaleçam, efetivamente, sobre a vontade de muitos cidadãos, uma vez que as pessoas necessitam ser vistas e reconhecidas como indivíduos atuantes de seus direitos e deveres, e que eles não sejam facilmente enganados.

As discussões sobre gênero é cada vez mais frequente, pois se agigantam as possibilidades de inferências sobre esse assunto. Mas é bom salientar a dicotomia da palavra em questão. Sobre isso, pode-se perceber que o “sexo e gênero não são a mesma coisa, apesar

de se relacionarem”. (AUAD, 2006, p. 20-22). E o gênero aparece nessa concepção como “um conjunto de ideias e representações sobre o masculino e o feminino”. Ao verificar essa sinalização, poder-se-á compreender a existência de interdependência dos seres os quais constituirão suas próprias identidades.

Ao se tratar do gênero no grupo de capoeira, também, pode ser visto como associação ao sexo de cada participante, a visão de que homem é macho e mulher, fêmea, possibilitando referências efêmeras a não humanos, uma vez que a denominação “macho” ou “fêmea” esteja ligada a animais não racionais. Quanto aos seres humanos, no caso homens e mulheres, a denominação mais apropriada, e aceitável – sobretudo no mundo ocidental – é a de menino e menina; homem e mulher.

As mulheres, há décadas, lutam em prol de reconhecimento nos grupos de capoeira e relativa expansão para fora dele, principalmente contra a imposição de conceitos machistas, que empreenderam esforços contra a expansão feminina. A visão que se tem disso é a de que a cultura masculina as impossibilitou de avançarem ainda mais, porém há muita capacidade de restauração e de se auto estabelecimento presentes nelas, pois foram muitos momentos históricos que se passaram, e a presença delas foi determinantes em bastantes aspectos. Sobre esse episódio, a pesquisadora Claudia Natividade Felipe (2006, p. 58) evidencia:

O movimento feminista foi o responsável por muitas modificações culturais, dentre elas, o desenvolvimento teórico do conceito de gênero, dando visibilidade a questões-chave para entender as construções sociais da identidade, o sistema de representação que gera posições-de-sujeito e os mecanismos de poder envolvidos nesta dinâmica [...].

A identidade de uma pessoa pode proporcionar definições transitórias, isso porque a identidade é, em si, singular; e só pode ser pluralizada pelas ações de outros indivíduos que pertençam a grupos em comum e que possam se solidarizar com outros. Como é o caso da capoeira: um participante se identifica com outro através da opção a qual fez em estar no mesmo ambiente de treinamentos, e de praticar golpes, gingas, etc., tornando-se idênticos no andar, no falar, no expor suas ideias a fim de permanecerem unidos.

Para haver gênero é necessário haver uma pessoa, um indivíduo e ações para celebrar a interação de homem e mulher. E para haver essas pessoas é basilar conhecer a cultura dos envolvidos. E a diversidade cultural, enquanto um conjunto de ações individuais e, simultaneamente, mensuradas nas diferenças. Assim sendo, o pesquisador Homi K. Bhabha (1994, p. 34) fundamenta:

Se a diversidade cultural é uma categoria da ética, da estética ou da etnologia comparativas, a diferença cultural é um processo de significação através do qual enunciado sobre ou em uma cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade.

Nota-se a necessidade de compreender a diversidade cultural, compreendendo as diferenças de uma pessoa para outra, pois as vozes⁴² dentro de cada indivíduo precisam se convergir para a convivência pacífica. A paz interior da qual muitos procuram cultivar é uma consequência da atitude pautada nos moldes do bom senso. E esse não pode ser apreendido facilmente, ele precisa ser observado pelos cidadãos para que assim, seja possível a harmonia entre homens e mulheres.

A criança não tem em seu imaginário o conceito de gênero; o saber dela está, muitas vezes, relacionado aos saberes de pais ou responsáveis. Daí ela se apresenta como reflexo do lar; da convivência familiar. A visão recebida por ela é a definição de cada indivíduo mais velho ou mais experiente está dividido em dois blocos antagônicos: menino e menina. Mesmo assim, “[...] se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’” (HALL, 2002, p. 13). Poder-se-ia, então, constatar que os conceitos vão ser construídos com o passar do tempo e, a depender das relações identitárias – esses possibilitarão amplas discussões sobre gênero e sobre cada identidade em si e em relações interdependentes.

Há uma ligação social com a palavra gênero: as ações, como falar, brincar, expressar-se e conviver acontecem na família ou em sociedade, e a interdependência ocorre desde o momento em que há a interação. Até porque uma não subsiste sem a outra: para haver o indivíduo, também, é necessária a presença de alguém, isto é, alguém cujo gênero e comportamento em sociedade propiciará inter-relação. Por isso, a pesquisadora, socióloga Heleieth Iara Bongiovani Saffioti (1990, p. 6-8) enfatiza:

O termo gênero está linguisticamente impregnado do social, enquanto é necessário explicitar a natureza social da elaboração do sexo. O conceito de relações de gênero deve ser capaz de captar a trama de relações sociais, bem como as transformações historicamente por ela sofridas através dos mais distintos processos sociais, trama esta na qual as relações de gênero têm lugar.

⁴² Essa palavra está sendo utilizada como manifestação verbal silenciosa, ou seja, é um pensamento a ser formado dentro da pessoa e que ainda não foi externado para outros indivíduos compreenderem como se dá a comunicação das pessoas.

As relações identitárias na análise de gênero proporcionam entendimentos o quais podem causar transformações históricas, e as pessoas são, de certa forma, protagonistas desse processo. Enfatiza-se por esse motivo: a compreensão de gênero está para a pessoa assim como a pessoa está para a sociedade. Cabe aos cidadãos absorver com as interações e aumentar a possibilidade de compreender a ocorrência da presença feminina no meio social.

Não é possível concordar, em pleno século XXI, com a aceitação de pensamentos ou de grupos com ações insensatas como a tentativa de ridicularizar com o intuito de atingir ou de perseguir as classes minoritárias: homossexuais, negros, mulheres, etc. as quais não logram de qualidade de vida semelhantes a uma pessoa de classe média e alta. De fato, essa qualidade foi, em muitas sociedades, negada – do mesmo modo, as relações humanas também foram, entretanto as mulheres puderam se manter unidas como o foco de se tornarem mais fortes ainda. Dessa forma, a pesquisadora Maria Teresa Citeli (2001, p. 136) deixa transparecer:

Se as sensibilidades de nossa época trazem um certo desconforto diante dos pressupostos sexistas e racistas presentes na obra de cientistas de dois séculos atrás, não podemos nos deixar levar pela ideia de que, nos anos recentes, o avanço inevitável da ciência tenha banido de seus conteúdos os pressupostos que levam à exagerada e seletiva atenção dedicada a identificar diferenças sexuais, que são projetadas como naturais e servem de base a metáforas poderosas.

Um modelo social do passado pode não ser um molde ideal para o presente, nem para o futuro. Cada geração impunha os seus moldes sociais a fim de atender as necessidades das massas: moda, culinária, inclinação, tecnologia, cultura, música, artes, tudo quanto for preciso para possibilitar relativo prazer às pessoas e ganhos financeiros aos gestores públicos e privados.

A prática de uma vida consciente, responsável e de valorações do próximo também deveria ser levada em consideração por todas as pessoas as quais vêm nas interações humanas a realidade de conviver com as diferenças, uma vez que a racionalidade precisa encontrar campo nas interações entre masculino e feminino, fazendo com que a vida seja positiva para a maioria da população, e não para uma pequena parcela da sociedade. Nesse processo, ninguém, senão a própria sociedade, pode ser vista como mero coadjuvante nas inter-relações, mas como protagonistas. Segundo a pesquisadora Magda de Almeida Neves (2000, p. 174):

Não esgota a problemática das relações sociais que representam construções históricas culturais interdependentes e complementares. As relações entre homens e mulheres são vividas e pensadas enquanto gênero masculino e feminino. Não implicam apenas diferenças, mas assimetrias, hierarquias que

expressam relações de poder dispersas e se constituindo em redes nas diferentes esferas da sociedade.

Nota-se que as relações de gênero se apresentam sujeitas às transformações porque estão sob o território da sociedade; e a essa se dispõe a provocar ou a sofrer mudanças; quer seja por imposição de seus envolvidos, por desejo; ou ainda tendência cultural. De fato, os seres humanos mudam e contribuem para existências de sentimentos onde o querer, aliado às circunstâncias pressupunham interdependências. No presente cotidiano, a palavra gênero ultrapassa os estudos da Psicologia, uma vez que há preferência pela historicidade de acontecimentos coletivos, principalmente de acordo aos fatos da rotina diária dos cidadãos, e de como o indivíduo se apresenta; e a pessoa é fruto dessa relação de estudos.

A sociedade precisa de um novo olhar sobre a compreensão da relevância da mulher nos espaços públicos e privados, porque ela faz parte das decisões religiosas, econômicas, sociais de todos os municípios brasileiros, especialmente na cidade de Araci, e a partir de onde possa haver interações humanas, primeiramente. Depois, além desse espaço, partir para outros lugares, como escolas, igrejas, associações os quais possam existir pessoas conscientes de suas presenças positivas enquanto cidadãs a fim de estreitar os laços de afetividade. Seria, então, necessário abandonar olhares fechados, equivocados, discriminatórios e posições de cerceamentos de direitos os quais só semeiam ódio, preconceitos, retrocessos das conquistas e não aceitação de todo modo!

Por isso, possibilitar discussões nos treinos⁴³ é tarefa inerente aos mestres, contramestres, instrutores de grupos de capoeira, pois através deles será possível redimensionar o processo de aprendizagem qualitativa; e voltada para o valor que tem as pessoas. As questões as quais envolvem direitos e deveres são discutidas com seriedade a fim das participantes se orientarem diante da sociedade, pois todos fazem parte dela. A identidade por isso, igualmente, estar no âmbito dessas discussões; e as relações humanas podem alcançar proporções aceitáveis de respeito mútuo.

O grupo de capoeira Gangara, com 83 mulheres dos 148 participantes, de certa forma, consolida os desejos femininos no que tange os direitos delas dentro e fora do local das orientações físicas e verbais – o que estreita muito a convivência dessas com outros membros da entidade. De acordo com dados levantados no local de instrução elas costumam ser assíduas em todos os encontros, além de se mostrarem muito atenciosas, pacientes, dedicadas

⁴³ O treino ou ensaio é o momento pelo qual o contramestre Givaldo Lima Mota, juntamente com os participantes do grupo de capoeira Gangara se reúnem para celebrar o aprendizado, quer seja por disposição de aprendizado ou pela disposição de novos golpes ensinados pelo orientador ou pela absorção desses pelos alunos.

e otimistas ao aprenderem golpes antigos e novos a fim de que a sua permanência seja verificada através da competência, e não por quaisquer outros motivos.

As mulheres perceberam que na capoeira as suas identidades seriam levadas a sério, tendo nela condições de opor resistências aos padrões masculinos estabelecidos há anos, sobretudo a partir do século XVIII – momento esse em que se inicia registros históricos sobre a prática da capoeira enquanto defesa pessoal e luta, depois esportes e, logo após vista como arte. Bahia e Rio de Janeiro são estados onde essa prática teve ênfase, dada às características econômicas e culturais. De certo, a capoeira era praticada nas ruas, terreiros, senzalas para defesa, entretenimento, treino, jogo e exposição de novos movimentos a fim de tornar a prática motivos de orgulho e fortalecimento das identidades das cidadãs que executam movimentos sincronizados.

Homens livres ou escravizados podiam participar das rodas de capoeira. De igual forma, mesmo presentes em uma sociedade patriarcal não é possível aceitar que as mulheres fossem cerceadas de aprenderem com os membros dos grupos ou com os seus próprios parentes. Afinal, ela é descrita a partir de um momento histórico, entretanto como era provável para uma mulher se defender de um homem sem ter conhecimentos práticos de proteção pessoal. Os pesquisadores Josivaldo Pires Oliveira e Luiz Augusto Pinheiro Leal (2009, p. 15) argumentam acerca disso:

instrumento como navalhas, facas e até mesmo cacetes eram frequentemente recursos utilizados por capoeiras e a utilização destes mesmos instrumentos por mulheres torna-se uma primeira pista para a compreensão da possível troca de experiências entre homens e mulheres na prática de capoeira.

Assim sendo, para a mulher negra e distanciada de oportunidades, lutar sempre foi preciso, embora o combate esteja em outras frentes, como no cotidiano, o grupo de capoeira tem recepcionado bem as mulheres, assegurando-lhes voz nas reuniões, decisões importantes ao tratar de assuntos coletivos; condições iguais de acesso a promoções de categorias, ou seja, aprimoramento das técnicas através das mudanças nos cordões. É uma ocorrência relevante – o que reflete primeiramente dentro do grupo e depois em outros grupos de capoeira.

A hierarquia masculina na capoeira é narrada através dos tempos, apesar de que, na atualidade as pesquisas vêm mostrando a presença da mulher como personagem de destaque dessa prática, conquanto seja ainda de forma discreta, porém continuada. A pesquisadora Rosângela Costa Araújo, conhecida por Mestre Janja se destaca no universo da capoeira por sua atuação na Bahia. Mulher, negra e capoeirista há mais de três décadas, além de ser ativista

no movimento social negro e feminista. Por esse motivo, tornou-se influência no que tange à prática da capoeira para muitas mulheres, sobretudo na cidade de Araci, pois a roda onde elas se fazem presentes é vista como um dos momentos em que as apresentações das identidades são percebidas pela sociedade. No cotidiano ela é professora da Universidade Federal da Bahia. A capoeira é uma das formas de resistência em ascensão para as mulheres. As composições de Mestre Janja enaltecem a mulher, o negro e a capoeira:

Capoeira é arma forte
Tava andando pelo mundo
À procura de amor
Mas a vida foi cruel
Só mostrou tristeza e dor
Cada canto que passava,
Tinha muito sofredor.
Vi o meu irmão caído
Cheio de fome, ô lambedor
Roubando, matando outro
Em nome do desamor
Só não é do meu espanto
Que este irmão seja "de cor".
Cada vez que eu caia
Da minha luta eu recordava
Capoeira é arma forte
Quando aqui não diz mais nada
Apesar de tanta dor
Este mundo tem valor
Salve Tateto Mukumbi
camará...
(Mestra Janja)

As mulheres brasileiras têm alcançado vitórias significativas nos diversos setores da economia, tais como: educação, saúde, política, segurança pública os quais estão evidentes na presente geração para que outras mulheres também vejam nessas profissionais do cotidiano suas principais referências, além de outras que já são identificadas como modelos a serem seguidos. Nota-se, com isso, que há bastantes referências na capoeira. Entre as referências femininas na capoeira encontram-se “Maria Pára o Bonde”, “Maria 12 Homens”, “Calça

Rala”, “Nega Didi e Satanás” – essas a partir de 1940 pelas suas forças, persistências, coragem, doação, ginga⁴⁴.

Para que as mulheres pudessem participar do meio predominantemente masculino era necessária muita agilidade, preparo físico e consciência de está em um ambiente em que os seus saberes seriam testados a todo momento, porém de maneira alguma elas retrocederiam. Já no romance de Jorge Amado, *Mar Morto*, está a personagem Rosa Palmeirão, uma capoeirista que se destacava pelas diversas confusões, mesmo assim tinha seus momentos de relativa paz e esperança na vida e no amor, conquanto:

Muita gente pensava que ela só sabia brigar, que a vida para ela era um barulho, a ponta de uma faca, o brilho de uma navalha. Se homem valente vira estrela no céu ela um dia estaria lá entre eles. Mas a vida para Rosa Palmeirão não era só barulho. [...] Todos tinham medo dela, do punhal, da navalha, do seu corpo bem feito. Pensavam que no dia em que ela se zangasse apareceriam o punhal e a navalha, o corpo desapareceria. Nunca a tinham amado sem temor. (AMADO, 1982, p. 54).

Dessa maneira, está nesse cenário feminino, e respeitado entre outras mulheres e homens por causa de suas características de cidadã valente, forte e detentora de rara intrepidez nos golpes e na suavidade dos movimentos. É provável que para as mulheres e capoeiristas seja desafiador manter sucessivos treinamentos, aprendizagens de golpes, defesa e toda a sorte de ginga como elementos indispensáveis à sobrevivência no grupo para que a batalha diária seja vencida dia após dia.

De acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010 a população de Araci é de 51.651 habitantes, sendo distribuída entre homens e mulheres. A população masculina representa 25.940, enquanto que a população feminina é de 25.711 habitantes. Logo, percebe-se que há nesse município mais homens que mulheres, ou seja, 49.78% são do sexo feminino, ao passo que 50.22% são do sexo masculino. Mesmo assim, a presença delas nos grupos de capoeira de Araci vem aumentando gradativamente, embora não seja pertinente abordar a todos os grupos existentes.

⁴⁴ O termo ginga na capoeira remete a um imaginário de conflito e negociação expresso pela ação política da rainha Jinga, no embate com os colonizadores/invasores europeus, e também aos atributos de magia, que segundo histórias da capoeira permitia que aparecesse e desaparecesse durante as batalhas que liderava em África. (ABIB, 2004, p. 117).

3.9 A Oficina de Artes de Araci

As festas afro-brasileiras são o efeito simbólico de um extraordinário esforço de preservação de formas culturais essenciais trazidas de um outro continente e que, aqui, foram recriadas sob condições as mais adversas. Afinal a população negra não veio para o Brasil como imigrante, mas como escrava. (GONZALEZ, 1987, p. 90).

A Oficina de Artes de Araci, fundada em 23 de maio de 1996, com sede à Rua Manoel Justiniano Barreto, 205, Casa, Centro, Araci, Estado da Bahia, sob o comando de Luiz Oliveira de Santana. É uma entidade filantrópica sem fins lucrativos e tem como objetivo proporcionar diálogos com as pessoas através da cidadania sobre a qual muitos aracienses parecem não compreender uma vez que a oficina trata dos assuntos do cotidiano, e de maneira irreverente, passa os assuntos a serem dramatizados para a sociedade sob a forma teatral, tornando conhecidos atos de pessoas públicas ou não. Um dos pilares dessa oficina é a questão da cidadania por essa entidade acreditar nos jovens em sociedade, já que os integrantes muito discutem sobre os seus direitos e deveres.

Figura 32 - Ensaaiando para o arraiá da muié, 2016



Fonte - Acervo pessoal de Luís Oliveira Santana

A história da Oficina de Arte de Araci faz referência à história de Araci, isto é, as festas que ocorreram em todo o município antes de sua fundação muito concorreram para o seu surgimento. As expressões culturais, as apresentações públicas – todas as ações dentro do

município inspiram os membros a se dirigirem para outros municípios próximos da cidade com o intuito de oferecerem contribuições artísticas para os cidadãos. Além dos municípios vizinhos, essa instituição faz apresentações em muitos lugares da Bahia, como Feira de Santana, Salvador, Camaçari, etc., o que leva o nome da Oficina de Artes de Araci para fora do local onde ela está inserida. Isso, também, é motivo de orgulho para os aracienses.

Dentre muitas expressões culturais desenvolvidas pela Oficina de Artes de Araci, tais como reisado, samba de roda, arrasta-pé, teatro, recitais de poemas, literatura de cordel, etc.. O seu ponto alto é o da festa do boi de janeiro, momento em que uma pessoa fica vestida em volta de uma armação representando um boi; passa pelas principais ruas da cidade assustando os velhos, os adolescentes e, sobretudo as crianças –, pois elas são o principal foco do “boi”. Elas, pois, gritam, chamam o boi. Há solicitações de muitas pessoas para que o boi passe pelas numa grande intenção da manifestação de memória cultural e a população. Ela atrai uma quantidade expressiva de crianças e adolescentes que acompanham a festa do “boi festeiro” a fim de que esse não se sentisse só no meio de tanta gente. Desde as primeiras horas de todo o dia 06 de janeiro de cada ano vai chegando uma Pessoa após outra, e quando menos é esperado já consta uma multidão ao redor do “boi”. Todos participam quer com gritos, quer com corridas do “boi”.

Figura 33 - Apresentação na cidade de Salvador



Fonte - Acervo pessoal de Luís Oliveira Santana

Há muito tempo era possível verificar que a maioria das pessoas que participam correndo atrás do boi eram negras, e de que os negros dessa cidade sempre se fizeram presentes nas expressões culturais, um traço marcante é a presença nos samba de roda, na

capoeira, no reisado, na cantoria de modo geral, muito embora os negros aracienses não fossem economicamente bem vistos na sociedade local, embora hoje seja possível notar a existência de alguns negros com condições econômicas positivas em relação aos brancos, e esse fato foi possível graças à educação cedidas pelas famílias desses: medicina, direito, educação, comércio, engenharia, forças armadas – todos esses setores dentro de Araci tem negros aparentemente bem-sucedidos. Nas palavras do pesquisador Luís Vitor Castro Júnior (2014, p. 17), é possível também notar que o negro e artista demonstra bastante paixão por realizar tais expressões culturais:

Entretanto, vale ressaltar que os corpos negros estão presentes, na sua grande maioria, em uma classe social desfavorecida economicamente, mas que são sujeitos orgânicos, nos quais colocam uma gama de situações estéticas e políticas do corpo na arte de fazer. Levando-nos a acreditar que, além da submissão e subjugação simbólica e material que passaram e passam, teimosamente, demonstram feições e expressões de muita alegria, sagacidade e fecundidade.

Sendo assim, os corpos negros de Araci fazem da cultura expressões suas identidades, conquanto as elites locais nunca desejassem que as festas fossem realizadas por acreditarem que representavam balbúrdia desordem e refúgio de súcias, vagabundos e malandros. Se tivessem sido mais competentes, as elites teriam destruído tudo. Não haveria memória cultural a ser comemorada. Estas manifestações somente existem porque são o único brinquedo, diversão e local de prazer dessas comunidades e populações perseguidas. Sem dúvida, é uma cultura rica, complexa e sofisticada a qual existe há mais de um século no município.

As festas seguem eternizando o que os ancestrais faziam com força e alegria: expressões culturais. Elas unificam o povo, fomentando o orgulhoso de participar dos eventos. A Oficina de Artes de Araci não fica a parte da problemática da falta de apoio dos poderes públicos, porém para minimizar a ausência da administração pública às vezes celebra convênios com órgãos estaduais e com o governo federal, e isso impacta positivamente nas apresentações, como é o caso da quadrilha junina.

O território criado pelos participantes pode ser visto como patrimônio imaterial dele, pois à medida em que vão aos ensaios e se apresentam publicamente adquirem saberes, e vão acumulando mais saberes de maneira em que eles saibam muito mais acerca de expressões culturais que imaginam, e utilizam seus corpos com tamanhas sincronia e eficiência que um cidadão que não pratique esportes e seja totalmente entregue ao sedentarismo. É muito relevante para o jovem araciense perceber o mundo em sua volta, procurar interpretá-lo para

conseguir modificar as interações sociais e torná-las também positivas para si mesmo e provavelmente para outros cidadãos também. Tem sido, até a presente ocasião um enorme desafio para as artes em Araci: possibilitar aos jovens que haja maior preocupação com o coletivo, e não só com as individualidades.

Enfim tudo o que possa contribuir positivamente ou negativamente para o crescimento da mentalidade do jovem que esteja sem acesso à informação, ao conhecimento e sem ter condições iguais de oportunidades nas esferas públicas ou privadas. Afinal, estuda-se para conhecer e, no geral, estuda-se para mudar de vida e influenciar, de certa forma, a vida de outras pessoas que residam próximas ou na mesma cidade com o propósito de minimizar as exclusões sociais, possibilitando, com isso, avanços qualitativos na vida da maioria das pessoas.

De certa forma, a narrativa presente nas expressões tem a ver com o discurso existente no cotidiano de todo participante do grupo de teatro, razão pela qual as dramatizações feitas nas feiras livres e nos espaços fechados. Em muitos casos pode ocorrer que a dramatização é a encenação da vida real, e a vida real perpassa pela convivência dos membros. Há nisso o desejo mais profundo de tornar mais coletivo os acontecimentos dos cidadãos de determinada faixa etária, de grupos sociais distintos e de religiões diferentes.

Os corpos, com isso, mostram necessidade de experimentar espaços cada vez mais inéditos de onde a maior interação seja a vida em comunidade e em consonância com as características comuns de cada cidadão. Os nossos comportamentos podem ser percebidos de maneira positiva quando o interlocutor os vê de forma positiva, por outro lado os costumes dos cidadãos podem ser, de alguma forma, repelidos ou censurados pela sociedade quando não entendidos em sua dimensão. Dentro da Oficina de Artes de Araci é trabalhado muito o conceito de cidadania, e na valorização das pessoas enquanto cidadãos que se apresentam nos espaços públicos tal qual nos espaços privados. A identidade dos integrantes pode ser notadas a partir do momento em que eles se expõem dentro do contexto social, fazendo com que seus corpos sejam canais de expressões artísticas.

O teatro local também possibilita a resistência contra a opressão sofrida por cidadãos que viveram antes das pessoas as quais estão nessa geração, fazendo com que esta geração possa repensar na contribuição deixada pelos ancestrais que queriam mais liberdade, convivência pacífica e prosperidade para todos. Pode-se perceber que ao encenar uma peça teatral os artistas a faz olhando para o passado estando eles no presente e tentam idealizar um futuro possivelmente atingível para todas as classes. Nisso, seria a população a maior beneficiária desse processo de interação social: de um lado a existência de causas e condições

das pessoas; de outro a realização, mesmo que de forma dramatizada, de seus atos através do uso do corpo, da fala e de quaisquer mecanismos utilizados para externar as sensações humanas. É preciso, com isso, buscar o equilíbrio a fim de haver melhores relações entre as pessoas para haver aumento de satisfações coletivas e, dessa forma, existir um pensar mais positivos do humano para o humano.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se contribuir para com a sociedade araciense, através desta pesquisa, uma vez que é há poucos estudos relacionados à presença negra no referido Município de Araci. À medida que foram pesquisados os materiais: referências bibliográficas as quais dizem respeito à cultura negra, documentos de venda de negro, certidão de casamento de negros, objetos de trabalhos domésticos os quais disponibilizaram pistas (orientações) acerca da presença negra no local, até agora, pode-se perceber que os negros e as negras contribuíram bastante para o avanço do Município de Araci, Estado da Bahia, o que possibilitou saberes da cultura entre os negros e os nativos presentes em Araci para esta geração ou para a geração seguinte.

Com esta pesquisa, pretende-se disponibilizar informações a fim de que os negros percebam que é bom saber acerca de como viviam os seus antecessores, e que eles foram marcantes no trabalho diário, na luta para alcançar as liberdades dadas às forças políticas e religiosas no ponto de vista de que o ser humano não é igual nem diferente do outro ser humano, mas que é necessário à discussão do quadro em que se encontra o negro na comunidade, sobretudo no município de Araci, para não se perder o que foi conquistado há séculos: a liberdade.

As cidades vieram a ter existências a partir do instante em que o homem se preocupou em estocar alimentos e a viver em relativa segurança ao lado da família e dos principais produtos para a subsistência; outras famílias vieram também com o mesmo pensamento e, dessa forma, as sociedades foram criadas, em suma, para proporcionar comodidade às pessoas a fim delas abandonarem a vida de nômades, ou seja, deixaram de lado as longas viagens, as caçadas constantes para se abrigarem nas cidades.

Ao fazer analogias com o surgimento das cidades, pode-se perceber que a cidade de Araci, ao lado de outras cidades brasileiras foram construídas através dos esforços de homens e mulheres que queriam um lugar onde fosse seguro tanto para eles quanto para as famílias vindouras. A necessidade de buscar um ambiente propício para manter vivos animais e seres humanos fez com que o fundador de Araci desejasse expandir técnicas de armazenamento de água para outros lugares próximos à cidade “Mãe do dia” e que contribuiu para a sobrevivência de muitas pessoas.

A cidade de Araci está próxima a 40 Km da cidade de Serrinha, essa última é mais desenvolvida, e exerce relativa influência comercial sobre as demais cidades da região sisaleira. De certa forma, a história de Araci pode ser descrita através da história onde fé, luta e arte, e essas estão ligadas por natureza às pessoas da cidade araciense, pois elas podem se

mostrar por meio das expressões de cultura em toda a parte do referido lugar, quando tornavam públicas as formas de interação humana, artísticas e religiosas e, além disso, faziam de seus corpos o centro de identidade de onde poderiam compreender melhor as atividades de seus ancestrais.

As influências, como as imposições sociais as quais os homens que têm o poder, denominados de opressores, sobre os cidadãos que não têm o poder, denominados de oprimidos, podem causar distanciamentos nas interações humanas. A relação entre esses opostos, opressores X oprimidos, foi percebida em todo o Brasil Colônia, principalmente, – embora haja relações parecidas em muitas partes do Brasil. Mas, é no Estado da Bahia – em especial no município de Araci, que essa interação esteve mais presente antes, e no cotidiano, embora muitos desejem ficar calados sem tomar a luta para si mesmos, como foi o caso de poucos habitantes de Araci que se envolveram diretamente na luta pela sua emancipação política, o que levou muitos anos até a libertação definitiva, conforme amplamente discutido na obra de Lima (1985).

A comunicação com interferências pode influenciar os cidadãos para uma tomada de decisão equivocada ou acertada, em vista disso mesmo, é comum nas religiões de matrizes africanas o aprendizado através da oralidade a fim de observar os acontecimentos passados e, dessa forma, poderá ser possível obter conhecimentos para serem aplicados no cotidiano dos cidadãos, uma vez que grande parte das pessoas tem o desejo de se ajustar, isto é, adaptar, acomodar, harmonizar, às normas sociais para viver em paz com os outros cidadãos, principalmente quando um deles se destaca para conseguir o suficiente para viver, para ser visto perante aos demais membros da comunidade como um cidadão que já provou ter sucesso, e por isso se destaca.

Outra situação a ser exposta é a quebra da liberdade dos negros; quer seja física ou não; pode fazer com que milhares de negros ainda cativos, espalhados pela Bahia, sintam-se impotentes em virtude das forças e conhecimentos serem aparentemente pequenas. Mas, na verdade, o negro sempre foi forte, e nunca se curvou aceitando, dessa maneira, o sofrimento. O corpo físico, para algumas culturas, sobretudo, a cultura africana, pode ser visto como cativo, ou seja, prisioneiro, mas na mente por onde circula a sensação de ser/ estar em completa liberdade que o sentimento de pertencimento ganha notoriedade nas relações entre o negro e o não negro, e essa relação é complexa.

O conhecimento obtido através das práticas religiosas poderá direcionar ou não o praticante da religião de matriz africana para uma vida social de harmonia com os cidadãos de outras religiões. Para isso, foi preciso apreciar as declarações do “pai maior” do Ylê Axé no

que se dizia respeito à rotina da “casa” para que os filhos e as filhas de santo tivessem interações sadias fim de proporcionar o debate sobre o assunto anteriormente mencionado. Procurou-se trazer à tona a fundação do Ylê Axé Jitolobi como instituição de ajuda espiritual e social à população do município de Araci, Estado da Bahia, bem como sua relevância na cultura desse mesmo município, com influências também na vida dos praticantes de candomblé de outros municípios, como Salvador, Feira de Santana, Santa Bárbara, Serrinha, Biritinga, Candeias, Santo Antônio de Jesus, Cachoeira, etc. e os praticantes desses municípios os quais vêm participar da festa cultural nos meses de Maio, Junho, Julho, Setembro.

Foram descritas situações que compõem essa expressão cultural a fim de estabelecer um elo entre a os participantes da festa e à identidade cultural para a permanência dessa prática consagrada pela tradição, e que há décadas existe no município de Araci. Com isso, desejou-se descrever a principal festa do Caboclo Boiadeiro, vista como a maior celebração religiosa no município de Araci, com atenção voltada para os praticantes do candomblé, do Ylê Axé Jitolobi e de outros terreiros. Para melhor descrição foi feita a observação na comemoração dessa festa e com as leituras dos principais teóricos que estudam o candomblé na Bahia com a intenção de torná-lo mais conhecido e menos combatido entre as populações não praticantes dessa matriz religiosa.

Os adeptos dessa religião aprendem a grande maioria dos fundamentos através da oralidade visto que estão próximos um dos outros no cotidiano, saudando-os entre si e estabelecendo vínculos familiares aparentemente consolidados, o que faz dessa religião um modelo a ser copiado, principalmente no que tange ao respeito e à solidariedade entre os praticantes. Com isso, foi possível descrever a finalidade dos recursos da oralidade no aprendizado dos praticantes do candomblé a fim desses compreenderem passo a passo o conhecimento da conduta de um filho ou de uma filha de santo tanto dentro da casa onde eles ficam quanto em sociedade, é necessário perceber como se portar em quaisquer lugares, tendo em mente a importância de está representando a religião.

Alguns praticantes são pessoas desempregadas ou de trabalhadores primários, como serventes, pedreiros, eletricitas, garis, etc., entretanto a situação funcional muda gradativamente, e hoje é possível perceber outros trabalhadores: professores, policiais, empresários, dentre outros profissionais, participando ativamente da vida religiosa ao lado de seus irmãos e irmãs de santo. É um avanço considerável, como também é possível notar que uma parte dos praticantes do candomblé é branca, e se expõe igualmente na celebração da festa do mencionado Ylê Axé, fazendo com que a irmandade presente em Araci não seja só a

irmandade de negros, e praticantes do candomblé, mas de pessoas que se assumem como integrantes da religião de matriz africana, não importa a sua etnia.

A luta dos negros não foi pouca nem pacífica para manter a sua autoestima fortalecida, embora muitos elitistas, preconceituosamente, acreditam que os negros ou o povo, ou favelado é pobre, de baixa renda. O espaço para a prática religiosa está consagrado em Araci, e não há como reverter o patrimônio conquistado pelos fiéis, até porque as celebrações anuais, ajuda interpessoal independe das elites de dentro ou não do lugar, mas de todos que estão no trabalho diariamente de fazer da união a maior condutora de respeito mútuo e familiar, pois todos são vistos como pertencentes a uma mesma nação cujo orixá regente é Omulu, e os filhos e as filhas de santo do Ylê Axé Jitolobi lhes deve obediência, em especial, mas também precisam estar atentos s cuidados para com outros orixás que compõem a grande nação do candomblé a fim de celebrar as conquistas dos ancestrais que cultuaram as divindades no passado, e encontraram maiores dificuldades que a presente geração.

REFERÊNCIAS

- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão. **Caderno Cedus**, Campinas, v. 26, n. 68, p. 86-98, jan./abr. 2006.
- ATUAL Igreja Nossa Senhora da Conceição.PNG. Altura: 683 pixels. Largura: 1024 pixels. 96 dpi. 24 BITS. 134 Kb. Formato JPG. Disponível em: <<https://www.panoramio.com/photo/24825802#>>. Acesso em: 7 fev. 2017.
- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira angola**: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. Salvador: EDUFA, 2004.
- ABREU, Frederico José de. **Bimba é bamba**: a capoeira no ringue. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999.
- ALBINATTI, Maria Eugênia Castelo Branco. **Artes visuais**. Artes II. Belo Horizonte. 2009.
- AMADO, Jorge. **Mar morto**. 79. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- AMADO, Jorge. **Mar morto**. 54. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à filosofia. 3 ed. rev. São Paulo: Moderna, 2003.
- AUAD, Daniela. Relações de gênero na sala de aula: atividades de fronteira e jogos de separação nas práticas escolares. **Pro-Posições**, Campinas, v. 17, n. 3 (51), set./dez. 2006.
- AUGRAS, Monique. **O duplo e a metamorfose**: a identidade mítica em comunidades nagô. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CONSELHO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL DA REGIÃO SISALEIRA DO ESTADO DA BAHIA. **Plano territorial de desenvolvimento sustentável do sisal**. Valente, BA: [s.n.], 2010. Disponível em: <http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs_qua_territorio043.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2016.
- BARROCO, Maria Lucia Silva. A inscrição da ética e dos direitos humanos no projeto ético-político do Serviço Social. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, v. 24, n. 79, p. 27-42, set. 2004.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Índice de nomes geográficos**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. v. 1. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv56282.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2015.
- BASTIDE, Roger, **O candomblé da Bahia**: rito nagô. 3. ed. São Paulo, Nacional, 1978.
- BENEVOLO, Leonardo. **A história da cidade**. Tradução de Silvia Mazza. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BENTO, Maria Aparecida Silva; BEGHIN, Nathalie. Juventude negra e exclusão radical. **Políticas sociais, acompanhamento e análise**, n. 11, p. 194-197, 2005. Disponível em:

<http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/politicas_sociais/ENSAIO4_Maria11.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2017.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Tradução de Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Avila, Eliana Lourenco de Lima Reis e Glaucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BHABHA, Homi K. **The location of culture**. London: Routledge, 1994.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Les héritiers**. Paris: Minuit, 1964.

CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de cultos afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Forense Universitária/ SEEC-RJ, 1977.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor Castro (Org.). **Festa e corpo**: as expressões artísticas e culturais nas festas populares baianas. Salvador: EDUFBA, 2014.

CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor Castro. A arte-capoeira nas imagens do “Capeta Carybé”. **Projeto História**, São Paulo, n. 44, p. 115-140, jun. 2012.

CENTRO CULTURAL DE ARACI (Araci). Araci, BA.

CHACINA: 13 mortes em ação sangrenta da PM. **Correio Nagô**, Salvador, 6 fev. 2015. Disponível em: <<http://correionago.com.br/portal/chacina-13-mortes-em-acao-da-pm-baiana/>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

CHAUÍ, Marlena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1994

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique**: experiência colonial e territórios literários. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

CHIAVENATO, Idalberto. **Teoria geral da administração**. 6. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Campus Elsevier, 2001. v. 1.

CITELI, Maria Teresa. **Fazendo diferenças**: teorias sobre gênero, corpo e comportamento. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 1. CFH/UFSC, 2001.

COELHO, Eurelino. **Uma esquerda para o capital**: o transformismo dos grupos dirigentes do PT (1979-1998). São Paulo: Xamã; Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

COLI, Jorge. **O que é arte?** 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

OS ESTÁGIOS da graduação em capoeira. Portal Educação. Campo Grande, MS: [s.n.], 2013. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/educacao-fisica/artigos/48988/os-estagios-da-graduacao-em-capoeira>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

CORREIA, Wesley. **Deus é negro**: da partida, da chegada, da multiplicação. Salvador: Pinaúna, 2013.

COSTA, Sérgio. **Dois atlânticos**: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

DISTÂNCIA da UEFS à cidade de Araci.PNG. Altura: 200 pixels. Largura: 632 pixels. 300 dpi. 8 BIT. 32 Kb. Formato PNG. Disponível em: <<https://www.google.com.br/#q=Da+Uefs+a+araci>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

DURKHEIM, ÉMILE. **A ciência social e a ação**. Tradução de Inês D. Ferreira. São Paulo: Difel, 1975.

DURKHEIM, ÉMILE. **Representações individuais e representações sociais**. In: DURKHEIM, ÉMILE. Sociologia e Filosofia. Tradução de Paulo J. B. San Martin. São Paulo: Ícone, 1994. p. 9-54.

DURKHEIM, ÉMILE. **Sociologia, educação e moral**. Tradução de E. Santos, 2. ed. Porto: Rés- Editora, 2001.

ETNOMETODOLOGIA. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa com acordo ortográfico. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/etnometodologia>>. Acesso em: 8 jun. 2016.

FALEIROS, Vicente de Paula. **A política social do estado capitalista**: as funções da previdência e da assistência sociais. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

FANON, Frantz Omar. **Os condenados da terra**. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz Omar. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FELIPE, Cláudia Natividade. **Masculinidade(s) em foco**: construções discursivas sobre identidade de gênero social. 2006. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFMG, Belo Horizonte, 2006.

FERREIRA, Edson Dias. **Fé e festa nos janeiros da cidade da Bahia**: São Salvador. 2004. 250 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais, Antropologia) – PUC-SP, São Paulo, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Robert Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Terceira carta sobre o assassinato de Galdino Jesus dos Santos – Índio Pataxó. São Paulo: UNESP, 2000. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_pedagogia_da_indignacao.pdf>. Acesso em: 28 out. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Edson. **Na escola**. Intérprete: Edson Gomes e Banda Cão de Raça. 2006. Não gravada em disco. Disponível em: <<http://letrasnow.com.br/e/edson-gomes/na-escola-letra-2/>>. Acesso em: 3 fev. 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Festas populares no Brasil = Popular Festivals in Brazil**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Index, 1987.

GUARESCHI, Pedrinho Arcides. Ideologia. In: JACQUES, Maria das Graças C.; STREY, Marlene N.; BERNARDES, Nara M. G. **Psicologia social contemporânea**: livro-texto. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. p. 89-103.

GUESSER, Adalto Herculano. A etnometodologia e a análise da conversação e da fala. **Em Tese**, Florianópolis, v.1, n. 1, p. 149-168 (1), agosto-dezembro, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/download/13686/12546>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

HALL, Stuart McPhail. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, Stuart McPhail. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALL, Stuart McPhail. **Quem Precisa de Identidade?** In: HALL, Stuart McPhail. Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 103-133.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FUNDO DE DESENVOLVIMENTO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A MULHER. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. 4. ed. Brasília: Ipea, 2011.

LEBRUN, Gérard. **O que é poder?** Tradução de Renato Janine Ribeiro; Silvia Lara. Col. Primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1999.

LEICK, Gwendolyn. **Mesopotâmia**: a invenção da cidade. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

LEITE, Ligia Silva. **Tecnologia educacional**: descubra suas possibilidades na sala de aula. São Paulo: Pontes, 2010.

LÊNIN, Vladimir Ilyich. As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo. In: **obras escolhidas**. Edições Avante! Lisboa-Moscovo: Edições Progresso, 1977. Tomo 1. p. 34-40. Obra em três tomos

LIMA, Maura Motta Carvalho. **História de Araci**: período de 1812 a 1956. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1985.

MELO, Anibal João da Silva. **Filhos da pátria**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). **Mais Educação Campo**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-curriculo-em-movimento-sp-1312968422/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/18724-mais-educacao-campo>>. Acesso em: 7 fev. 2017.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **História**: geral e Brasil. 2. ed. São Paulo: Atual, 2005. Volume único. Col. Ensino Médio Atual.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria de Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, Denise. (Org.). **As representações sociais**. Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 45-66.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOTA, José de Oliveira. **Araci, 200 anos – desde 1812**. Araci, BA: [S.N.], 2011.

MOURA, Gidalti Oliveira. Folha dos Municípios 14 anos. **Jornal Folha dos Municípios**, Bahia, ano 14, n, 1, ed. 103, p. 2, Jan/Fev, 2015.

MUNANGA, Kabenguele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO-PENESB. Rio de Janeiro, 2003. **Palestra**. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>>. Acesso em: 3 fev. 2017.

NABUCO, Joaquim. **O abolicionismo**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

NASCIMENTO, Abdias. **O Brasil na mira do pan-africanismo**. Salvador: EDUFBA, 2002.

NEVES, Magda de Almeida. A reestruturação produtiva, qualificação e relações de gênero. IN: ROCHA, Maria Isabel M. (Org.). **Trabalho e gênero**: mudanças, permanências e desafios. Campinas: Ed. 34, 2000, p. 171-185.

OLIVEIRA, José Luiz. (Mestre Bola Sete). **A capoeira angola na Bahia**. Salvador: EGBA; Fundação das Artes, 1989.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira, identidade e gênero**: Ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil. Salvador: UFBA, 2009.

PASSOS, Carlos Roberto Martins; NOGAMI, Otto. **Princípios de economia**. 5. ed. rev. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005.

PILETTI, Nelson Claudino. **História & vida**: da pré-história à idade média. São Paulo: Ática, 1999.

PONCE, Anibal. **Educação e luta de classes**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil**: a história do levante dos malês em 1835. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

REIS, João José. Presença negra: conflitos e encontros. In: **BRASIL: 500 anos de povoamento**. IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. p. 79-100. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6687.pdf>>. Acesso em: 4 fev. 2017.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Rearticulando gênero e classe social. In: SEMINÁRIO ESTUDOS SOBRE MULHER NO BRASIL: AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS, 1990, São Roque, SP. **Comunicação**. São Roque, SP: Fundação Carlos Chagas. 1990.

SANTOS, Ivair Augusto Alves dos. **Direitos humanos e as práticas de racismo**. Brasília: Câmara dos deputados, edições Câmara, 2013. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/13516/direitos_humanos_santos.pdf?sequence>. Acesso em: 9 fev. 2016.

SANTOS, Joel Rufino dos; BARBOSA, Wilson do Nascimento. **Movimento negro e crise brasileira, atrás do muro da noite**: dinâmica das culturas afro-brasileiras. Brasília, Ministério da Cultura: Fundação Cultural Palmares, 1994.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 41. ed. São Paulo: Autores Associados, 2009.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (Araci). Araci, BA.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. 2. ed. São Paulo, 2002.

SILVA, Gladson de Oliveira.; HEINE, Vinicius. **Capoeira**: um instrumento psicomotor para a cidadania. São Paulo: Phorte, 2008.

SILVA, Elizete. Protestantes e o governo militar: convergências e divergências. IN: ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro (Org.). **Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes**. Salvador: Edufba, 2009. p. 31-51. v. 1. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/verdade/resistencia/ufba_ditadura_militar_na_bahia_1.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2016.

SILVA, Tatiana Dias; GOES, Fernanda Lira (Org.). **Igualdade racial no Brasil**: reflexões no Ano Internacional dos Afrodescendentes. Brasília: Ipea, 2013.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Introdução à revolução brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, Coleção Tendências, 1983. v. 4.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VALLADO, Armando. **Iemanjá, a grande mãe africana no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015**: adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapa2015_SumarioExecutivo.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2017.

ANEXO A – *A história de José Rufino*, de Evanildo Barreto

EVANILDO BARRETO

A história de José Rufino



Edição única

José Rufino

Eu, Evanildo Barreto Oliveira, filho de José Luiz Gonzaga Oliveira, e dona Maria do Carmo Barreto Oliveira, funcionário da Escola Municipal São José, localizada no povoado de Rufino, desde 1997, venho por meio de pesquisa e depoimentos prestados por moradores e idosos do povoado de Rufino, esclarecer a todos um pouco da história e passagem do senhor José Rufino, conhecido como “Rufino” o então escravo.

Com depoimentos mais que vivenciais, consegui escrever um traçado emaranhado da vida árdua do então escravo que deu origem ao nome do povoado que carrega seu nome de batismo de registros de lugarejo publico de Araci.

No entardecer de sexta feira 20/052016, em prosa com minha vó, Josefa da Conceição Barreto, de noventa e quatro anos (94) abordei esse assunto como tema daquela tarde, e nisso conseguir voltar a mais de cento e noventa anos, ou seja, há quase dois séculos (190), onde fiz a seguinte pergunta, mãe a senhora sabe eu dizer pelo menos um pouco da história desse José Rufino? Dai ela confirmou a existência desse cidadão de cor escura, de dentes brancos e alvos, mas com sinais de vida sofrida assim descrevia sua fisionomia. Cidadão apareceu do nada nas proximidades das terras de seus pais aonde chegou a ser visto por ele, dai o pai da minha vó, meu bisavô falecido conhecido por Paulo Barreto, seguiu o então novato por varias vezes pra saber quem era e de onde veio, assim era os costumes do povo que morava ali, até chegar perto da lagoa do tanque grande que existe até hoje, e viu que havia ali, um pequeno barraco erguido com madeiras e de taipa, feito com barro tirado da suposta lagoa do tanque grande.

Encerrando por ali a sua perseguição, Paulo Barreto Voltou pra sua residência que ficava a quase quatro quilômetros de distância, em outras terras a qual apelidada como Tocaia, como nos dias atuais qualquer estranho causa duvida e curiosidade a moradores de qualquer lugar, logo procuram saber da sua procedência.

Os dias iam passando a conversa se espalhando até que aceitado por ali, José Rufino era um negro forte com estatura de 1 metro 70 com braços musculosos rosto arredondado de nariz achatado e lábios carnudos. Sua presença passou a não causar espanto, dai começou a trabalhar como diarista dos donos de roças da região, José Rufino era um cidadão alegre apesar de ter vivido uma vida sofrida, depois de entrosado com o povo da região, José Rufino gostava de pagar promessas de devoção a seu santo, como a sua residência era muito pequena e humilde, Rufino se preparava o ano todo para esse dia.



Ele costumava fazer seus festejos nas casas dos amigos, e assim passou a ter uma grande relação com um morador que também chegou assim como ele migrado de outra região, o senhor Chico Barriga, em suas devoções todos eram convidados, mesmo com a simplicidade e poder aquisitivo precário ainda conseguia sacrificá-lo um do seu criatório conseguido com muito esforço só para fazer uma boa recepção. Todos passaram a gostar de Rufino e assim não lhes faltava o convite e oferta de trabalho na agricultura familiar, naquele tempo segundo minha vó dona Josefa Barreto, a moeda de troca por mão de obra na maioria das vezes era cereais ou animais de criação, como porco, carneiro, gado e até galinhas.

Foi um tempo de povoamento em toda região, assim começou a render os moradores e suas descendências, Chico barriga e sua esposa joaninha, tiveram mais de nove filhos Rufino, assim como ficou conhecido, não teve filhos, teve alguns relacionamentos, mas que não chegou a formar uma família, isso não se sabe o porquê, será vestígios de mais um ser injustiçado pelo preconceito e racismo? Não podemos confirmar.

Todos se perguntavam, porque que não aparece nenhum parente de Rufino? Sabendo do sofrimento e o que o fez está por aqui, transmitia uma sensação de tamanho injustiça o pobre homem.

Em prosa com amigos, Josefa Barreto ouvia dos colegas que Rufino era escravo fugitivo dos engenhos de cana, lá das bandas do recôncavo baiano, que refere se a região de Santo Amaro Simões Filho, sem querer relembrar a sua vida árdua Rufino procurava logo mudar o rumo da proza, interferindo com outros assuntos, cidadão honesto viveu boa parte de sua vida na região, sabe-se que escolheu aquele lugar para ficar por causa da fartura de água que havia ali, e também pelo cansaço de tanto ter andado em passos largos não se sabe por quanto tempo.

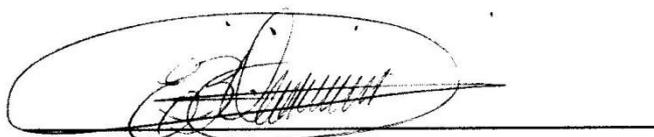
Participou de inúmeros batalhões roubado, com colegas, que era uma atividade que se fazia muito na região.

Batalhão roubado resume-se em um grupo de moradores ou de vizinhos de terra, vê em conversa de prosa a necessidade maior de cada pequeno agricultor, depois sem o beneficiado saber o grupo se reunia em local separado para fazer a combinação para se reunir e o horário, depois de combinados chegava a conclusão que Paulo Barreto tinha pressa em capinar a plantação de mandioca, todos combinados, se reuniam na madrugada e chegava na roça de mandioca e começava capinar até acabar, o dia amanhecia e todos no mesmo rojão e cantando sem parar, até que o dono da propriedade se levantava ouvindo aquela toada lá longe, sem saber o que era de fato.

Depois de vê que se tratava de um batalhão roubado, ai sim chamava a chefe da casa e recomendava que fizesse bastante comida, sacrificava uma reis, e assim se misturava ao bando, e tome-lhe enxada pra dentro. Na maioria das vezes, Rufino, por ser um bom trabalhador estava sempre presente, cidadão de boa conduta, mesmo carregando em sua mente fértil más lembranças, lhe restava ainda solidariedade para poder compartilhar com gente oposta a sua cultura.

Com o passar do tempo, foram chegando mais moradores na região, onde nesse meio chegou a nobre família de dona joaninha, dona joana como era chamada deu a luz a uma ninhada de nove filhos sendo que a maioria deles eram mulheres, prosperando o crescimento do então povoado. Dona Joana, era filha da primeira pessoa que usava a prática da medicina alternativa, e até foi parteira, por isso lhe adotaram o nome de Maria parteira, Maria parteira foi como uma médica plantonista da região a sua vida inteira, podia faltar médico nas grandes cidades, só não faltava na região do Rufino, porquê Maria parteira estava sempre de plantão, quando era acionada, pegava seu jumento e partia em disparada para maios um serviço de parto, tamanho era o ar de alivio quando parentes avistava Maria Parteira descendo do seu jumento e abrindo a cancela da casa onde tinha a pessoa pra entrar em trabalho de parto.

José Rufino, se envolveu em alguns romance mas não chegou a formar uma família, a família passou a ser os vizinhos moradores da região.



Evanildo Barreto Oliveira

ANEXO B – Programação das festas 2016

Programação das Festas 2016 a partir das 20h

JULHO
 21 de Julho - Águas de Oxalá
 23 de Julho - Festa de Oxalá

AGOSTO
 06 de Agosto - Festa de Ogum, Oxossi e Osãe
 13 de Agosto - Omolú, Nanã e Oxumarê Olubajé
 20 de Agosto - Festa das Iabás
 24 de Agosto - Festa de Xangô
 28 de Agosto - Presente Oxum e Iemanjá

SETEMBRO
 25 de Setembro - Festa do Caboclo Boiadeiro (a partir das 10h.)

Pai Geo Agradece
 OLORUM ADUPÉ

ILÊ AXÉ JITOLOBI
 Rua Prisco Paraíso, 478 - Coqueiro - Araci - E
 Tel.: (75) 3266-2392 / (75) 99169-2445



Fonte - Acervo pessoal

ANEXO C – Calendário de festas 2016 (verso)



Fonte - Acervo pessoal